

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CCNE – CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**ETNOCARTOGRAFIA NA COSTA PACÍFICA DA
COLÔMBIA, RE-MAPEANDO A RURALIDADE NO
MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY CAUCA.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Jesica Wendy Beltrán Chasqui.

Santa Maria, RS, Brasil.

2015

**ETNOCARTOGRAFIA NA COSTA PACIFICA DA COLÔMBIA,
RE-MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ
DE MICAY CAUCA.**

Jesica Wendy Beltán Chasqui

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Área de Concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Espacial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia.**

Orientador: Prof. Dr. Cesar De David.

**Santa Maria, RS, Brasil.
2015**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Beltran Chasqui, Jesica Wendy

ETNOCARTOGRAFIA NA COSTA PACÍFICA DA COLÔMBIA, RE-
MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY
CAUCA. / Jesica Wendy Beltran Chasqui.-2015.

155 p.; 30cm

Orientador: Cesar. De David

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2015

1. Cartografia Social 2. Floresta húmida tropical 3.
comunidades negras 4. Pacífico 5. conhecimento local I. De
David, Cesar. II. Título.

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**ETNOCARTOGRAFIA NA COSTA PACÍFICA DA COLÔMBIA, RE-
MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY
CAUCA.**

Elaborada por:
Jesica Wendy Beltán Chasqui

como requisito final para a obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cesar De David.
(Presidente/Orientador)

Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)

Prof. Dr. Nazareno José de Campos (UFSC)

Santa Maria, 9 de Março de 2015.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmãs, Gladys Chasqui, Didimo Beltran, Karine e Sinthia Beltrán, vocês são minha bússola e meu norte, obrigada por seu apoio e amor incondicional, por senti-los tão perto, mesmo quando estávamos tão longe.

Aos meus amigos e colegas, Francy Garcia, Francys Cardenas, Cristian Mendez, Dorlin Bonilla, João Zanon, Leandro Menezes, Tiago Rossi, Marilucia Bem, Joel Gonçalves de Oliveira, Pamela Falconi, Rolando Gomez, pelo seu apoio e ajuda, e pelas palavras de incentivo para não desistir.

A todos e cada um dos Gepetianos, por cada chimarrão, cada sorriso, ajuda e principalmente por me demonstraram que não são necessários laços de sangue para ser parte de uma família.

Ao professor Cesar De David, por ser parte deste desafio, por compartilhar seus conhecimentos e me orientar em cada etapa desta pesquisa.

Desde suas qualidades e estilos acadêmicos, agradeço aos professores e professoras, Carmen Wizniewsky, Vera Maria Miorin, Maria Catarina Chitolina Zanini e André Luis Soares, cujos aportes foram de grande valia para desenvolver e concluir esta pesquisa.

Este trabalho não teria sido possível sem a participação e auxílio da comunidade que faz parte do município de Lopez de Micay na costa Pacífica caucana, e em especial a Evaristo Viveros, Abundio Campaz, Antonio Torres Riascos, e David Ardila, por seu tempo, por cada história compartilhada e por possibilitar aprendizagens sobre o Pacífico em suas diversas dimensões.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, pelo apoio financeiro e a Universidade Federal de Santa Maria, pela oportunidade de realizar este mestrado.

Finalmente, devo agradecer a todos aqueles que têm sido parte desta aventura, aos de perto e aos de longe, a todos os que tenho encontrado ao longo deste caminho e nestes anos morando no Brasil, por compartilhar sua cultura, seu tempo, suas alegrias, momentos inesquecíveis. Espero rever a cada um de vocês neste imenso mundo cheio de magia.

Sem dúvida alguma a Geografia tem dado o mapa como guia, mas mais importante tem me ensinado a grafar a vida com grandes experiências que ficam no coração. Muito obrigada!

SELVA

*Que hermosas selvas
Se mira desde el rio
Árboles frondosos
Que dan mucho sombrío*

*Se encuentran sombríos
Y muchas llanuras
También brincan sapos
Con gran frescura*

*La selva es bella
Con múltiples aves
Donde unas se comen
Otras no se sabe*

*Selvas selvitas
Selvas selvotas
Se encuentran unidas
Parecen mascotas*

María Onoris Arboleda

(Professora do município de Lopez de Micay, e compositora de arruyos e alabaos).

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Universidade Federal de Santa Maria

ETNOCARTOGRAFIA NA COSTA PACÍFICA DA COLÔMBIA, RE-MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY CAUCA.

AUTORA: JESICA WENDY BELTRÁN CHASQUI

ORIENTADOR: CESAR DE DAVID

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 9 de março de 2015.

A Etnocartografia na Costa Pacífica da Colômbia é uma pesquisa que tem como área de estudo o Pacífico Caucano e mais especificamente o município de Lopez de Micay. Por suas características de floresta úmida tropical, por sua grande biodiversidade, por albergar comunidades ancestrais negras e indígenas, pela pobreza e pela violência armada, o Pacífico se converte em um lugar único, sendo este o ponto de partida para as nossas reflexões sobre a ruralidade na contemporaneidade. A Cartografia Social como metodologia, representou um instrumento central para revelar o conhecimento local sobre o uso do espaço de floresta por parte das comunidades negras, sendo este o grupo étnico de estudo. Dessa forma o objetivo central se focou em analisar e reconstruir com a comunidade afrocolombiana, por meio da Cartografia Social, o conceito de Ruralidade, o qual teve como resultado os encontros e desencontros entre o saber local e saber da “ciência”, mostrando que esta última carece de ferramentas e elementos de análises para poder explicar a ruralidade neste espaço. Portanto, o rural, desde a perspectiva das comunidades negras, será ressignificado com espaço de vida e de trabalho, explicado através da realidade vivida de seus moradores, como resultado dos séculos de convivência com a natureza, o que lhes tem permitido adquirir conhecimentos únicos sobre seu entorno selvático, ao qual se tem denominado como floresta úmida tropical, uma categoria espacial do espaço rural. Destaca-se que a porta de entrada deste trabalho de observação e mapeamento se fez através da tradição oral e das testemunhas de seus habitantes o que revela seu conhecimento inestimável sobre a floresta.

Palavras chave: Cartografia Social, Floresta húmida tropical, comunidades negras, Pacífico, conhecimento local.

RESUMEN

Disertación de Maestría
Programa de Pos Graduación en Geografía
Universidad Federal de Santa María

ETNOCARTOGRAFIA EN LA COSTA PACÍFICA DE COLOMBIA, RE-MAPEANDO LA RURALIDAD EN EL MUNICIPIO DE LÓPEZ DE MICAY CAUCA.

AUTORA: JESICA WENDY BELTRÁN CHASQUI

ORIENTADOR: CESAR DE DAVID.

Fecha y lugar de la sustentación: Santa María, 9 de marzo de 2015

La Etnocartografía en la Costa Pacífica de Colombia es una investigación que tiene como área de estudio el Pacífico caucano, específicamente el municipio de López de Micay. Por sus características de selva húmeda tropical, por su grande biodiversidad, por albergar comunidades ancestrales negras e indígenas, por la pobreza y por la violencia armada, el Pacífico se convierte en un lugar único, este es el punto de partida para las reflexiones sobre la ruralidad en la contemporaneidad. La Cartografía Social como metodología, representó un instrumento central para revelar el conocimiento local sobre el uso del espacio selvático por parte de las comunidades negras, siendo este, el grupo étnico de estudio.

De esa forma el objetivo central se foco en analizar y reconstruir con la comunidad afrocolombiana, por medio de la Cartografía Social, el concepto de Ruralidad, el cual tuvo como resultado los encuentros y desencuentros entre el saber local y el saber de la “ciencia”, mostrando que este último carece de herramientas y elementos de análisis que puedan explicar la ruralidad en ese espacio. Por lo tanto, lo rural desde la perspectiva de las comunidades negras va dar más de una explicación a la realidad; Esto como resultado de siglos de convivencia y contacto con la naturaleza, lo que les ha permitido adquirir conocimientos únicos sobre el entorno selvático, a lo cual se le ha llamado como: la selva húmeda tropical una categoría espacial del espacio rural. Es de destacar, que la puerta de entrada de este trabajo de observación y mapeamiento, se hizo a través de la tradición oral y de los testimonios de los habitantes, que revela su conocimiento inestimable sobre la selva.

Palabras clave: Cartografía Social, Selva húmeda tropical, comunidades negras, Pacífico, saber local.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLA

BACRIM	Bandas criminais reorganizadas.
DRI	Programa de Desenvolvimento Rural Integrado.
ELN	Exercito de Libertação Nacional da Colômbia.
FARC	Forças Armadas Revolucionarias da Colômbia.
GPS	Sistema de Posicionamento Global.
ICV	Índice de Qualidade de Vida.
IDEAM	Instituto de Hidrologia, Meteorologia e Estudos Ambientais.
INAT	Instituto Nacional de Adequação de Terras.
INCORA	Instituto Colombiano de Reforma Agraria.
INCODER	Instituto Colombiano de Desenvolvimento Rural.
INGEOMINAS	Instituto Colombiano de Geologia e Mineração.
INPA	Instituto Nacional de Pesca e Aquicultura.
NBI	Necessidades Básicas Insatisfeitas.
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.
PGIS	Participatory Geographic System.
PPGIS	Public Participation Geographic System.
SIG	Sistemas da Informação Geográfica.
TIG's	Tecnologias da Informação Geográfica.
ZRC	Zonas de Reserva Camponesa.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cartografia Social no Município de Lopez de Micay.....	24
Figura 2 – Mapa confeccionado pelos representantes dos conselhos comunitarios do municipio de Lopez de Micay.....	25
Figura 3 – Floresta húmida tropical no município de López de Micay – Cauca.....	29
Figura 4 – Manguezal no município de López de Micay –Cauca.....	30
Figura 5 – Rhizophora brevistyla, manguezal ao norte de Tumaco.....	32
Figura 6 – Localização município López de Micay –Cauca.....	42
Figura 7 – População negra do município de Lopez de Micay.....	45
Figura 8 – Localização dos Conselhos comunitários do município de López de Micay.....	47
Figura 9 – Ordenação do território de Lopez de Micay por unidades de paisagem.....	61
Figura 10 - Desenho em camadas do sistema de cultivo no Conselho Comunitário do Rio Sigui.....	65
Figura 11 – Mapa do uso do solo no conselho comunitário Playón do Rio Sigui.....	66
Figura 12 – Mapa do uso do solo no conselho comunitário Integración do Rio Chuare.....	69
Figura 13 – Mapa do uso do solo no conselho comunitário Manglares do Rio Micay.....	73
Figura 14 – Classificação rural no território negro do Pacifico.....	78
Figura 15 - Mapas mentais da Comunidade do Bajo Sigui, Conselho Comunitário Playón do Rio Sigui.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro1- Calendário tradicional do conselho comunitário de Maglares do Rio Micay.....	75
--	----

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I – Divisão Politico Administrativa -Resguardos Indígenas

ANEXO II - Divisão politico administrativa Município de Lopez de Micay.

ANEXO III - Entrevistas.

ANEXO IV – Roteiro de oficinas de Cartografia Social.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	15
1.1. Metodologia.	17
1.1.1. Uma experiência de vida	18
1.1.2. Como chegar?.....	19
1.1.3. Dificuldades.	19
1.1.4. Território como Espaço e direito de vida.	21
1.1.5. Processo de construção de mapas.....	22
2. O PACIFICO COLOMBIANO, O MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY.	27
1.1. Caracterização Geográfica da Região Pacífica	27
1.2. Contexto Sócio Histórico.	32
1.2.1. Processo de povoamento negro no Pacífico.	32
1.1.2. Da invisibilidade à construção de uma memória coletiva.....	36
1.1.3. A etnização da memória.	37
1.1.4. A constituição de 1991 e a Lei 70 de 1993.	39
1.3. O Município de Lopez de Micay.	40
1.1.1. Características socioculturais.	44
1.1.2. Ordenação do território	45
2.1.1. Geografias do Terror	48
3. CARTOGRAFIA SOCIAL, RE-MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY.	50
3.1. Antecedentes	50
3.2. Cartografia Social uma metodologia de contra mapeamento nos estudos agrários. ..	53
3.3. O lugar do mapa.	54
3.4. A percepção espacial e o mapa.	55
3.5. A Cartografia Social e a construção de mapas.	56
3.6. A Cartografia Social uma conquista ou um desafio?	57
3.7. Cartografia Social no Município de López de Micay.	59
3.7.1. As unidades da Paisagem.	60

3.7.2.	Organizacional étnico territorial e uso do solo.	63
3.7.2.1.	Conselho comunitário Playón do Rio Sigui	64
3.7.2.2.	Conselho comunitário Integración do Rio Chuare	67
3.7.2.3.	Conselho comunitário Manglares do Rio Micay.	70
3.7.3.	Cultivos e lógicas de produção.	74
3.7.4.	Percepção espacial do espaço Rural.	78
4.	UMA REFLEXÃO EM TORNO AO CONCEITO DE RURALIDADE NA	
	CONTEMPORANEIDADE.	82
4.1.	Teorias Ruralistas.	83
4.1.1.	A visão do rural.	83
4.1.2.	O rural contemporâneo, a relação campo-cidade.....	84
4.1.3.	A Nova Ruralidade – concepção do rural concepção do agrário.....	86
4.1.4.	O rural incompleto, o capitalismo não chegou a todas as partes.	88
4.2.	Entender o Rural da Colômbia.	91
4.2.1.	A violência.....	93
4.2.2.	Reforma Agraria?	94
4.2.3.	Abertura económica e o narcotráfico.....	97
4.2.4.	A despetrolização: O modelo agrário atual na Colômbia.	99
4.2.5.	O pacífico no novo cenário agrário	104
4.2.6.	Rural Incompleto ou territórios Alternativos?.....	105
4.3.	Na busca de conceitos para entender o espaço rural do município de Lopez de	
	Micay.	107
4.3.1.	Territórios de Fronteira.....	108
4.3.2.	Espaço Aquático.	112
4.3.3.	A Floresta tropical uma categoria espacial do espaço rural.....	115
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
6.	REFERENCIAS.	123
7.	ANEXOS.	129

1. INTRODUÇÃO

“La vida no es la que uno vivo, sino la que uno recuerda, y cómo la recuerda para contarla”

García Márquez

O litoral Pacífico na Colômbia, representado em uma porção de território: o município de Lopez de Micay- departamento do Cauca possui características que o faz único, este município é mais rural que urbano, constitui-se em sua maioria por comunidades negras, que convivem em territórios coletivos reconhecidos pela Lei 70 de 1993, o qual lhe dá o carácter étnico-territorial e de afro-colombianos¹ as pessoas negras que o habitam. Este território também é reconhecido internacionalmente por ser parte de um dos biomas de maior importância para a Terra: o Chocó Biogeográfico. No entanto esta região coberta por exuberantes florestas e biodiversidade, é marcada pela marginalidade, pobreza e violência armada que expulsa de forma forçada a população que habita a floresta úmida tropical.

O Pacífico até alguns anos atrás era considerado um território de paz, esquecido historicamente desde tempos coloniais e desligado geograficamente e economicamente das dinâmicas territoriais do Estado colombiano, o que permitiu a formação das comunidades negras, marcadas por cultura ancestral africana e por manter práticas tradicionais no campo sujeitas à lógicas e saberes que se distanciam parcial ou totalmente das descrições do meio rural ligado à agricultura capitalista, de indústrias pequenas e medianas, comércio e serviços que se assentam em povos, cidades e centros regionais, espaços naturais e cultivados (PÉREZ, 2006), nas palavras de Barnett (2003) onde a globalização é débil ou está totalmente ausente (BARNETT, 2003 apud SERGE 2011).

Por outra parte, o que é considerado rural na contemporaneidade na Colômbia, carece de elementos para a compreensão de espaços rurais como os do litoral Pacífico, já que o

¹ Ainda que o termo de afro-colombiano esta em discussão, o termo nesta pesquisa se entende como “a los actuales descendientes de los negros africanos, arrancados de su continente para ser traídos a América en calidad de esclavos, que aportaron su patrimonio cultural inmaterial al proceso de construcción de la esencia humana de los colombianos como residentes americanos (...) como resultado de la creación de tradiciones culturales que proviene de ancestros africanos, objeto de intercambio con los usos y costumbres indígenas y españoles que, como parte de la denominación afro, muestran un conjunto socio-cultural específico” (OCAMPO et al. 2013, pg. 17)

entendimento sobre ruralidade e as diferentes realidades que se apresentam no mundo rural tem sido uma tarefa abordada com grande sucesso através do saber científico, das abstrações do conhecimento ocidental, hegemônico, e não através de quem faz parte destes espaços. Na atualidade explicar a ruralidade do Pacífico caucano através dos conhecimentos científicos não são suficientes; assim o saber local se mostra como o caminho para encontrar outros entendimentos e outras formas de conceber a ruralidade na contemporaneidade. Neste sentido, este trabalho não só privilegia o saber local como também deixa claro que “ficam indefinidos não só os limites entre as ciências, mas, também, entre diferentes modos de conhecer, já não sendo possível traçar com tanta certeza o limite entre quem sabe e quem não sabe” (PORTO, 2002 pg. 221).

Da mesma forma, os estudos dentro da Geografia que abordam as questões rurais são pouco ou quase inexistentes em relação à região Pacífica na Colômbia. Os estudos relacionados a este lugar são focados fortemente na parte ambiental, físico-geográfica e na Antropologia, com foco nessa última em estudos sobre comunidades negras. O que evidencia que os estudos sobre o espaço rural na Geografia ainda continuam se encaixando na perspectiva da ciência, que ignora os outros saberes ou ciências que se encontram mais arraigados em comunidades ancestrais, que de uma ou outra forma sobrevivem e convivem em harmonia com seu entorno, onde esse contato com a natureza através dos séculos lhes tem permitido adquirir conhecimentos únicos, os quais são desconhecidos à luz da ciência ocidental. Estes grupos também são considerados resistências; resistem para não desaparecerem como respostas aos processos de capitalização que começam a ter presença em seus territórios. Esta perspectiva tem uma aceitação maior em disciplinas como a Antropologia, na qual se encontra na atualidade no auge em estudos que pretendem descobrir e compreender os conhecimentos não hegemônicos, para tentar compreender os processos sociais da atualidade.

Desde esta perspectiva, o objetivo da pesquisa está orientado a analisar e construir com a comunidade afro-colombiana do município de Lopez de Micay, por meio da Cartografia Social, o conceito de Ruralidade na costa Pacífica Cauca. Com o caminho para chegar a uma compreensão da ruralidade, elencam-se três objetivos específicos:

- a). Compreender as relações e práticas agrárias no município de Lopez de Micay;

b). Realizar oficinas de cartografia social com a comunidade afro-colombianas; posteriormente, sistematizar por meio das ferramentas dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG), a cartografia elaborada nas oficinas;

c). Discutir o conceito de ruralidade e a Cartografia Social por meio das informações sistematizadas e dos mapas temáticos gerados.

Neste contexto refletimos sobre a nuances envolvidas as interpretações científicas à cerca desta comunidade culturalmente diversa, marcada por conflitos e tradições, com a finalidade de chegar a uma compreensão da ruralidade, na medida em que se questiona a configuração desta no mundo contemporâneo, como se verificam os diferentes tipos de ruralidade numa economia global? Quais são as lógicas da ruralidade nestes lugares? O que é a ruralidade e quais são suas características? Isto se distancia das concepções que Wallerstein tem chamado de economia global? Todos estes questionamentos levaram a uma reflexão: Como se pode configurar e caracterizar dentro do contexto presente a ruralidade do Pacífico Sul da Colômbia? Sendo esta a pergunta norteadora da presente pesquisa.

1.1. Metodologia.

A forma de interpretar esta realidade sujeita a um método e metodologia, se baseia na Geografia da percepção, e mais especificamente nos conceitos de Kevin Lynch (1960), e partindo do fato de que o espaço é uma construção social, que deve ser entendido frente às subjetividades das pessoas que o habitam.

Tal colocação está sustentada na teoria geográfica da percepção, a qual nasce com os trabalhos dos geógrafos humanistas, Yi Fu Tuan (1974), Kevin Lynch (1960), Edwar Soja (1990), e Henri Lefevre (1974), que discutem a concepção do espaço a partir de conceitos como: espaço concebido, percebido e vivido de Lefevre, os mapas mentais de Lynch, os conceitos de topofilia e topofobia de Tuan entre outros.

A percepção por tanto se torna um meio pelo qual as pessoas constróem uma imagem do espaço, que por sua vez pode ser representado, como fruto do contato bilateral entre o ambiente e o observador, o qual também permite gerar uma imagem mais legível ou nítida (LYNCH, 1960), no que se refere ao tempo, pois as relações entre homem-meio se intensificam com a experiência

com o cotidiano, permitindo estruturar o espaço numa imagem clara e totalmente ordenada. Uma imagem legível que seja coletiva vai permitir mostrar o consenso que se tem sobre o conhecimento, a ordenação e significação do espaço numa determinada comunidade. A partir desta abordagem, a cartografia social aparece como metodologia participativa, já que se faz necessário abordar este tipo de pesquisas com uma metodologia que possibilite um diálogo e aproximação com a comunidade, que valorize o conhecimento local e que permita deslumbrar esses saberes sobre o espaço rural e sua configuração codificada em simbolismos que foram possíveis decifrar. Pois a Cartografia Social como metodologia participativa é adequada para trabalhar com grupos locais, que em seu processo vão se reunificando o território, gerando conhecimento através da geração de mapas temáticos feitos pela comunidade.

Por conseguinte a Cartografia Social se estabeleceu como a ferramenta e o processo, por meio do qual a comunidade negra do município de Lopez de Micay construiu mapas sobre suas práticas agrícolas, seu território, e a ordenação do mesmo, o qual combinado com os Sistemas de Informação Geográfica-SIG, teve como resultado a geração de mapas simbólicos sobre as práticas agrícolas neste município. Assim a Cartografia Social não só propiciou a construção de mapas de forma coletiva, como também possibilitou a geração de um diálogo de saberes entre o conhecimento local e científico que permitiu chegar a reflexões e produção de conhecimento com os atores sociais, a partir das oficinas de cartografia social realizados com a comunidade.

1.1.1. Uma experiência de vida

Falar do processo metodológico é como falar de uma parte da minha vida, e da experiência que foi visitar por segunda vez o Pacífico Caucano. Já na graduação tive a oportunidade de fazer a primeira visita; foi no município de Guapi no departamento do Cauca, ali foi onde comecei a descobrir outro lado da Colômbia e do Cauca, que naquele momento me era desconhecido para mim. Como era que existiam mundos tão diferenciados num mesmo território? Na Colômbia e no Cauca, comecei a explorar e me interrogar por diferentes aspectos que dentro da Geografia venho trabalhando como: poder, cartografia social, comunidades, resistência, contra mapeamento, entre outros, faz que a parte metodológica neste trabalho seja uma posição frente a aspectos políticos, de ética, a forma como se vem fazendo ciência na Geografia, e sobre tudo é uma posição frente ao modelo de desenvolvimento desigual na Colômbia. Na primeira parte descrevo as dificuldades

de acesso ao município de Lopez de Micay e as dificuldades apresentadas no transcorrer do trabalho de campo, na segunda apresento a visão das comunidades negras de Lopez de Micay frente ao seu projeto de vida, no terceiro descrevo os procedimentos e ferramentas metodológicas, ao qual tenho fundamentado teoricamente no capítulo dois, e no quarto e último, é feita referência as dificuldades e os desafios que representam abordar temáticas como estas na ciência Geográfica.

1.1.2. Como chegar?

Na Colômbia só existem três entradas ao Pacífico ao longo de 1300 quilômetros de costa. Do sul ao norte do país se tem a rodovia Pasto-Tumaco no departamento do Nariño, a rodovia Cali-Buenaventura no departamento de Valle do Cauca, a rodovia Medellin (departamento de Antioquia) ou Pereira (Risaralda)- Quibdó departamento do Chocó. Não existem rodovias que conectem o departamento do Cauca com o Pacífico, para chegar até o município de Lopez de Micay, foi necessário viajar desde a capital caucana: Popayán, hasta Cali, para pegar a rodovia Cali-Buenaventura, sendo este uma viagem por terra de sete horas, caso não haja deslizamentos no meio do caminho, o que é muito frequente, que dificultem ainda mais a viagem. No dia seguinte e já no porto de Buenaventura, se toma uma lancha até Lopez de Micay. O trajeto é de duas horas em mar aberto, mais três horas sobre o Rio Micay, isto representa quase dois dias de viagem. O acesso a este município do Departamento do Cauca é o mais difícil, em quanto para chegar ao município de Guapi e Timbiqui na costa caucana existem vôos partindo desde Cali, para deslocar-se a Lopez de Micay se tem que fazer uma travessia que leva dois dias, por terra e água. Tais condições permitem compreender o isolamento ao qual esta zona está condicionada, seja do ponto de vista geográfico ou de desenvolvimento.

1.1.3. Dificuldades.

As mesmas condições de isolamento geográfico e o difícil acesso a esta zona, tem facilitado a entrada de grupos guerrilheiros e ex-paramilitares, o qual não só tem ocasionado o deslocamento forçado de famílias para Buenaventura, Cali ou Popayán senão que tem condicionado as comunidades a morarem entre a guerra, com os grupos guerrilheiros, ex-

paramilitares e narcotraficantes que disputam este território. Este panorama de violência se evidenciou nas múltiplas dificultades para realizar o trabalho de campo.

O trabalho de campo foi realizado com minha amiga e colega Francy Garcia, a quem lhe devo não só a boa acolhida no Pacífico, como ter podido efetivar em grande parte meu roteiro de campo. Antes de chegar ao município já tínhamos o contato de Evaristo Vivieros, líder do Conselho Comunitário Manglares. O plano era realizar a primeira oficina de cartografia social em Noanamito, o maior centro povoado de Manglares, meu primeiro intento ali foi impossível, apesar de contar com o apoio e autorização de Don Evaristo fomos advertidas a não fotografar nem fazer gravações de vídeos, o qual limitou nosso trabalho. Optamos por fazer entrevistas informais semi-estruturadas, e com percursos pela área com trabalho de observação.

Depois de algumas semanas nos deslocamos a Lopez de Micay, sede municipal, onde funciona a Prefeitura, o Hospital e escolas. Neste momento o município estava passando por uma greve, os funcionários da prefeitura pararam suas atividades e o prefeito fugiu de Lopez de Micay para Popayán, a fim de preservar sua vida. Este incidente fez com que os representantes de cada conselho comunitário se dirigissem à sede municipal, permanecendo ali durante vários dias. Nesse contexto de greve, foi possível realizar as oficinas de cartografia social com alguns dos representantes dos conselhos comunitários e pessoas do lugar, o qual representa todo um sucesso ante um ambiente de medo, pois muitas pessoas se negaram a ser entrevistadas, a responder perguntas, ou outros só aceitaram ter uma conversa informal sem gravador de voz. Outra questão recorrente era quando fazíamos os trajetos em lancha, era impossível não querer tirar uma fotografia diante da maravilha da natureza que surgia aos nossos olhos. Mesmo com as advertências: não tire fotos, desligue a câmera, “usted es boba!” entre outras das muitas palavras que ouvi quando manifestava o intuito de registrar em foto ou vídeo o que presenciava. Mesmo assim conseguimos fotografias e alguns minutos de vídeo das velhas passagens do Pacífico. O material registrado poderia ter sido maior caso houvesse mais tempo de convivência com a comunidade no Pacífico já que a tradição oral é o único meio de registro que elas têm para manter sua memória. É preciso também um tempo mais prolongado de convivência para poder ganhar a confiança de quem habita o Pacífico, pois as pessoas de fora podem constituir uma ameaça constante para eles, devido a presença de grupos à margem da lei e multinacionais que tem roubado a paz que este lugar tinha anos atrás.

Meus dados e esboços são fruto de três semanas de observação, entrevistas, e uma oficina de cartografia social, realizados com os líderes dos três conselhos comunitários, um ecólogo, o médico tradicional, jovens e idosos que fazem parte da comunidade.

1.1.4. Território como Espaço e direito de vida.

Território como espaço de e direito de vida é como se tem intitulado o plano de desenvolvimento do município de Lopez de Micay, a visão de seus dirigentes políticos concebe o território não só como um suporte físico das intervenções humanas, mas também como um fator ativo de desenvolvimento, onde se encontram formas de cooperação, associação e de construção de valores (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012-2015). Assim como o conceito de terra o qual se definem da seguinte forma:

Una porción vertical de la corteza terrestre que involucra el suelo, el subsuelo, los organismos y la atmósfera cercana, así como los procesos naturales e inducidos y los resultados de las actividades humanas pasadas y presentes que tiene un efecto en el comportamiento de la misma (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 - 2015, p. 47)

A forma como os dirigentes deste município concebem o território do Pacífico, se reflete nos conceitos de território e terra, os quais mostram uma forma de pensamento e de desenvolvimento no qual as relações sociais pautam uma concepção de cooperação, de sinergias entre os elementos da natureza, humanos e de reprodução de valores, que possibilitam o trabalho coletivo, pois o espaço e o desenvolvimento se pensam de forma coletiva nas comunidades negras, o qual se distância totalmente ao individualismo, ao desenvolvimento econômico ligado à exploração da terra, que representa o desenvolvimento capitalista em muitas áreas da Colômbia. Esses valores estão implícitos no significado atribuído por essas populações aos territórios do Pacífico que habitam, sejam as zonas denominadas vermelhas, de guerra, do narcotráfico e totalmente ignoradas por parte do Estado colombiano, o qual se traduz em precárias condições de vida de sua população, altos níveis de desnutrição, falta de serviços básicos, falta de infraestrutura como hospitais, escolas, rodovias, entre muitas outras. Estar por fora das lógicas do capital tem possibilitado também no Pacífico a criação de resistências, ou de contra-espacos como diria Oslender (2008), os quais se opõem á lógica hegemônica do desenvolvimento capitalista.

1.1.5. Processo de construção de mapas.

A elaboração participativa dos mapas no município de Lopez de Micay esteve encaminhada à construção de desenhos do uso da terra no município, do qual participaram três representantes dos cinco conselhos comunitários e sujeitos da comunidade.

Seguiram-se três fases para realizar as oficinas de Cartografia Social: pré-mapeamento, mapeamento e socialização.

O *pré-mapeamento*, correspondeu a conversações informais nas quais se realizaram entrevistas com diferentes pessoas da comunidade e com representantes dos conselhos comunitários. Explicaram-se o motivo e os objetivos da pesquisa e a dinâmica de como se realizaria a oficina, para logo abordar diferentes temáticas sobre o território e uso do solo. Houve um diálogo a respeito da localização das atividades e dos diferentes usos da terra, em cada um dos três conselhos comunitários. Também se realizaram visitas guiadas e não guiadas sobre o rio Micay, o centro povoado de Lopez de Micay, o centro povoado de Noanamito (sede do conselho comunitário Manglares), com a finalidade de conhecer o terreno, entender suas lógicas a partir das falas das pessoas que habitam este território e de vivenciar junto com eles seu cotidiano, sendo este um trabalho de observação.

Para o *processo de mapeamento* se forneceu aos representantes dos conselhos comunitários cartografia base, a qual consistiu num croqui ou esboço do município de Lopez de Micay a escala 1: 45.000. Nos mapeamentos tanto jovens quanto os adultos se integraram, estabelecendo um diálogo, em que discutiram aspectos da delimitação dos conselhos comunitários, nomes dos rios, localização dos centros povoados, nomes dos povoados, número de habitantes, extensão do território e os diferentes usos que desenvolvem (ver figura 1).

Uma das características no processo de mapeamento é que o primeiro elemento que os mapeadores desenharam foi o rio principal do município: o Rio Micay, representado sobre a base principal do território, a partir do rio se desenharam seus afluentes e os rios principais dos conselhos comunitários: Playon do Rio Sigui, Integração do Rio Chuare e Manglares do Rio Micay, os quais correspondem aos rios Micay, Sigui, e Chuare. Nestes rios e nas suas margens se realizam atividades agrícolas, de pesca e de mineração, o rio representa as vias e o meio que possibilita seu deslocamento, por isso sua grande importância no processo de mapeamento. Na sequência, a partir do desenho da estrutura hidrográfica, desenharam os outros componentes do

espaço do município, o que tornou possível diferenciar as unidades da paisagem, as quais são as zonas nas quais se divide o território através do Rio Micay: zona baixa, media e alta. A zona baixa corresponde às áreas do terreno mais plana, a meia às áreas com presença de colinas e a zona alta a área de montanha da cordilheira Ocidental. Com esta classificação também se indicaram os terrenos *blandos*, os quais correspondem à zona baixa e os terrenos duros, que corresponde às colinas e montanhas.

Também se desenharam sobre o eixo do Rio Micay os limites de alguns dos territórios que não são negros, os quais pertencem às comunidades indígenas, e que territórios são denominados de cabidos. Quanto ao uso do solo, os desenhos foram feitos a partir dos eixos dos rios em seus contornos e por camadas os usos da terra e os diferentes cultivos que ali se desenvolvem.



Figura 1. Cartografia Social no Município de Lopez de Micay- Fevereiro de 2014
Fonte: Autor

A socialização consistiu na apresentação do mapa que foi confeccionado, como se pode ver na figura 2. Isto permitiu que os mapeadores explicassem as informações postas sobre o papel e, também, falassem sobre o que não foi desenhado, a informação ocultada, o que permitiu vislumbrar e identificar problemas em relação ao território, como é o caso de cultivos ilícitos. Os mapeadores manifestaram que existem e que são cultivados, mas estes não foram mapeados. A socialização foi complementada com entrevistas, sendo este o meio pelo qual se encontraram mais explicações sobre a dinâmica espacial do município.

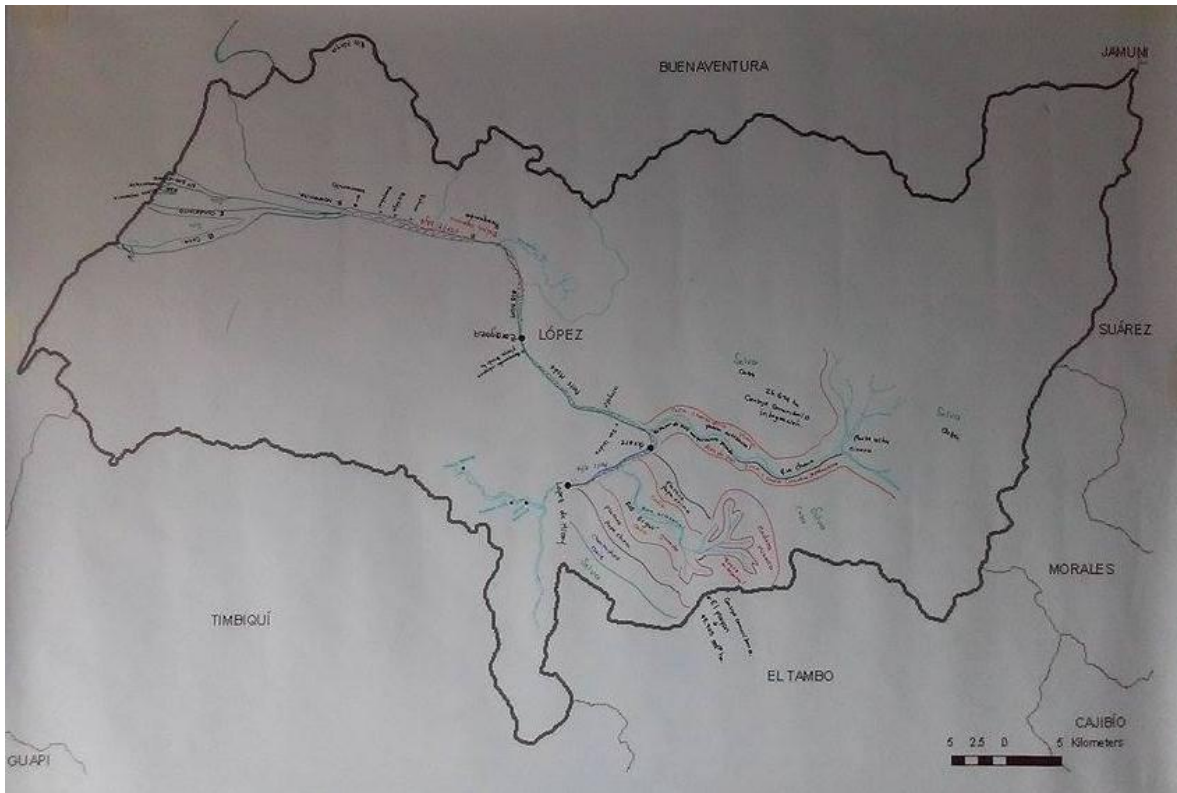


Figura 2. Mapa confeccionado pelos representantes dos conselhos comunitários do município de López de Micay
 Fonte: Autor.

Posterior ao mapeamento, o desenho sobre o papel foi digitalizado no Sistema de Informação Geográfica – SIG. O resultado foi à geração de três mapas do uso do solo dos conselhos comunitários: El Playon do Rio Sigui, Integração do Rio Chuare e Manglares do Rio Micay (figuras, 11, 12 e 13 inseridas nos capítulo tres). É importante destacar que a cartografia gerada é mais precisa em termos de localização que de medida, onde se destacam os aspectos sinalizados pela comunidade. As memórias fotográficas e de áudio são os elementos que permitiram a reflexão sobre o espaço rural, assim como os desenhos informais que deram conta sobre a percepção do espaço vivido que tem gerado imagens sobre o ambiente os quais deram origem as categorias espaciais abordadas. Destaca-se que a porta de entrada desse trabalho de observação e mapeamento se fez através da tradição oral, dos testemunhos de seus habitantes que revelaram seu conhecimento inestimável.

Neste contexto se refletiu sobre a compressão do espaço rural desde a visão das comunidades negras, o qual proporcionou novas explicações sobre os fenômenos que ocorrem no mundo rural. Os como e os por quês? São questões que serão uma constante nas diferentes discussões teórico-metodológicas no trajeto deste trabalho.

Os resultados desta pesquisa apontam desafios sobre outras formas de estudar e compreender o espaço rural, outras formas de se fazer ciência, no qual tanto o pesquisador como os sujeitos sociais ser reconhecem como portadores de conhecimento e não os segundos como meros objetos de estudo.

Finalmente este trabalho mais que cumprir com uma formalidade acadêmica, se pensa com uma forma de contribuir a compreensão das dinâmicas e realidades do Pacífico caucano.

2. O PACÍFICO COLOMBIANO, O MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY.

*“Para ver de cerca hay que párase desde lejos”
Calle 13.*

Neste Capítulo apresentam-se os aspectos gerais da região do Pacífico na Colômbia, suas principais características em torno a sua riqueza biológica e geografia, assombrosa e interessante composição sociocultural e o panorama de pobreza e violência que atinge esta área. Três são os aspectos que vem caracterizando esta região nos últimos anos, o qual tem sido o marco para o surgimento das comunidades negras rurais como um grupo de resistência, em resposta a incapacidade do Estado de administrar e controlar esta vasta área geográfica. É importante ressaltar que este capítulo se soma a um vídeo² de quinze minutos feito em meados de 2014, no qual se apresentam imagens e entrevistas que mostram uma visão sobre os três aspectos já mencionados, com o qual se pretende aproximar o leitor do conhecimento sobre o lugar no qual se baseia este trabalho.

2.1. Caracterização Geográfica da Região Pacífica.

A costa Pacífica na Colômbia é um território que se localiza a sudoeste do país. Esta região integra os departamentos de Chocó, Valle del Cauca, Cauca e Nariño, totalizando uma extensão territorial de 1.300 km². Situa-se numa altitude que varia desde o nível do mar até os 2.500 metros. Este é um território selvagem banhado por rios e o Oceano Pacífico. Suas características biofísicas lhe tem outorgado o nome de Chocó Biogeográfico, zona reconhecida internacionalmente pela floresta úmida tropical que cobre menos de 2% da superfície terrestre, mas contém entre 50 e 70% das espécies nativas.

Segundo West (2000), no Pacífico se distinguem dois tipos de costa ao longo da margem do Oceano, ao sul, nos departamentos do Valle do Cauca, Cauca e Nariño, uma costa deltaica baixa.

² O vídeo intitulado: Contextualização da Região Pacífica colombiana, pode ser visualizado no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=Argvm5umN9Q>

Estas são zonas de navegação, com uma presença importante dos manguezais, sendo que ao norte, no departamento do Chocó há uma costa montanhosa escarpada, área de difícil acesso, devido à vegetação e ao relevo, que fizeram parte de todos os processos geológicos da formação da cordilheira ocidental.

A área possui um clima úmido e cálido. Devido ao denso bosque tropical que constitui a cobertura vegetal, a temperatura é alta durante o ano todo, “las temperaturas promedio mensuales rara vez sobrepasan los 28°, las temperaturas máximas promedio no suelen superar los 31.5° y las temperaturas mínimas rara vez descienden por debajo de los 22°” (WEST, 2000, pg.17). A umidade relativa oscila entre o 80 e 95%. (WEST; 2000). Segundo este autor “las tierras bajas del Pacífico colombiano son la parte más lluviosa de las Américas, con promedios anuales que varían entre 3.000 y más de 10.000 mm” (2000, pg.8).

Por outro o mesmo autor ressalta que a característica que mais chama a atenção é a floresta úmida tropical; ao afirmar que:

La característica más llamativa del área es el bosque húmedo tropical, visto desde el aire, el dosel, formado por arboles gigantes, parece un mar de sombrillas verdes que se superponen interrumpido apenas por las corrientes de agua y algunas rozas ocasionales. Cientos de ríos, frecuentemente desbordadas, corren por las faldas de las montañas y colinas por entre bosques hacia el mar (WEST, 2000,pg.8), (ver figura 3).

A Vegetação no Pacífico, chamada por West (2000) de Floresta úmida tropical verdadeira, se caracteriza por ter uma grande variedade de espécies vegetais em áreas pequenas. Já o menciona Osorio (2014), que se tem a presença de 400 espécies diferentes de árvores por hectare, o que dá uma dimensão da grande biodiversidade do Pacífico.



Figura 3: Floresta úmida tropical no município de López de Micay –Cauca.
A fotografia mostra a paisagem de floresta que só é interrompida pelas correntes de água, como descreve West.
Fonte: Autor

A selva úmida tropical se encontra formada por uma estrutura de dois e às vezes de três estratos: alto, meio e baixo. “el estrato alto está conformado por árboles altos, de 18 a 30 metros de altura, de hoja perene y ancha, cuyas copas a veces forman un dosel cerrado que corta la luz del sol al sotobosque. Hay árboles gigantes dispersos que se elevan más de diez metros sobre el dosel, dándole al bosque una apariencia irregular cuando se le mira desde el aire” (WEST, 2000, pg. 24); o segundo estrato está formado por uma variedade de árvores de tronco fino e palmas que crescem de seis a nove metros com maior presença de plantas epífitas; o terceiro estrato se encontra entre os dois descritos anteriormente, é um estrato intermediário da floresta (WEST, 2000).

A parte do sul do Pacífico se caracteriza pelo ecossistema de manguezal, as quais são regiões limítrofes entre o ecossistema úmido tropical e o mar.

Para biólogos como Henry Von Pnahl los mangles de Colombia, principalmente los que están al sur del Océano Pacífico, son el bercario del mar, lo que quiere decir que hay una grande estructura ecológica compuesta de elementos biológicos que después se desplazan al mar, siendo esta zona de extrema importancia para la biodiversidad local (OSORIO, 2014).

A figura 4 mostra o ecossistema de manguezal que se encontra na desembocadura do rio Micay, o qual se caracteriza pelas longas raízes que ficam expostas, principalmente quando a maré esta baixa.



Figura 4: Manguezal no município de López de Micay –Cauca.

Fonte: Autor.

Organização: Jesica W. Beltran CH.

Osorio, también destaca os tres ecosistemas característicos na região:

Un ecosistema marítimo; un ecosistema de manglar que es la transición entre los ecosistemas terrestres y los ecosistemas marítimos; y un ecosistema nominado por Holdridge de selva húmeda tropical, que es un área de cerca de 60 kilómetros, cubierta por selva húmeda tropical. Más arriba se tiene la cordillera occidental, donde se encuentra los ecosistemas de bosque andino, sub andino y bosques pre-montano, tales configuraciones climáticas crean un escenario de un complejo ecosistema ecológico del Pacífico, predeterminado por tres zonas ecológicas claramente diferenciadas: el ecosistema marítimo, ecosistema de manglar y el ecosistema de selva húmeda tropical (OSORIO, 2014).

A floresta de manguezal no Pacífico se compõem de dois tipos de manguezal: o vermelho (*Rhizophora brevistyla*) (ver figura 5) e o preto (*Avicennia nitida*). O manguezal vermelho se caracteriza por ter um sistema de raízes aéreas, o manguezal preto tem um sistema de raízes superficiais, que sobressaem a uns 15 cm sobre o solo (WEST, 2000). A floresta de manguezal é de grande importância para as comunidades negras no Pacífico, seu uso está principalmente relacionado à extração de madeira para a construção de moradias e embarcações, como também para a extração de moluscos e crustáceos tais como: piangua, piacuil e o caranguejo azul, que constituem parte da dieta das pessoas negras no Pacífico (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015).



Figura 5: *Rhizophora brevistyla*, manguezal ao norte de Tumaco.
Esta foi uma foto tirada por Robert West em sua viagem ao sul do Pacífico no departamento de Nariño e mais especificamente no município de Tumaco, onde se mostra a espécie de manguezal vermelho.
Fonte: Arquivo fotográfico de Robert West-Universidade dos Andes Colômbia
<http://robertwest.uniandes.edu.co>
Organização: Jesica W. Beltran CH.

2.2. Contexto Sócio Histórico.

2.2.1. Processo de povoamento negro no Pacífico.

A presença de negros no Pacífico data desde a colonização espanhola, os quais ocuparam estas vastas áreas com escravos para trabalhar na mineração durante os séculos XVI, XVII, XVIII. Estas áreas eram o habitat de agricultores primitivos, muitos dos quais não resistiram às enfermidades europeias (WEST, 2000).

Uma das razões para que se gerasse o povoamento negro no Pacífico foi à mineração, pois os espanhóis encontraram vastas áreas com grande produção de ouro, extraído com mão-de-obra

escrava. A maioria dos escravos negros eram trazidos da Costa de Guiné e do Congo, como também é provável que fossem do oeste do Sudão e Angola (WEST, 2000).

A exploração aurífera compreendia áreas entre Guapi e Buenaventura, a sudoeste do Pacífico, onde a “mediados del siglo XVII todos los rios principales de la planicie costera: el Iscuandé, el Guapi, el Napi, el Timbiqui, el Guafuí, el Saija, **el Micay, el Naya**, el Yurumanguí, el Cajambre y el Raposo, tenían cuadrillas de esclavos negros.” (WEST, 2000, pg. 55).

No Pacífico Caucano durante os séculos XVII e XVIII encontravam-se os principais centros de exploração de ouro, sendo eles: Guapi, Timbiqui, y **San Juan del Micay** (hoje López de Micay) (ROMERO,2001). Para o estabelecimento destes centros de exploração era necessário a criação de vias de acesso, para conexão com as colônias em Popayán e Cali:

La entrada a Guapi por tierra era muy difícil, si se intentaba desde Popayán porque implicaba atravesar la cordillera occidental, muy tardíamente se recorrió el camino por veinte de Julio que atraviesa la cuchilla del Tambo y llega a los ríos Micay y Guapi. Así fue por la vía de Tumaco y Barbacoas, por el sur, por Buenaventura, por el norte, que tuvieron que emprenderse empresas de reconocimiento y de establecimiento de Reales de minas en la costa Pacífica caucana. Las empresarios payaneses Mosquera y Valencia entraron esclavos al río Naya y Micay, mientras que los Castro entraron a Guapi y en Timbiqui se establecieron cuadrillas de esclavos de los mineros Arboleda (ROMERO, 2001, pg.367).

As condições de relevo do terreno e principalmente a travessia da cordilheira ocidental foram alguns dos problemas que enfrentaram os donos das minas, a extrema dificuldade no acesso, as difíceis condições climáticas e naturais da selva úmida, foram também obstáculos para a permanência dos colonizadores espanhóis nestas áreas, o que possibilitou a permanência de negros nestas vastas zonas (SERJE, 2011). O qual mais adiante implicou a perda do controle social dos escravos negros.

Na segunda metade do século XVII, os conflitos entre escravos e proprietários de terras de exploração ao longo do Pacífico, mostraram que se tinha uma debilidade no controle social e de administração de justiça, “que la Corona, que la iglesia, que los señores de minas, cuadrillas y haciendas no tenían los medios ni los dispositivos de control en sus manos para impedir los desórdenes que se provocaron” (BARONA, 2001, pg.176).

Barona (2001), explica estes eventos, argumentando que já no século XVII se tinha uma clara fragmentação do território da Nueva Granada (hoje território colombiano). A Governação

de Popayán³, uma das divisões político-administrativas mais extensas da colônia, onde se assentavam os principais pontos de exploração de ouro, começava a configurar o que Barona (2001) tem chamado de arquipélago⁴, pois sua administração já nesse período mostrava suas fissuras no sistema econômico regional, o que posteriormente conduziu ao isolamento e o posterior esquecimento, junto com a região Pacífica. No entanto “La configuración de archipiélago de los territorios coloniales también dio paso al surgimiento de parajes y sociedades de frontera” (BARONA, 2001, pg.176).

Esta ocupação territorial por parte dos negros se gerou por várias razões, uma delas é devido à mineração, a outra pela criação de quilombos, pois muitos dos escravos enfrentaram a escravidão fugindo das zonas de exploração de ouro, e outros pagando sua liberdade (ROMERO, 2001), sendo o Pacífico de uma forma ou outra um lugar de refúgio, onde empreenderam processos de colonização interna, nos quais misturam a mineração com a agricultura inicialmente.

Depois do processo de independência, durante o século XIX, e com abolição da escravidão, se gerou um êxodo de negros para o Pacífico, “En el área minera ubicada entre Buenaventura y Guapi, la migraciones ocurridas depues de 1851 se diriguieron sobre todo hacia las tierras agrícolas situadas dentro y cerca de la zona de humedales de agua dulce próximos a las costas” (WEST, 2000, pg. 57).

Os negros, ex-escravos em sua maioria, terminaram abandonando as práticas de mineração e começaram a aproveitar os recursos da floresta, aprenderam com os poucos indígenas⁵ que

³ A Governação de Popayán foi uma das divisões políticas e administrativas mais vastas durante o período colônia no século XVIII.

⁴ Guido Barona em seu artigo *Economía, colonia y archipiélago regional*, introduz o nome de arquipélago para explicar a insolamento que teve a Governação de Popayan, (hoje departamento do Cauca), desde o período colonial, o qual é uma das explicações à marginalização e insolamento geográfica e socioeconômica não só da região Pacífica, senão do departamento do Cauca frente aos processos de desenvolvimento do país.

⁵ Robert West em sua obra pioneira “*Las Tierras bajas del Pacifico Colombiano*” reconhece que a relação de convivência e intercambio cultural que existia entre indígenas e negros, o qual permitiu um aprendizado por parte dos negros, sobre as forma de cultivo, de pesca, e até de povoamento mesmo, o qual é sobre o cursos dos rios: “Parece que los negros aprendieron las técnicas agrícolas de los indios, así como también aprendieron de ellos sus métodos de construcción. En tiempos coloniales, los mineros españoles de las tierras bajas dependían del trabajo forzado de indígenas para alimentar las cuadrillas de esclavos. Los indios debían entregar una cierta cantidad de maíz y plátanos cultivados en sus propias tierras, o de lo contrario tenían que ir a trabajar en los terrenos pertenecientes al dueño de la mina. En tiempos de escasez de comida, a veces las mismas cuadrillas de esclavos

sobreviveram a pescar e a cultivar a terra, adaptaram as técnicas de transporte marítimo, aproveitando assim o mar e o manguezal. (ARIZA et al, 1999).

Esta nova realidade transformou e impulsionou a que as comunidades enfrentassem o espaço e o trabalho de forma mais independente, já como livres e sem vigilância, os deslocamentos se fizeram mais extensos, sendo estes de forma longitudinal e transversal. Os deslocamentos de forma longitudinal foram em direção à floresta e as partes baixas dos rios, na busca de recursos agrícolas e de estabelecimento de comunicação e comércio com outras comunidades. No sentido transversal, os deslocamentos se deram em direção à floresta na busca de coleta de frutos, caça de animais, e em busca de madeiras para a construção de casa e canoas (ROMERO, 2001).

Portanto a configuração da região Pacífica corresponde a um processo histórico de povoamento, a qual mostrou-se desde seu início na colônia já haver uma profunda desigualdade em termos de desenvolvimento e grande desarticulação com o território nacional, sendo esta uma região esquecida constata-se que:

El archipiélago regional, con todas sus variantes y fragmentaciones, fundó la originalidad de las sociedades, de las culturas, de los hombres y mujeres que poblaron este territorio. Fue el mundo que produjo las diversidades culturales y variantes económicas y sociales que hoy todavía nos asombras e impactan. Lo colonial sólo expresa, sólo hace referencia, a unas relaciones de dependencia política y económica de estas tierras con la metrópoli. Lo colonial sólo se refiere a un proyecto no terminado de transformación social y cultural. Lo colonial no alude a la totalidad de los procesos históricos que ocurrieron en el territorio de la Gobernación de Popayán (BARONA, 2001, pg. 177).

A invisibilidade destes grupos humanos e seu olvido desde o período colonial e posteriormente ante a construção de um projeto nacional chamado Colômbia, permitiu, por outra parte o desenvolvimento de uma cultura própria, uma cultura negra, “que através de la creacion de complejos modelos adaptativos han manejado el entorno” (ARIZA et al, 1999, pg. 44), de tal forma que sua relação com a selva úmida tropical seja harmônica. Eles têm aprendido sobre a floresta, o rio, o mar e o manguezal, tem organizado o seu território de acordo com o ambiente selvagem, o qual lhes tem outorgado um grande conhecimento botânico, espacialmente de usos e formas de cultivo.

cultivaban su comida, probablemente bajo las ordenes de un agricultor indígena” (WEST, 2000:66)(...) “los negros han heredado las tradición de pesca indígena, incluyendo sus variadas técnicas” (WEST, 2000, pg. 78).

2.2.2. Da invisibilidade à construção de uma memória coletiva.

Na atualidade este conjunto de comunidades negras se define segundo a Lei 70 de agosto de 1993 como:

Conjunto de familias de ascendencia afro-colombianas que poseen una cultura propia, comparten una historia y tiene sus propias tradiciones y costumbres dentro de la relación campo poblado, que revela y conservan conciencia de identidad que las distingue de otros grupos étnicos (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 21).

Convém perguntar-se como se gerou esta noção de comunidades negras na Colômbia?

Tentar-se-á explicar essa configuração chamada de *comunidades negras*, através da construção de uma memória coletiva negra. Maurice Halbwach em sua obra *Memória Coletiva* (2004), argumenta que a memória é a capacidade que tem os indivíduos de reconstruir seu passado no presente, deixando claro que esta construção se faz de forma coletiva:

Os indivíduos usam imagens do passado enquanto membros de grupos sociais, e usam convenções sociais que não são completamente criadas por eles. Indivíduos não recordam sozinhos, quer dizer, eles sempre precisam da memória de outras pessoas para confirmar suas próprias recordações e para lhes dar resistência (SANTOS, 2030, pg. 43).

Esta noção de memória coletiva também “amplia as possibilidades epistemológicas da história e rompe com as narrativas que se apoiavam em um desenvolvimento linear de fatos, grades feitos e atos heróicos” (SANTOS, 2003, pg. 44).

Tal concepção se pode evidenciar na descrição de Barona (2001), ao reconhecer que: “Las manifestaciones y las expresiones propias del archipelago no fueron recogidas por los narradores y escribientes de hechos y cosas de la conquista y posterior colonización porque pertenecían al orden de lo que podía ser dicho, es decir, estaban por fuera de la memoria y olvido imperiales que pretendieron narrar la verdad de los sucedido” (2001, pg.177).

Por tanto a concepção de memória coletiva de Halbwach, implicou reconhecer que existem outras histórias, paralelas à história oficial.

Neste sentido Pollak (1989) considera que além da memória representar uma construção que se faz em coletivo, a memória é “uma imposição uma forma específica de dominação ou violência simbólica” (POLLAK, 1989, pg. 1), é um instrumento de poder que carrega um discurso hegemônico, que se considera oficial.

Pollak destaca que “na tradição européia do século XIX, em Halbwasch, inclusive a nação é a forma mais acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva” (POLLAK, 1989, pg.1), tradição que foi apropriada pelas pessoas que construíram a memória oficial da Colômbia, sendo esta uma memória branca, a qual inviabilizou outras memórias, neste caso uma memória negra, uma memória subterrânea. Segundo Pollak (1989) a memória subterrânea faz referência às lembranças que permaneceram durante muito tempo confinado no silêncio e que foram transmitidas de geração a geração de forma oral, e por tanto permaneceram vivas (POLLAK, 1989).

A memória das comunidades negras na Colômbia representa uma memória inconsciente, na medida em que estas comunidades e seu território não participaram da construção de um projeto nacional chamado Colômbia, “se parte aquí entonces de la consideración de que la nación se ha definido en contraposición a sus *confines*: a aquellas áreas geográficas habitadas por grupos aparentemente ajenos al orden del Estado y de la economía moderna” (SERJE, 2011, pg. 20).

Isso possibilitou o desenvolvimento de uma sociedade paralela ao Estado, como resultado de todo um processo de povoamento em direção ao Pacífico.

2.2.3. A etnização da memória.

Durante as primeiras décadas do século XX, se acentuaram as formas de articulação da região Pacífica ao mercado nacional e internacional, como a modalidade de extração (ARIZA et al 1999). Culminando na organização e mobilização por parte dos habitantes diante da crescente ameaça de expulsão de suas terras, pois o Estado desconhecia sua presença. (RESTREPO, 2004). O Estado nacional colombiano declarou, impropriamente, a região do Pacífico, a Amazônia, entre outras, como zonas **baldias**, como terras sem dono, porém, na realidade, se tratava de terras ocupadas, mas seus ocupantes não possuíam uma escritura formal de propriedade, dando a posse das terras ao Estado. Dessa forma “eran otorgadas concesiones y permisos de explotación de sus recursos forestales y mineros a compañías foráneas” (RESTREPO, 2004, pg. 272).

No momento em que o território do Pacífico se vê ameaçado devido à chegada de empresas que visavam explorar os recursos naturais desta região, começou a organização de um movimento de camponeses para reclamar os direitos sobre o território, gerando posteriormente, o reconhecimento destes grupos como comunidades negras. É importante ressaltar que neste

sentido a memória se constitui numa ferramenta e num processo de criação de atores sociais para a formalização de sua história (POLLAK, 1989), permitindo assim a construção de uma etno-memória.

Segundo Restrepo (2013), o rio médio Atrato foi o cenário onde começaram os processos de reconstrução da memória da população negra na Colômbia:

Se generó por primera vez una noción y estrategia organizativa que constituye a las comunidades negras como grupo étnico con un territorio, unas prácticas tradicionales de producción y una identidad cultural específica. Esta noción y estrategia organizativa fue inicialmente concebida como una respuesta a la creciente amenaza de despojo de los recursos y las tierras habitadas por estas poblaciones durante varias generaciones a manos de un estado que desconocía su presencia. Este desconocimiento se había evidenciado en la otorgación de concesiones o permisos de explotación de sus recursos forestales a grandes compañías (RESTREPO, 2013, pg. 37)

A crescente ameaça à destruição de um território ancestral e biodiversa foram a causa para que essa memória subterrânea começasse a emergir.

Esas representaciones de unas comunidades campesinas conocedora de su entorno, con unas prácticas tradicionales de producción y unos sistemas de propiedad y racionalidad economía como expresiones de su exitosa adaptación a los ecosistemas de la región fueron fundamentales en la gestación de discursos y estrategias organizativas que llevaron a imaginar por vez primera las *comunidades negras* como un grupo étnico y, en consecuencia, a demandar frente al estado colombiano el reconocimiento de ciertos derechos como la titulación colectiva de los bosques del área del medio Atrato.(RESTREPO, 2013, pg.38)

Na medida em que estas comunidades reivindicaram seus direitos sobre o Pacífico, foram criando uma memória coletiva, que os ratifica como *comunidades negras*. Por uma parte se deve considerar que a construção de essa memória os etnizou, no sentido que a subsistência dos grupos étnicos não implica apenas a existência de critérios e sinais de identificação, como também em uma estruturação das interações que permitem a persistência de diferenças culturais (BARTH 2000).

E por outra, a memória coletiva nesta perspectiva, deve ser considerada como um processo que dá voz, a qual se aciona para legitimar e reivindicar os direitos pela ocupação de um espaço.

2.2.4. A constituição de 1991 e a Lei 70 de 1993.

A nova constituição da Colômbia de 1991 possibilitou novos processos de reivindicação de direitos referente à titulação de terras para a população negra do Pacífico, já que introduziu o conceito de múltiplas culturas étnica na Colômbia (RESTREPO, 2013), o qual significou uma mudança do discurso colonial no qual:

La nación colombiana era definida por el proyecto decimonónico de una sola lengua, una sola religión y una sola cultura. La élite política eurodescendiente de aquel entonces imaginaba la fundación de la ciudadanía y de la nación en un proyecto que anclado en el ideario de la Ilustración eurocentrado pretendía una homogeneidad cultural que se superponía con el imaginario de progreso y *la civilización*, encarnado en el castellano y en la religión católica (RESTREPO, 2004, pg. 273).

Neste contexto fica claro que a comunidade negra, por um lado não teve lugar neste projeto de construção nacional, pois eram vistas como uma sociedade atrasada, de maneira que o surgimento da constituição de 1991 muda o paradigma, permitindo reconhecer que existe outra história, uma história não registrada.

Outro dos ganhos da população negra, e uns dos mais importantes, foram à expedição da Lei 70 de 1993, por meio do artigo provisório 55 da nova constituição de 1991. O que esta lei permite é o reconhecimento da propriedade coletiva da população negra sobre territórios ribeirinhos da baixia do Pacífico (ARIZA et al, 1999, pg. 50), mas também vai transformar estas populações em *comunidades negras*, o que segundo Restrepo (2013) os etnizou, pois “se establecieron las bases jurídicas para las primeras representaciones de su *identidade étnica* plasmada em la ley” (RESTREPO, 2013, pg. 93).

A Lei 70 de 1993 gerou novas formas de organização nas diferentes comunidades assentadas ao longo do Pacífico, que reclamam por seus direitos sobre o território que vem ocupando por gerações, intitulados de territórios coletivos chamados de conselhos comunitários, os quais tem autonomia territorial e de governança, processo que tem exigido por parte de estas comunidades a reflexão e apropriação social e cultural de esta nova forma de organização territorial (ARIZA et al, 1999)

Na atualidade já se tem outorgado terras em grande parte do Pacífico Colombiano e quase todo o Pacífico do departamento do Cauca, “se há logrado titular cerca de cinco millones de hectareas em la region Pacifico” (RESTREPO, 2013, pg. 117).

Estas comunidades não só procuram a conservação e proteção do Pacífico, por ser este rico em termos de serviços ambientais, sendo o Pacifico o espaço onde se reafirma sua cultura. Deste modo as comunidades se têm apropriado de um discurso, criado por uma memória coletiva que está em contínua construção, a qual reafirma e fortalece sua identidade cultural, pois se tem que ressaltar que “el obrero, el campesino, el leñatero, el pescador, la conchera, el ciudadano o el costeño configuran la gran mayoría de los sujetos de derecho y de hecho en la ultimas décadas antes de la etnización de la *comunidade negra*” (RESTREPO, 2013, pg. 102).

Na atualidade a construção de uma memória por parte das comunidades negras na Colômbia, representa uma conquista em termos de autonomia territorial e reconhecimento como grupos étnicos, por sua permanência histórica em lugares ancestrais e de grande valor ecológico, o qual mostra também como vai se edificando na contemporaneidade novas relações de estas comunidades com o Estado.

É importante ressaltar que esta memória negra está em continua reconstrução, é dinâmica, como o menciona Pollack, “Esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e futuro” (POLLAK, 1989, pg. 8), já que a etnização da memória se converteu numa ferramenta que estas comunidades negras têm, para poder permanecer em seu território.

Outro aspecto importante que explica os processos da atualidade e de como se vem construindo uma memória coletiva negra, os temos encontrado na colônia e como o isolamento geográfico e tornou desconhecido perante a construção de uma nação permitiram a permanência e configuração de uma cultura ancestral de descendência Africana, que hoje conhecemos como *comunidades negras*.

2.3. O Município de Lopez de Micay.

Como já se mencionou, o departamento do Cauca faz parte da região Pacífica. O Pacífico no Cauca se encontra conformado pelos municípios de Timbiqui, Guapi e Lopez de Micay, este

último se encontra localizado ao Noroeste do Cauca (Ver figura 5.). Tem uma extensão de 3.241 km², situado a uma altitude que varia desde o nível do mar até os 2.500 metros (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015).

Segundo o plano de desenvolvimento do município o clima é considerado como temperado e pluvial, suas temperaturas médias variam dos 18° aos 24° C, e sua altitude máxima é de 500 m. As precipitações anuais variam entre 2.000 e 9.000 mm, razão pela qual o IDEAM⁶ o classificou em 2005 como o município mais chuvoso da Colômbia (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 32).

O município de Lopez de Micay possui as áreas montanhosas da cordilheira ocidental, que vão até a costa Pacífica ao oeste. É de destacar neste município a ampla rede de drenagem; desde as zonas mais altas da montanha drenam os rios para a sub-bacia do rio Naya ao norte (1.434 Km²), outros para a sub-bacia do rio Micay com o leito principal no centro (1.368 Km²), se tem outros rios que se fazem parte do município que desembocam diretamente ao oceano pacífico, os quais cobrem 468 Km² do total do município de 3.241 Km². (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 103).

As unidades geomorfológicas do Micay estão conformadas pelas montanhas e colinas, vales aluviais, terraços baixos. A primeira delas “tiene una topografía suave, cimas redondeadas, pendientes cortas e convexas (...). En el rio Micay, entre Noanamito y la Boca el rio Naya, se aprecian colinas aisladas de baja altura y con suelos rojizos” (Plan de desarrollo municipio López de Micay, 2012 -2015, pg. 55).

⁶ IDEAM-Instituto de Hidrologia, Meteorologia e Estudos Ambientais.

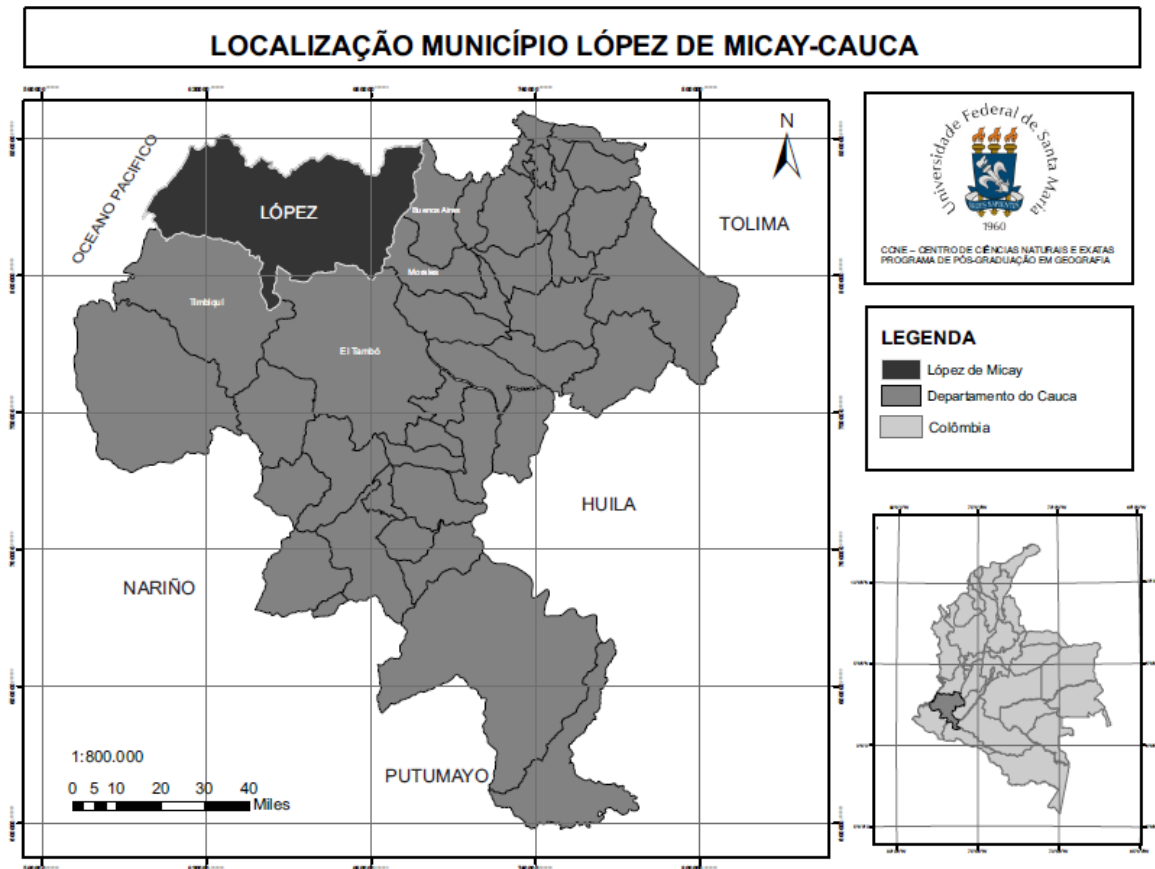


Figura 6: Localização município López de Micay –Cauca.
 Fonte: Sistemas de Informação Geográfica para o planejamento Territorial-SIGOT
 Organização: Jesica W. Beltran CH.

Os vales aluviais estão localizados nas planícies de inundação, dos rios Micay e Naya, estes estão conformados por depósitos aluviais finos. Estes rios na sua parte inferior têm desenvolvido canais estreitos, onde se criaram planícies de inundação, enquanto que a zona entre os pântanos de transição e as colinas tem formado aluviões antigos, com amplas planícies, terraços entre abanicos aluviais (Plan de desarrollo municipio de Lopez de Micay, 2012-2015).

Os terraços baixos se encontram ao longo dos principais rios, são superfícies ligeiramente onduladas e planas que ocupam uma posição elevada com respeito ao nível atual dos rios, os terraços baixos são as áreas, junto com as colinas, mais aptas para cultivos e onde se localizam as principais populações da zona. (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 55).

Em relação ao solo, predominam,

en términos generales los suelos localizados en la cuenca del Pacifico caucano correspondientes a los paisajes de pantanos de manglar del área de jurisdicción del municipio de López de Micay; las condiciones climáticas extremas, las altas precipitaciones, la alta humedad, el drenaje natural pantanoso, el relieve de formas depresionales y la cobertura vegetal, son factores o parámetros de gran relevancia en la formación de estos suelos de evolución genética reciente clasificados en los órdenes de los Histosols y Entisols, cuyas características los describen como suelos de origen orgánico e inorgánico, muy fuerte a fuertemente ácidos; son suelos moderadamente salinos a muy fuertemente salino sódicos y normales y en algunos casos esta condición es dada por que los suelos han sido condicionados y drenados para las actividades agrícolas” (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 67).

No que se refere à vegetação, a presença do ecossistema de manguezal no município de Lopez de Micay é importante, este “posee en su totalidad 4.355 ha de manglar, los cuales se encuentran en el área de territorio colectivo del Consejo Comunitario Manglares de Micay y el Resguardo Indígena de La Playita.” (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 79). A importância dos manguezais deve-se não somente à sua extensão, mas sobretudo pelos diversos usos que se lhe dão. No município de López de Micay se identificam as seguintes atividades com relação aos ecossistemas de manguezal:

- Extração de madeira: se extrai o *nato*⁷ para a construção, o manguezal vermelho para fazer pilotes⁸, o *piñuelo*⁹ para construção de moradias, lenha e carvão. O uso se dá de forma doméstica pelos habitantes da área, mas se evidencia uma alta pressão pelo uso florestal comercial do manguezal na maioria por pessoas externas à região.
- Extração de recursos hidro-biológicos: *piangua*, *piacuil*, *cangrejo azul*.
- Criação de gado, em áreas de praias circundantes ao manguezal.
- Agricultura, associada aos manguezais e à floresta de *guandal*¹⁰. Entre os cultivos principias se encontram: o coco, a cana de açúcar, o plátano¹¹, a papachina¹² e açai.

(Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, pg. 96).

⁷ Mora Megistosperma ou manguezal *nato*.

⁸ O Pilote é um elemento construtivo, usado para a concretagem na construção das moradias no Pacífico.

⁹ Pelliciera Rhizophorae ou Manguezal *piñuelo*.

¹⁰ A floresta de *Guandal* faz referência aos pantanais que se encontram ao Sul da costa Pacífica, os quais se caracterizam pela riqueza e diversidade das árvores.

¹¹ Platano ou banana verde é uma fruta alargada de cor verde ou amarela de casca dura, similar a banana comum.

¹² Papachina é um tubérculo típico da zona tropical do Pacífico, seu nome científico é *Colocasia esculenta*.

2.3.1. Características socioculturais.

O pacífico no Cauca é uma das regiões com maior número de comunidades negras. No município do Lopez de Micay a presença desta população representa cerca de 79% do total, o restante se distribui entre mestiços e indígenas que perfazem, respectivamente, 13% e 8% do total. A distribuição da população por área geográfica é a seguinte: cerca de 17% da população se localiza na zona urbana e os 83% restantes na zona rural, caracterizando este município como uma economia eminentemente rural (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012-2015).

A população negra do município de Lopez de Micay (ver figura 7), como toda a população negra do Pacífico colombiano, são descendentes dos escravos trazido da África para trabalhar na mineração durante o período colonial, sendo Lopez de Micay uns dos lugares onde se estabeleceram nos percursos dos rios zonas de exploração de ouro.

De acordo com West (2000) a população negra no pacífico tem uma forma comum de vida, baseada na agricultura de subsistência, como a pesca e a mineração manual, ainda presente no município de Lopez.

É de-se destacar que os habitantes de Lopez de Micay, em meio à complexidade da natureza que os rodeia, tem se adaptado com sucesso à selva úmida tropical, tendo encontrado nesta região o lugar propicio para reproduzir e conservar os aspectos culturais trazidos pelos ancestrais, e tem aprendido a navegar os rios, sendo estes as vias de transporte, e as ribeiras os lugares de moradia, (WEST, 2000, pg. 8), aprendendo a conhecer a selva, e organizando seu território de acordo com suas próprias lógicas e conhecimentos, diferentes às do Estado Colombiano.

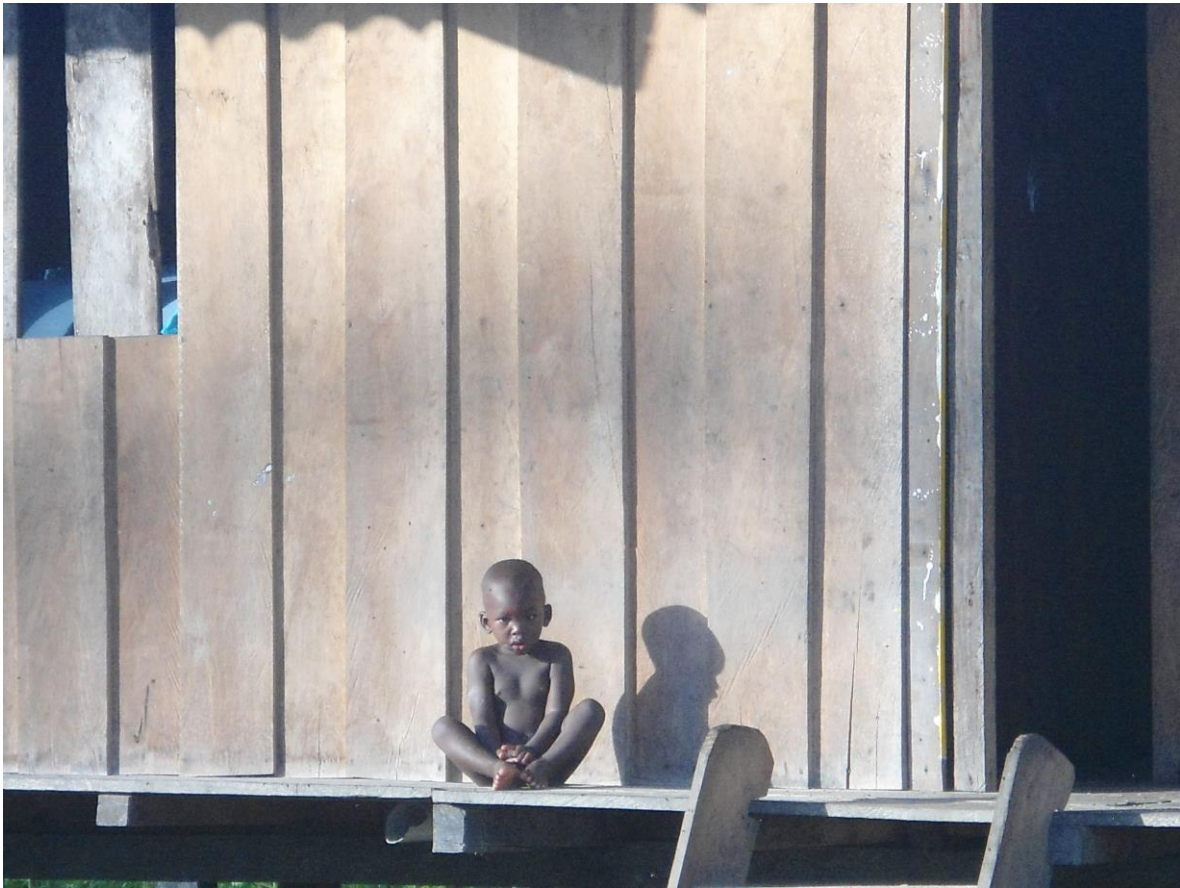


Figura 7: População negra do município de Lopez de Micay.
Fotografia tirada no centro povoado de Noanamito- Conselho Comunitario de Manglares. Mostra uma criança de mais o menos dois anos de idade que fica na frente de sua casa, aguardando a sua mãe. Geralmente no Pacífico as crianças não frequentam a escola até ter 6 ou mais idade, até então ficam no cuidado da mãe.
Fonte: Autor

2.3.2. Ordenação do território

Segundo o esquema de ordenamento territorial, o município está composto pela cabecera municipal¹³, cinco resguardos indígenas e 36 corregimentos¹⁴. (Ver anexo I e II). Sendo esta a divisão político-administrativa do município.

¹³ Na Colômbia se usa o termo *cabecera municipal* para se referir ao centro “urbano” de municípios de tamanho médio, conforme Ortega (2001): “las cabeceras municipales cuentan en mayor o menor grado, con las obras de infraestructura propias de las áreas urbanas (calles, alcantarillado, acueducto, energía, teléfonos, servicios administrativos, judiciales). Así lo urbano corresponde a toda la cabecera municipal” (ORTEGA, 2001:98). Mas esta descrição não corresponde em sua totalidade a realidade do município de Lopez de Micay, pois este não possui os principais serviços como aqueduto, rede de esgotos, energia elétrica permanente e serviço recoleção de resíduos, serviços próprios de um centro urbano.

Mas as comunidades negras tem adotado sua própria forma de ordenar seu território, de maneira que o território negro no município se divide em conselhos comunitários. Os conselhos comunitários são instâncias de administração e manejo dos territórios coletivos que o Estado lhe tem outorgado às comunidades negras, o qual tem exigido por parte das comunidades negras uma reflexão e apropriação social e cultural desta ordenação sobre o território negro (ARIZA, et al 1999).

Lopez de Micay conta com cinco conselhos comunitários os quais são:

1. **Conselho comunitário San Joc:** encontra-se localizado ao sul do município, tem uma população de aproximadamente 885 habitantes organizados em 210 famílias.
2. **Conselho comunitário Manglares del Micay:** encontra-se localizado ao noroeste do município, com uma extensão de 38.746 há e uma população de 3.770 habitantes, distribuídos em 20 comunidades.
3. **Conselho comunitário El Playón:** localiza-se ao nordeste do Pacífico caucano, e ao norte do município de López de Micay, apresenta uma população de 685 habitantes distribuídas em 137 famílias.
4. **Conselho comunitário Integración Chuare:** localiza-se ao nordeste do município de López de Micay, com uma população de 616 habitantes, distribuídos em três comunidades
5. **Conselho comunitário de Mamuncia:** localiza-se ao sudoeste do município de López, constituído por uma população de 6.500 habitantes, distribuídos em 20 comunidades. (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012-2015), (Figura 8).

Nas palavras de Oslender (2010), este aporte por parte das comunidades negras do Pacífico, e sua luta por se manter em seu território com sua cultura, implica que o Pacífico se veja “como um território que se distingue de la logica del Estado desarrollista, donde el control sobre las tierras esta vinculado al ejercicio de uma cultura propia, libre de la dominacion de los actores del Estado y el capital” (OSLENDER, 2010, pg.110).

¹⁴ Resguardos indígenas são territórios coletivos, reconhecidos pelo Estado Colombiano como propriedade das comunidades indígenas (FAJARDO, 2002). Os corregimientos são forma de organização político administrativas dos municípios, sendo estas as unidades que o compõem.

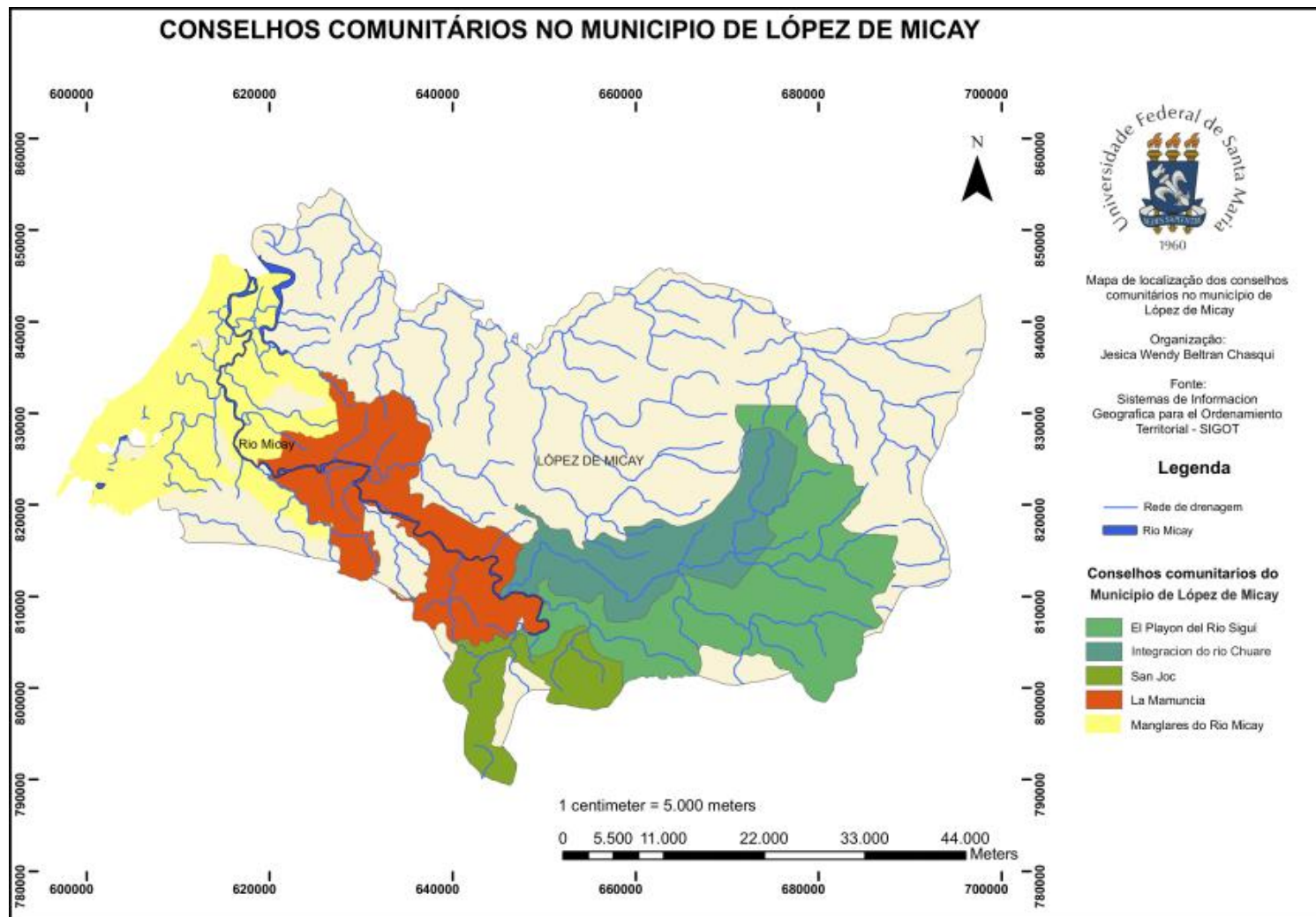


Figura 8: Localização dos Conselhos comunitários do município de López de Micay
 Fonte: Sistemas de Informação Geográfica para o planejamento Territorial-SIGOT
 Organização: Jesica W. Beltran CH.

2.3.3. Geografias do Terror

Outro aspecto a considerar ao se referir ao Pacífico caucano e mais especificamente ao município de Lopez de Micay, é a condição de pobreza na qual este se encontra, pois seu isolamento geográfico e invisibilidade por parte do Estado, em parte explicam esta condição. Num estudo sobre a influência da via Pan-americana sobre o desenvolvimento do departamento do Cauca, que por meio da análise espacial dos principais indicadores de desenvolvimento como é o ICV (Índice de Qualidade de Vida) e o NBI (Necessidades Básicas Insatisfeitas), mostrou-se que o departamento do Cauca é um território heterogêneo, desequilibrado em termos de desenvolvimento, onde os municípios de Lopez de Micay, Timbiqui, e Guapi (municípios que conforma a região pacífica no Cauca), tem indicadores de pobreza mais altos do departamento¹⁵. O qual é traduzido à inexistência de vias de acesso, que possibilitem a comunicação da capital do departamento com o Pacífico, falta de acesso à educação, carência de serviços básicos como rede de esgoto, luz e água potável, entre outros aspectos.

Este panorama de pobreza contrasta com o problema de violência armada que se tem na Colômbia por mais de 60 anos. Os grupos à margem da lei se tem apoderado desses lugares nos últimos anos, como resultado de um processo político que os levou a deslocarem-se às fronteiras¹⁶ do país.

O geógrafo Ulrich Oslander, tem identificado no Pacífico colombiano espaços marcados pela violência e o narcotráfico, como geografias do terror. O autor tem proposto este conceito, com a finalidade de compreender o fenômeno de deslocamento forçado na Colômbia, e para reorientar o discurso que define: o terrorismo, pois este se vê o “terrorismo contra sistemas do Estado democrático neoliberal ocidental” (OSLENDER, 2004, pg. 40).

O pacífico caucano é vítima de constantes conflitos armados entre guerrilhas de Farc, ex-paramilitares e militares, que deixam presas as comunidades locais ao meio deste conflito, o qual tem como consequências um constante deslocamento do campo à cidade, sujeitas a processos de desterritorialização (OSLENDER, 2004). Um dos múltiplos exemplos desta situação ao longo do Pacífico, se reflete no massacre na “en la localidad de Bellavista en el

¹⁵ Ver em Beltran, Jesica (2012) , trabalho de conclusão de curso intitulado: *Análisis espacial de la vía Panamericana, como eje de aglomeración de factores de desarrollo en el departamento del Cauca.*

¹⁶ As *Fronteras* é um termo geralmente usado para categorizar os territórios que historicamente não se articularam à nação. (SERJE, 2011). Serje (2011) ressalta que a *Fronteira*, como conceito espacial colonial, não só é vista como os limites nacionais, senão como limites culturais, associando os territórios étnicos com unidades biográficas, a *Fronteira* também tem um caráter excludente, ao ser estas percebidas desde a colônia como lugares selvagens incivilizados.

municipio de Bojayá, departamento de Chocó, a orillas del río Atrato: la población civil estaba atrapada entre los combates intensos entre las fuerzas paramilitares y las guerrillas de las Fuerzas Armadas Revolucionarias de Colombia FARC, cuando un cilindro de gas fue lanzado contra la iglesia en la cual los pobladores habían buscado refugio; por lo menos 119 personas murieron en la explosión. Otros centenares de personas huyeron de la zona inmediatamente” (OSLENDER, 2004, pg. 37).

Situações como a descrita anteriormente criam paisagem de terror, mudam as práticas cotidianas das comunidades, geram mudanças radicais sobre a percepção do lugar e o imaginário da população sobre seu território, geram processos de desterritorialização, deslocamentos forçados e estratégias espaciais de resistência, refletindo-se estes aspectos no espaço¹⁷ (OSLENDER, 2004).

¹⁷ Ver em Oslender (2004), Geografias de Terror y desplazamiento forzado en el Pacífico colombiano: conceptualizando el problema y buscando respuestas.

3. CARTOGRAFIA SOCIAL, RE-MAPEANDO A RURALIDADE NO MUNICÍPIO DE LOPEZ DE MICAY.

Si al comienzo una idea no parece absurda, no hay esperanza para ella.

Albert Einstein

Na América Latina as pesquisas com comunidades rurais vêm adotando metodologias de mapeamento participativo que possibilitam gerar novas visões sobre o espaço rural e que se tem convertido na arma mais poderosa das comunidades para legitimar suas terras frente ao Estado. Estas metodologias nasceram com o mapeamento de terras indígenas no Alaska e no Canadá e, a partir daí, se tem propagado de diversas formas na Ásia, na África, e na América Latina. As ferramentas e os processos de mapeamento se diferenciam uns de outros nestas regiões, diferem segundo os objetivos que perseguem e os instrumentos cartográficos usados. Destaca-se no mapeamento a implementação das tecnologias da informação geográfica -TIG, a qual se originou nos Estados Unidos.

Uns dos resultados do processo de mapeamento é a geração de mapas elaborados pela comunidade. O mapa torna-se uma ferramenta empregada para legitimar a ocupação de um espaço, o que indica que são um elemento de poder que vai permitir restaurar o controle sobre o espaço. As conquistas alcançadas em termos de posse da terra e o reconhecimento e a valorização dos saberes locais indicam que a Cartografia Social ou mapeamento participativo pode ir além de uma metodologia de mapear coletivamente.

3.1. Antecedentes

O mapeamento participativo é uma ferramenta e uma metodologia de trabalho com comunidades, que teve início no Canadá e no Alaska nas décadas de 1950 e 1960 (CHAPIN, 2010), com o objetivo de proteger os territórios ancestrais das comunidades indígenas. Com o transcorrer do tempo o mapeamento participativo se difundiu em muitas partes do mundo, na América Latina as iniciativas de mapeamento começaram na década de noventa (ACSELRAD; RÉGIS, 2008), com comunidades do México, da Colômbia, do Peru e do Brasil criando, assim, diversas formas de mapear. Esta iniciativa de cartografar o território surge como resposta das comunidades camponesas, indígenas e afrodescendentes ante o reclamo de terras, o reconhecimento de seus territórios ante o Estado e a proteção de

territórios geralmente de grande importância biológica, como é o caso da Amazônia e do Chocó biogeográfico.

Chapin (2012) identifica três formas de mapeamento que se tem gerado segundo o contexto e o enfoque. A primeira e mais antiga se localiza na Alaska e no Canadá, a qual se realizou com comunidades indígenas, grupos de caçadores, coletores e pescadores, que tem tido como resultado não só inumeráveis estudos sobre os nativos que habitam os lugares mais agrestes e inóspitos, senão o reconhecimento desses territórios como próprios destas comunidades frente ao Estado.

A segunda forma se localiza na América Latina, Ásia e África, “donde el mapeo ha tenido que ver con sociedades mezcladas, cazadores, pescadores y agrícolas y temas distintos y por mucho más variado que los de Canadá y Alaska” (CHAPI, 2012:5). As iniciativas de mapeamento nestes lugares se deram na década de 1990 com o propósito de produzir documentação para o reclame de terras. (CHAPIN, 2012).

O terceiro enfoque se concentra nas tribos dos quarenta e oito estados dos Estados Unidos, aqui o mapeamento se caracteriza por ser mais sofisticado devido ao uso de Tecnologias da Informação Geográfica (TIG). Em meados da década de noventa a tecnologia tornou-se mais acessível (CHAPIN 2012), as técnicas de mapeamento associadas com os SIG (Sistemas de Informação Geográfica), GPS (Sistema de Posicionamento Global) e tele-deteção, deram como resultado o que se tem chamado de PPGIS (Public Participation Geographic Information System), ou PGIS (Participatory Geographic Information System). Estes modelos “foram constituídos no âmbito dos SIG para ampliar o envolvimento público na formulação de políticas, assim como para valorizar o papel dos SIG na realização de metas de ONGs, grupos populares e organizações de base comunitária” (ACSELRAD & RÉGIS, 2008: 18). Joliveau (2008) considera os modelos participativos uma forma diferente de conceber os SIGs, e aponta que “ele é construído em função de um projeto de contracultura política. Os PPGIS têm por missão dar a palavra às comunidades de base e aos grupos desfavorecidos” (JOLIVEAU, 2008:59).

O uso das TIG`s nas formas de cartografar a partir de 2000 se tem intensificado, e tem influenciado fortemente as técnicas de mapeamento nas comunidades do Canadá e no Alaska, como também nas comunidades de América Latina, Ásia e África, que usualmente utilizavam

croquis de mapas e insumos de baixo custo, diferentes das ferramentas tecnológicas, que “funcionaban bien dentro de la comunidad pero no podía asumir las batallas de la tenencia de la tierra y las batallas legales con el Estado.” (CHAPIN, 2012:11). Estas mudanças nas técnicas foram influenciadas pelas técnicas sofisticadas usadas nos Estados Unidos, que foram acompanhadas ao mesmo tempo pelo desenvolvimento das tecnologias de informação espacial, que se haviam feito mais acessíveis e que já não eram de uso exclusivo dos governos. De tal maneira que o uso de técnicas e tecnologia no mapeamento tem tido grande aceitação nos grupos de base, comunidades e camponeses, tanto no Alaska, no Canadá, na América Latina, na Ásia, na África, pois o poder de mapear reestrutura o controle sobre o conhecimento e o território, constituindo uma ferramenta de grande importância na medida em que se reclamam direitos sobre o território.

As técnicas desenvolvidas no transcorrer de mais de uma década se tem diversificado segundo o contexto, a comunidade e os objetivos da cartografia. Corbeh (2006) destaca algumas técnicas e ferramentas que se podem dividir em mapeamento básico, o qual não é tão elaborado, inclui o traço de mapas sobre o chão, ou sobre o papel, estes não contam com medidas exatas nem se consideram as referencias geográficas, são técnicas que consideram a memória e a percepção espacial dos indivíduos. Estas técnicas são chamadas de Cartografía Efímera e Cartografía de Esbozo. O mapeamento mais elaborado conta com técnicas de produção de mapas que consideram as referencias geográficas, que junto com as TIG`s, vão proporcionar dados matemáticos e espaciais mais exatos, e que servem de apoio aos processos relacionados à apropriação da terra das comunidades locais frente ao Estado, mais que a produção de conhecimento endógeno da comunidade. Se destacam a Cartografía Escalar, Modelagem em 3D, os Foto-mapas, os Sistemas de Posicionamento Global (GPS) e os Sistemas de Informação Geográfica (SIG).

O mapeamento participativo tem sido usado com diferentes propósitos e com as mais diversas técnicas, que vão desde o uso dos croquis de mapas, desenhos sobre o chão, maquetas e fotografias até técnicas mais sofisticadas, acompanhadas do uso de tecnologias da informação espacial, o que tem ocasionado o surgimento de diferentes denominações como: Etno-cartografia, Cartografia Social, Contra Mapeamento, entre outras. Na América Latina esses procedimentos são mais conhecidos como Cartografia Social, e se tem encaminhado a auxiliar as populações indígenas e afrodescendentes a reconhecer diferentes territórios como

próprios ante ao Estado, assim, o debate sobre a geração de mapas desde um conhecimento endógeno, que se contrapõe ao conhecimento científico, de elaboração e uso deste.

3.2. Cartografia Social uma metodologia de contra mapeamento nos estudos agrários.

A Cartografia Social como metodologia participativa, surge de outras metodologias participativas como: a observação participante nas pesquisas colaborativas, que misturadas com as TIG`s, permitem a geração de uma metodologia adequada para trabalhar com grupos locais (ACSELRAD; RÉGIS, 2008), e que tem como resultado a geração de mapas temáticos feitos pelas comunidades, comunidades que se caracterizam por ocupar espaços rurais.

O exercício da Cartografia Social serve para construir conhecimento de forma coletiva através da elaboração de mapas. Nesse processo se desatam diálogos entre os participantes colocando-se em evidências diferentes tipos de saberes, que se misturam para chegar a uma imagem coletiva do espaço rural. O diálogo de saberes se traduz no reconhecimento de saberes endógenos próprios de cada comunidade, ante o saber hegemônico da ciência. Pollak (1989) descreve esta postura quando introduz o termo de memória subterrânea, a qual se refere às outras versões que existem sobre a realidade, que se reivindicam ante a disputa pela memória. Esses saberes ou memórias, em muitas das comunidades locais, tem sido confinadas ao silêncio durante muito tempo e transmitidas de uma geração a outra de forma oral e não através de publicações, mas no entanto permanecem vivas. (POLLAK, 1989).

O diálogo de saberes através da Cartografia Social possibilita reflexões e produção de conhecimento com os atores sociais, a partir da reconstrução virtual da realidade, por meio de instrumentos técnicos e vivências que darão como resultado não só a geração de mapas temáticos, que se misturam com conhecimentos tradicionais e tecnologias geográficas avançadas, mas também a produção de conceitos e conhecimentos desde a comunidade, referente à produção e representação do espaço rural. Assim, se considera o espaço rural a partir dos conhecimentos locais, não como a expressão do exótico ou atrasado, senão, como um saber interno e alterno às interpretações da ciência, que hasta agora se intuem, mas não se conhecem com precisão e método (OSORIO, 2012). Com a Cartografia Social se pode identificar as diferentes classes de saberes sobre o espaço rural presentes nas diversas comunidades, saberes que enriquecidos com o conhecimento gerado desde esta ferramenta, dão acesso a mais de uma explicação da realidade (OSORIO, 2012).

A produção da cartografia e sua posterior sistematização permitirá uma leitura e análises de uma cartografia alterna, construída a partir de elementos considerados pela comunidade, já

que “los mapas son testimonios tejidos o punto de signos y símbolos que, en conjunto constituyen una visión del mundo específica, es decir, una política geográfica” (OFFEN, 2009 p. 167), com o qual se problematiza a cartografia convencional, e se faz um contra mapeamento, no qual se imprimem as percepções e as imagens que a comunidade tem sobre o espaço.

Os mapas gerados não só se pensam como um resultado de um processo de ressignificação e re-mapeamento, senão como um instrumento de poder, um instrumento político, que a comunidade pode utilizar para a toma de decisões, em diferentes questões que envolvam seu território, que deve ser entendido e construído por eles mesmos, neste sentido:

A construção do mapa como ferramenta de conhecimento não pode ser reduzida ao desenvolvimento de uma abordagem euclidiana que se baseia numa visão cartesiana da extensão sobre a ideia de um espaço abstrato independente dos objetos que nele se dispõem... É possível que haja... Há outras maneiras racionais de construir os mapas (LÉVY, 2008, pg. 156).

Portanto, pode-se afirmar que existem pontos de encontro, os quais permitem diálogos de saberes, entre os saberes hegemónicos e não hegemónicos, que possibilitam dar novas explicações aos fenómenos que ocorrem no mundo rural. Neste ponto é possível se perguntar, como se redefine o mundo rural e agrário na contemporaneidade? Quando os saberes endógenos, saberes sobre o meio rural podem ser plasmados sobre o papel, e criam uma imagem alterna do espaço rural. Aqui o mapa como um elemento de poder vai ter um papel importante no momento em que deixa de ser simplesmente uma ferramenta euclidiana que representa a realidade por meio da linguagem das medidas matemáticas, senão como uma imagem carregada de significados (MOREIRA, 2012).

3.3.O lugar do mapa.

Os mapas nas abordagens participativas, não somente se consideram como um resultado de um processo no qual as comunidades fazem mapas no coletivo, mas também se considera como estas comunidades reiniciam o espaço rural e, como por sua vez usam o mapa como ferramenta de controle sobre o território. De acordó com Offen: “históricamente el poder de mapear, así como el poder de nombrar, ha representado el poder de poseer y de controlar” (OFFEN, 2009:168).

Por outra parte a construção de mapas através de ferramentas sofisticada como os SIG, tem criado uma única imagem da realidade e do mundo, já que “la adopción de la cartografía

científica como único conocimiento válido, así como la vigencia del monopolio estatal de su producción eliminaron el pueblo, especialmente los pueblos indígenas del mapeamento” (FOX et al, 2008: 71), criando um conhecimento cartográfico hegemônico difícil de ser lido e compreendido pela comunidade em geral, e invalidando outro tipo de representação que tem sobre o espaço pois “muchas veces el orden científico deseado por el Estado no es compatible con las realidades sociales del terreno” (SLETTTO 2011, p. 45) ignorando as realidades dos territórios e dos atores sociais que ali habitam.

A produção de mapas através da comunidade abre a discussão referente à produção do conhecimento científico e do conhecimento local, como também a discussão referente ao lugar do mapa nas abordagens de pesquisa. Segundo Offen (2009) “un mapa es un objeto político porque da forma y a la vez refleja la realidad mismo que se supone representa de manera transparente” (OFFEN, 2009:167). De maneira que os mapas se constituem por natureza em instrumentos políticos que se constroem segundo um objetivo, segundo uma intencionalidade; ele representa o que o autor quer que os demais vejam. Portanto, o mapa não deve ser uma imagem que representa uma única realidade, pelo contrário, ele é uma representação das múltiplas percepções que se tem sobre a realidade espacial.

Os mapas feitos pelas comunidades locais “son historias sobre el espacio y la cultura”, são as memórias subterrâneas de Pollak (1989), e uma versão alterna da realidade que resiste à homogeneização das representações espaciais dos grupos dominantes (SLETTTO 2011, p. 26).

3.4.A percepção espacial e o mapa.

As abordagens teóricas baseadas na percepção estudada por Kevin Lynch (1960) na geografia considera a percepção um meio pelo qual as pessoas constroem uma imagem do espaço. Lynch (2008) tem chamado essa imagem espacial de imagem ambiental, sendo essa uma imagem mental que cada pessoa tem do lugar que habita. (LYNCH, 2008). Essas imagens podem ser individuais ou públicas. Enquanto imagens públicas são entendidas como imagens mentais coletivas ou comuns. “Se trata de los puntos de coincidencia que puede esperarse que aparezcan en la interacción de una realidad física única, una cultura común y una naturaleza fisiológica básica” (LYNCH, 2008, p. 17). De forma que a imagem ambiental é considerada como: “La representación mental generalizada del mundo físico exterior que posee un individuo. Esta imagen es producto al mismo tiempo de la sensación inmediata y del recuerdo de experiencias anteriores, y se la utiliza para interpretar la información y orientar la

acción.” (LYNCH, 2008, p. 12). Esta imagem ambiental é de grande importância para o indivíduo, já que não só estrutura o médio no qual se desloca e se vive, também permite dotá-lo de significados, dando-lhe um sentido ao espaço e, por tanto, ordenando-o. Lynch (2008, p. 15) descreve o processo para chegar à imagem mental da seguinte forma:

Las imágenes ambientales son el resultado de un proceso bilateral entre el observador y su medio ambiente. El medio ambiente sugiere distinciones y relaciones, y el observador con gran adaptabilidad y a la luz de sus propios objetivos escoge, organiza y dota de significado lo que ve (LYNCH, 2008, pg. 15).

Este contato bilateral entre o ambiente e o observador também permite gerar uma imagem mais legível ou nítida, quando se refere ao tempo, pois as relações entre homem-meio se intensificam com a experiência, com o cotidiano, permitindo estruturar o espaço numa imagem clara e totalmente ordenada. Uma imagem legível, coletiva, vai permitir mostrar o consenso que se tem sobre o conhecimento, a ordenação e significado do espaço numa comunidade determinada. O mapa enquanto construção social deve ser entendido frente a suas subjetividades e os significados que a comunidade lhe outorga, por meio da representação por símbolos, formas e cores próprios da cartografia que, assim como a cartografia convencional, vai permitir transmitir uma mensagem e contar uma história.

3.5. A Cartografia Social e a construção de mapas.

A Cartografia Social como metodologia participativa vai permitir vislumbrar os saberes sobre o espaço e sua configuração codificada em simbolismos que serão necessários decifrar. A abstração do espaço que todo indivíduo realiza é possível plasmar-se sobre o papel, permitindo o surgimento de novos conhecimentos. Este é o espaço socialmente construído, mediante a percepção e plasmado em mapas através da Cartografia Social. Esta metodologia permite um diálogo de saberes, referente ao saber local e o conhecimento científico.

Cramton & Krygier (2008) em sua reflexão sobre a crítica à cartografia, aponta que “el propósito de la crítica como una política de conocimiento no es decir que nuestro conocimiento no es verdadero, pero que la verdad del conocimiento esta establecida sobre condiciones que tiene bastante que ver con el poder” (CRAMTON & KRYGIER, 2008:88), de forma que a Cartografia Social representa também a disputa pelo poder, o poder de mapear, o poder sobre o espaço desde os grupos base, comunidades locais, indígenas e afrodescendentes.

Portanto, o poder de mapear em mãos das comunidades locais, indígenas e afrodescendentes, em seu processo por reivindicar seus direitos sobre a terra e o território, vai permitir reestruturar o controle pelo espaço, já que “las comunidades que no tienen mapas están en desventaja en la medida en que los derechos y el poder son crecientemente definidos en términos espaciales” (CRAMTON & KRYGIER, 2008:81).

Neste sentido, a Cartografia Social vai além de uma metodologia participativa, representa um processo de ponderável das diferentes comunidades por seus territórios e de ressignificação do mesmo. Sack (1986) resalta a importância da noção de território na América Latina, “como le da sentido la gente a un lugar” así como este “se organiza en el espacio” son fenómenos constituyentes de procesos a través de los cuales se lucha por un territorio, se concibe legalmente un territorio, se demarca físicamente un territorio, y se representa cartográficamente un territorio” (SACK 1986 en OFFEN 2004:170).

As diferentes reflexões que se tem tomado, demostram que o mapa é um instrumento de poder, no qual o conhecimento sobre a realidade é hegemônico, e ainda hoje o controle pelo espaço está em mãos dos grupos dominantes e os diferentes governos, o qual ao mesmo tempo tem provocado contestações e resistências por parte de muitas comunidades na América Latina, que no processo de reivindicação de seus direitos tem gerado uma ruptura na forma que se deve cartografar o espaço e em “la necesidad de repensar lo que es un mapa” (SLETTTO 2011, p. 26), “la cartografía participativa por lo tanto, no debe ser considerada como un mero conjunto de herramientas, sino como un proceso creativo de la producción socio-espacial basado en el dialogo interdisciplinario, enraizado en las realidades endógenas, y dando lugar a una multiplicidad de formas de representación” (SLETTTO 2011, p.7).

3.6. A Cartografia Social uma conquista ou um desafio?

À medida que a Cartografia Social se difunde na América Latina, de diversas formas e técnicas aplicadas a diferentes grupos sociais, em especial indígenas e afrodescendentes, se mostram algumas das conquistas alcançadas em termos sociais e políticos. Por um lado Sletto (2013) resalta que “Hoy día, en América Latina, el Estado es dueño de 36% de las tierras forestales, al contrario de Asia, en donde este es dueño del 68%, y África con casi 98%” (SLETTTO, 2013:197), o que significa que os processos para o reconhecimento do território de grupos indígenas e afrodescendentes na América Latina tem sido favoráveis, acompanhados em grande medida de processos de Cartografia Social. O impacto do emprego dessa

metodologia em muitos dos grupos locais quanto à luta pela apropriação da terra é positivo. Sletto (2013) destaca como o processo de luta pela autonomia territorial não só tem sido adotada por grupos indígenas, mas também tem sido acolhido por grupos Afrodescendentes:

Grande parte de esta transferencia formal de derechos ha surgido por el reconocimiento de la identidad y el derecho a tierras ancestrales de grupos indígenas y afrodescendientes. En otras palabras los logros de las pasadas décadas van mucho más allá de la territorialidad indígena para incluir avances importantes alcanzados por otras comunidades forestales, como los afrodescendientes en Colombia, quienes junto con un grupo de indígenas ocupan las tierras bajas del Pacifico tropical” (SLETTTO,2013:197).

Estas conquistas em termos de autonomia territorial e reconhecimento como grupos étnicos por sua permanência histórica em lugares ancestrais e de grande valor ecológico como são as comunidades Negras das terras baixas do Pacífico na Colômbia, mostram também como vai se tecendo na contemporaneidade novas relações destes grupos locais com o Estado. Isso demonstra que a cartografia como uma Ferramenta exclusiva do uso do Estado e outras instituições já não existe, já que “la apropiación de las tecnologías de cartografía participativa por parte de las comunidades forman parte de sus esfuerzos más amplios para redefinir su relación con el Estado” (SLETTTO 2011, p.15).

Outra das conquistas alcançadas por parte das comunidades, no processo de mapeamento não tem sido somente com o Estado, Offen (2009) destaca:

Los procesos de mapeo han revitalizado el valor del conocimiento tradicional y han contribuido a la transmisión de tal conocimiento a generaciones más jóvenes; han resignificado paisajes culturales con conceptos indígenas, han servido de vehículo para la transferencia de tecnología, sobre todo tecnologías cartográficas y de computación” (OFFEN, 2009:.167).

A revitalização dos conhecimentos ancestrais, locais, por parte das comunidades através da Cartografia Social constitui uma nova forma de construir conhecimento de forma coletiva que permite uma aproximação às realidades sociais. A construção de conhecimento de forma coletiva através da elaboração de mapas implica o reconhecimento de que existem outras leituras sobre a realidade e o espaço, que se encontram além dos propósitos do discurso hegemônico, que consideram o espaço e suas formas de representação ainda desde a perspectiva euclidiana, sendo esta insuficiente para compreender a realidade, já que inviabilizam outras formas de conceber o espaço, negando a memória dos indivíduos. Memória no sentido da capacidade que tem os indivíduos de reconstruir seu passado no

presente (HALBWASCHS, 2004), e considerada como um processo que dá voz, o qual se aciona para legitimar e reivindicar seus direitos pela ocupação de um espaço.

Repensar as formas como historicamente se tem mapeado o mundo, nos levar a descobrir contradições entre o discurso hegemônico e a forma como este se apresenta aos nossos olhos. Desconstruir o discurso e sua representação cartográfica: o mapa, por meio da Cartografia Social, tem permitido criar novas formas de revivificar e dar ordem ao espaço rural.

O debate contemporâneo sobre a Cartografia Social ou Mapeamento Participativo, são iniciativas que são vistas como um esforço de resistência à dinâmica globalizante, além de ser um instrumento alternativo de apoio para os estudos agrários. O qual considera a passagem de um modelo agrário de posse da terra a um modelo territorial, de representação e significação do espaço rural. Grande parte deste reconhecimento se deve à importância que as comunidades locais outorgam ao território, como o significam, o representam e como se apropriam dele.

Na atualidade, as diferentes práticas de mapeamento participativo se associam às TIG`s, usadas para representar o espaço, desde os saberes locais, aportando representações alternas ao espaço, atribuindo-lhe novos significados. Essas práticas, assim como os mapas gerados, ampliam o debate sobre o lugar do mapa e as formas de cartografar o espaço rural na contemporaneidade, e ampliam também o horizonte sobre o que é considerado mapa e o rural, sendo a Cartografia Social a forma ou um dos meios para alcançar esse propósito. Assim, a Cartografia Social revela um outro lado dos mapas, para além do sentido restrito da ciência, possibilitando mostrar outras formas de ver e compreender o mundo e atribuir-lhe sentido e significado.

3.7. Cartografia Social no Município de López de Micay.

As comunidades negras no município de Lopez de Micay têm organizado seu território em unidades de paisagem, criando categorias espaciais que se caracterizam pelo uso e pelos significados que lhe outorgam, sendo estas unidades as que organizam no município, as quais são usadas no cotidiano para desenvolver as diferentes atividades sobre o território. Uma das características a destacar é o eixo formado pelo rio e pelo mar, sobre o qual se desenvolve a maior parte das atividades do Pacífico. Este elemento representa o espaço aquático (OSLENDER, 2008), é ali onde “se localizan los asentamientos en donde se construye las viviendas, se realiza la comunicación y los intercambios económicos, sociales y culturales. Así mismo, es el elemento primordial de adscripción territorial y de identidad” (ARIZA, V. et

al, 1999: p 67). Também o espaço aquático é o referente para a criação de mitos, lendas, histórias e cânticos. O espaço aquático de Oslender (2008) é, portanto, um meio objetivo de organização do espaço e um meio subjetivo, fonte de memórias que vão narrando as histórias do Pacífico. O termo espaço aquático será desenvolvido no capítulo três, enquanto as unidades da paisagem serão consideradas a seguir.

3.7.1. As unidades da Paisagem.

Na cartografia desenhada pela comunidade, uns dos elementos gerais que foram identificados, não só nos recorridos de campo em lancha através do Rio Micay, senão nos mapas realizados pelas comunidades, foi à divisão do território em três unidades de paisagem. A Figura 9 mostra um desenho da classificação geral dada ao território Micay, onde não só se mostram elementos de relevo e topografia, os quais são apreciáveis na realidade na medida em que se adentra ao município, desde a desembocadura até o Rio Micay no sentido norte-sul, mas também elementos relacionados ao ordenamento do espaço pelas comunidades negras que ali habitam.

Destacam-se os *terrenos blandos*¹⁸: que correspondem a zonas planas pouco cuidadas, que tem influência da maré e, portanto, são terrenos inundáveis, os quais precisam de uma adequação prévia ao cultivo, como afirma **Evaristo** ao se referir a estes:

Esto se inunda al nivel del rio, cuando el rio aumenta mucho se inunda, y para sembrar hay que hacer unos drenajes para que pueda pasar el agua porque mantiene mucha agua, no tiene mucho nivel, son terrenos planos, entonces no tiene desnivel, entonces el agua siempre esta ahí para equilibrar, entonces la única manera de desequilibrarla es con los drenajes (Evaristo Viveros, fevereiro de 2014).

Como estes são terrenos que estão baixo a influencia da maré, é preciso conhecer a dinâmica da maré para o cultivo em espaços planos:

Más que todo en la parte baja, se trabaja con dos tipos de marea. Hay una marea que es baja y otra que es alta, acá nosotros la denominamos como *marea de piedra* o *marea de puja*. Las *pujas* no se siembra porque lo levanta el agua como es el coco y es la caña (...) entonces uno lo que hace es siembra en la *marea de piedra*, para cuando *las mareas de puja* llegue ya halla enraizado, para que la *marea de puja* no la levante (Evaristo Viveros, fevereiro de 2014).

¹⁸ O termo *blandos* faz referência a terrenos que apresentam baixa capacidade de suporte, devido a grande quantidade de água que contem e por estar sob a influência da maré.

De maneira que os terrenos *blandos*, não só vão distinguir aspectos da paisagem no território de Lopez de Micay, senão que vão diferenciar a forma de como se cultiva na parte baixa, media e alta do município, onde é preciso ter em conta principalmente aspectos como a maré. É importante destacar que os terrenos *blandos* são próprios do Conselho Comunitário Manglares.

Por outra parte *os terrenos duros*: são os que correspondem às colinas e montanhas, são terrenos não inundáveis e mais aptos para os cultivos, são terrenos que não precisam ser drenados, e que não requerem de muito trabalho e inversão Evaristo (2014) afirma que os terrenos *duros* são os melhores para semear:

“Para los árboles y los cultivos son tierras duras, hacia arriba (...) tierras duras de cordillera y tierras duras en la parte alta, porque ahí se invierte menos y los resultados son más” (Evaristo Viveros, fevereiro de 2014).

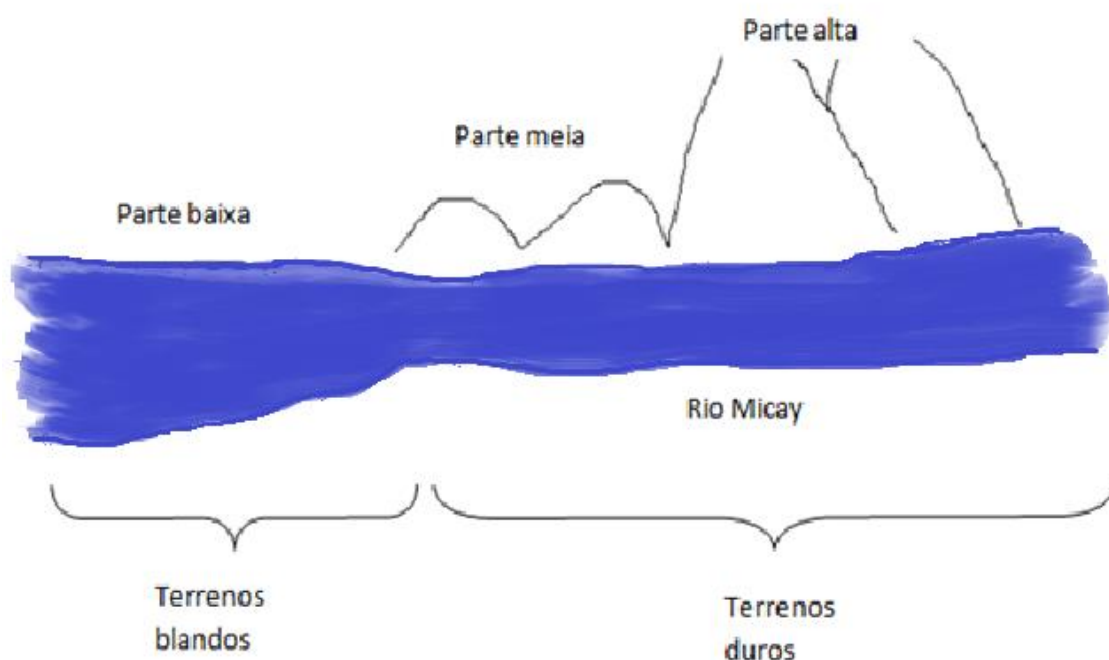


Figura 9: Ordenação do território de Lopez de Micay por unidades de paisagem.
Organização: autor.

Entre os *terrenos duros* e os *terrenos blandos* se tem uma grande diferença enquanto as técnicas de cultivo e também o custo deste:

“En las islas (parte baixa) se van muchos gastos y mucho tiempo, porque se sembró y cada tres meses hay que limpiar y en la parte alta a veces se va hasta los seis meses para limpiar” (David Ardila, fevereiro de 2014)

Estas categorías da paisagem, también são importantes quando se trata da medicina tradicional, ou dos rituais da comunidade para se conectar com o mundo dos mortos. A categoria parte alta cobra vital destaque, já que é nesta zona onde se encontram as plantas usadas para a medicina tradicional, em especial as plantas com grande poder curativo. Estas plantas são indispensáveis para a elaboração das *botellas curadas*, elemento fundamental na medicina tradicional da população negra do Micay. As *botellas curadas*, são feitas a base de plantas medicinais e se usam para curar qualquer tipo de doença, desde uma cólica até para curar a infertilidade da mulher, assim o relata o medico tradicional:

(...) Bueno la albaca para una botella curada para la mujer, que no le de a luz, que no le sea fácil para tener familia, o si tiene mucho paspo cuando ya paren, que quedan lactando, que quedan medias malucas, entonces se le hace una botella curada, se le da cilantro en grano, ahí se le agrega a la botella canela, clavo, anís, alucema, mansanilla, altamisa, ajeno y la hierba de la mujer. (David Ardila, fevereiro de 2014).

Neste tipo de medicina as plantas cumprem um papel fundamental, pois a base da medicina tradicional são as plantas que geralmente se encontram nas partes altas, nas montanhas, o medico tradicional explica que se têm tipos de plantas que se tem caçar, são plantas que tem mistérios:

(...) hay una ruda de montaña que esa no se anda viendo, el *amargo Andres* es una planta como secreta, usted pasa así como tocando y pasa directo y no la ve, hay plantas que tiene su misterio. Esta montaña está muy llena de misterios de plantas muy buenas. Póngale cuidado del *Ya-te-vi*, que uno cuando entra en la montaña así no lo haya visto tiene que decir *Ya-te-vi*, porque en caso que uno llegue a estar cerca del él se le tira a uno, lo agarra y le hace una herida (...) y se le va dañando el cuerpo por la herida. Con el *Ya-te-vi* se cura el mismo *Ya-te-vi* y el *Ya-te-vi* tiene muchas propiedades también” (David Ardila, fevereiro de 2014)

Outro aspecto da categoria de paisagem de montanha na medicina tradicional está relacionado a quem e como se pode entrar nela. O medico tradicional afirma que tanto homens como mulheres podem entrar na montanha para recolher plantas, mas há alguns estados em que a mulher e o homem não podem entrar na montanha:

“toda planta medicinal no se puede coger, entando usted en relaciones com su marido, estando la noche, haciendo el amor, no son épocas de coger las plantas (...) Si la quiere coger tiene que bañarse, todo cuerpo cuando se baña saca la impureza, la mujer cuando tiene la impureza menstrual tampoco puede coger plantas, no puede utilizar las cosas, (...) un hombre que tome una mujer con el periodo menstrual queda impuro, desde el amanecer hasta el oscurecer” (David Ardila, fevereiro de 2014)

Este tipo de aspectos lhe dá uma conotação à montanha como um lugar sagrado, é na montanha, nas partes altas, onde se desenvolve os mistérios, onde os espíritos da selva transitam como a *Tunda*¹⁹, são espaços indômitos, aqui cada segmento é apropriado, é significado, é classificado, tanto para as atividades de agricultura, pesca, e colheita. As categorias terreno *blando*, *duro*, de parte baixa, média, alta ou montanha são elementos que configuram o território negro, e é a partir de ali que se desenvolvem as diferentes atividades. O que todas estas categorias espaciais de representação refletem é o intimo contato que durante séculos as comunidades negras tem tido com os distintos elementos do meio natural que lhes rodea, permitindo dá-lhe uma ordem.

3.7.2. Organização étnica territorial e uso do solo.

Como se mencionado no capítulo anterior, as comunidades negras do Pacífico da Colômbia têm adoptado uma organização étnico-territorial própria, que se divide em conselhos comunitários. Nesta pesquisa trabalhou-se com três conselhos comunitários: Conselho Comunitário El Playón do Rio Sigui, Conselho Comunitário Integración do Rio Chuare e Conselho Comunitário Manglares do Rio Micay. A seguir se apresentam os mapas de uso do solo dos três conselhos comunitário. Destaca-se que os mapas são o resultado da sistematização da cartografia elaborada à mão com os Sistemas de Informação Geográfica-SIG, o qual tem como resultados três mapas de símbolos referentes a uso de solo e das atividades que se praticam em cada uma destas unidades étnico-territoriais. É preciso apontar que a cartografia exposta é mais precisa em termos de localização que de medida, pois se privilegiaram os aspectos sinalizados pela comunidade durante as oficinas de Cartografia Social.

¹⁹ A Tunda para os negros do Pacifico representa o espírito da selva.

3.7.2.1. Conselho comunitário Playón do Rio Sigui

Este território tem uma extensão de aproximadamente 45.905 ha, conta com uma população de 685 habitantes distribuídas em 137 famílias, como se mostra na figura 11.

A partir da vertente do rio Sigui, e rede hidrográfica do conselho comunitário, se localizam os principais cultivos como a papa china, chontaduro²⁰, plátano, cana de açúcar e milho, seguindo a lógica de cultivo no conselho comunitário Playón do Rio Sigui, por se localizar nas partes altas com presença de *terrenos duros*, se caracteriza por ter um sistema de cultivo em camadas que vai desde o borde do rio até as partes mais altas. No mapa é mostrado os símbolos que representam os produtos de subsistência que mais se cultivam em este território, mas na cartografia feita a mão se desenhou claramente a forma de cultivar em camadas como se mostra na figura 10. Pode-se apreciar que a cana se cultiva nas bordas dos rios, numa segunda camada depois do cultivo da cana, se cultiva plátano e papa china, na seguinte chontaduro e milho.

Além desses cultivos, outras atividades desenvolvidas neste conselho comunitário são a pesca, a qual se desenvolve ao longo da rede hidrográfica, a mineração artesanal, a caça e a extração madeireira, que se realizam nas partes da selva, nas partes mais altas, de montanha. É importante ressaltar que a extração artesanal de ouro sobre nos rios deste conselho comunitário é uma atividade antiga que se manteve desde a época da escravidão no Pacífico, a qual continua a ser praticada com o tradicional *bateo*, o qual consiste em agitar em uma *batea* (bandeja especial de madeira), com água, cascalho e areia que contém o pesado mineral até que este seja depositado no fundo da bandeja.

²⁰ O chontaduro ou *Bactris gasipaes* é uma palma frutal própria das regiões tropicais, seu fruto é de grande valor alimentício.



Figura 10: desenho em camadas do sistema de cultivo no Conselho Comunitário do Rio Sigui.

Fonte: autor.

Na figura 11 também se aprecia uma fotografia a qual representa a forma como se transporta a madeira, que se faz através dos cursos dos rios. Aqui a madeira é extraída das partes altas, são estas chamadas de madeiras de montanha, as quais se caracterizam no município de Lopez de Micay por ser as espécies de arvores ou de madeiras mais importantes ou de maior valor:

En Lopez en la parte alta, la especie maderable mas importnte son: el chachajo, el peine de mono, tenemos el laurel canelo, el guabicho, ..el peine mono usted lo ve como una madera blanda pero es la mejor madera para la vaina de los cielos razos, usted ve que la gene pone arriba el cielo razo, es una de las maderas que no les cae polilla no la come nada (...) Por lo general la gente comienza a cortar en menguante para que la madera dure mas eso es una tradicion que tenemos. (Antonio Torres fevereiro de 2014).

Cabe destacar que a extração madeireira nesta comunidade, assim como em todo município de Lopez de Micay, é uma atividade que se prática há séculos, que lhes tem permitido ter um conhecimento sobre a floresta, classificando as espécies de madeiras em blandas, duras e de montanha, esta última tem se destacado por seu grande valor na comunidade para a fabricação de casas, pela sua durabilidade e por ser esta a que tem maior presença no conselho comunitário Playón do Rio Sigui.

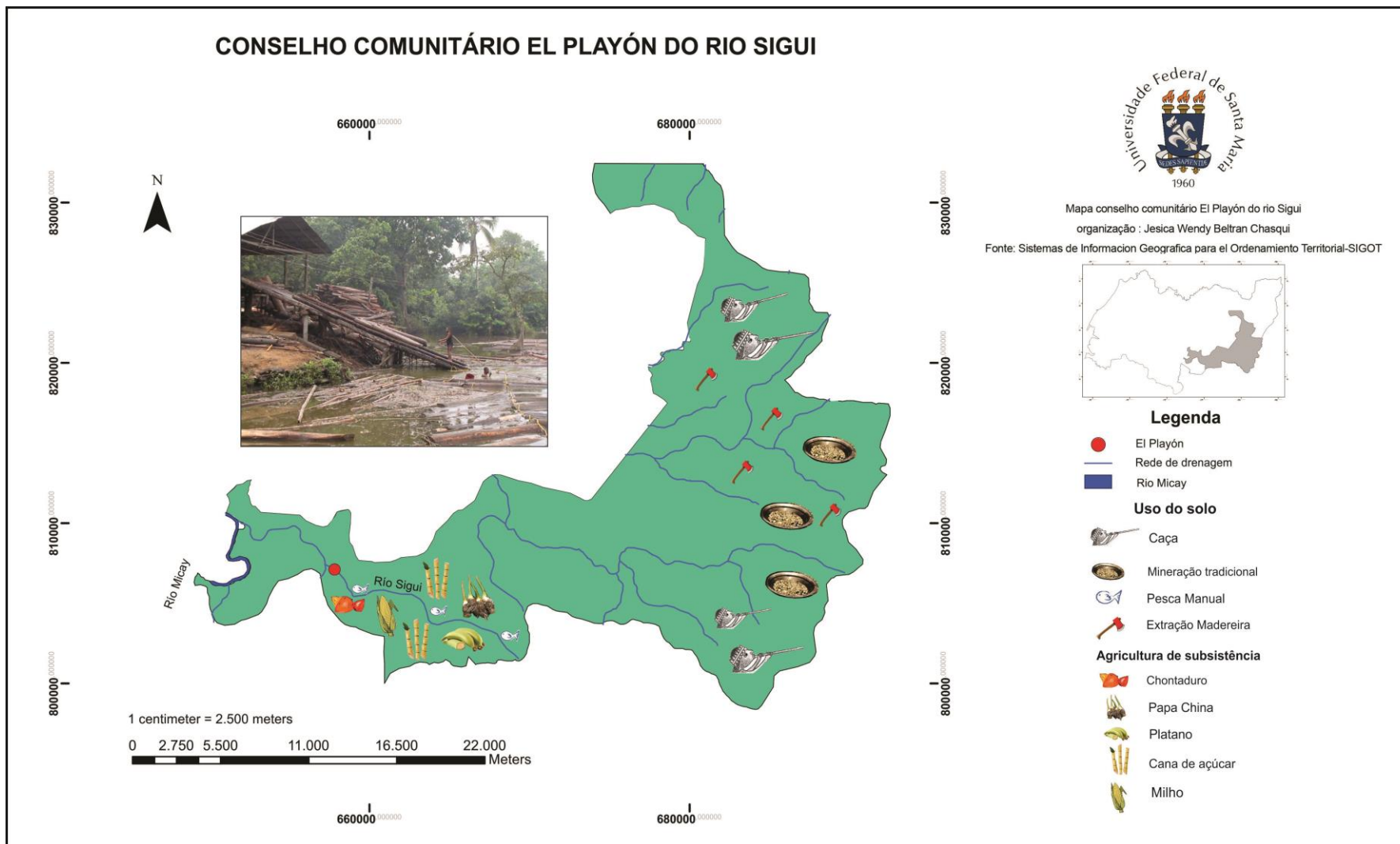


Figura 11 Mapa do uso do solo no conselho comunitário Playón do Rio Sigui.

3.7.2.2. Conselho comunitário Integración do Rio Chuare

Este território conta com uma extensão territorial de 25.694 hectares, possui uma população de 616 habitantes distribuídos em três comunidades. A figura 12 mostra o uso do solo neste conselho comunitário. O território do Conselho comunitário do Rio Chuare, assim como o conselho comunitário Playón do Rio Sigui, se encontra localizado na parte alta do município de Lopez de Micay, com presença de terrenos duros. A partir da rede hidrográfica e principalmente do rio Chuare se localizam os principais cultivos como pepa de pan mandioca, chontaduro, papa china, plátano e cana de açúcar, o sistema de cultivos se faz por camadas através do rio Chuare. As outras atividades que se desenvolvem nesse conselho comunitário são a caça e a mineração com máquinas pesadas nas partes altas, que se constitui numa atividade recente no município. A extração de ouro com maquinaria pesada é uma atividade gerada por empresas multinacionais que se instalaram nos territórios dos afrodescendentes na Colômbia em virtude da mão de obra barata, constituída pelas pessoas que moram no lugar. A presença dessas multinacionais já começa a mostrar o grande problema ambiental que ocasiona, pois esta atividade contamina as fontes hídricas e destrói a floresta, que é fonte dos médicos tradicionais e refúgio dos animais de caça, pois estas duas atividades, mineração e caça, se desenvolvem nas partes altas da rede hidrográfica do conselho comunitário.

As atividades de caça realizadas nas partes altas do rio Chuare se caracterizam pela utilização de técnicas em que as formas das montanhas são de vital importância. A caça com *yampo* é uma delas:

El *yampo* cuando usted se mete a la selva, la cerca, digamos acá una montaña acá otra montaña, un filo de montaña, pero hay un lugar estrecho donde la gente se va estar, pero pasan lo animales y siempre va quedando como una huella, como un camino, entonces la gente por ahí por ese camino lo deja, le pone una trampa, entonces el animal se tiene que meter obligatoriamente por ahí, eso se llama el *yampo* o el cercado (Antonio Torres, fevereiro de 2014).

Tem outras formas de caça que se aplicam tanto na parte baixa e alta, como é o caso da caça com *zapa* (espingarda), ou com laços, que depende das épocas de colheita dos cultivos como o milho ou *naidi* (açai), “por ejemplo cuan hay *naidi* aumenta el *tatabro*²¹ en

²¹ O *Tatabro* é um porco selvagem que habita nas selvas da Costa Pacifica da Colombia.

la parte baja, cuando hay maíz también aumenta, a veces también la gente baja los *tatabros* porque querían comerse ese maíz que rozaron ahí, dependiendo de esas épocas de cosecha del año también está ligada a la fauna” (Antonio Torres, fevereiro de 2014).

Se evidencia que nos dois conselho comunitários Playón del Rio Sigui, como em Integración do Rio Chuare, as atividades de agricultura de subsistência são desenvolvidas nas partes baixas dos rios (Rio Sigui e Rio Chuare), pois são nesses territórios que se localiza as famílias que compõe os conselhos comunitários, marcados por uma forte relação entre as formas de povoamento sobre os rios e as atividades agrícolas. A atividade de mineração artesanal, caça, extração de madeira e em menor medida a pesca, se desenvolve nas partes altas dos rios, nas partes de montanha, pois é notável que as duas categorias espaciais estudadas anteriormente parte baixa/*terrenos blandos*, parte alta/*terrenos duros*, são aplicadas em cada um destes territórios, nos quais se podem diferenciar os espaços onde se localizam as atividades de agricultura e os espaços onde se localizam as atividades de caça, mineração e extração de madeira.

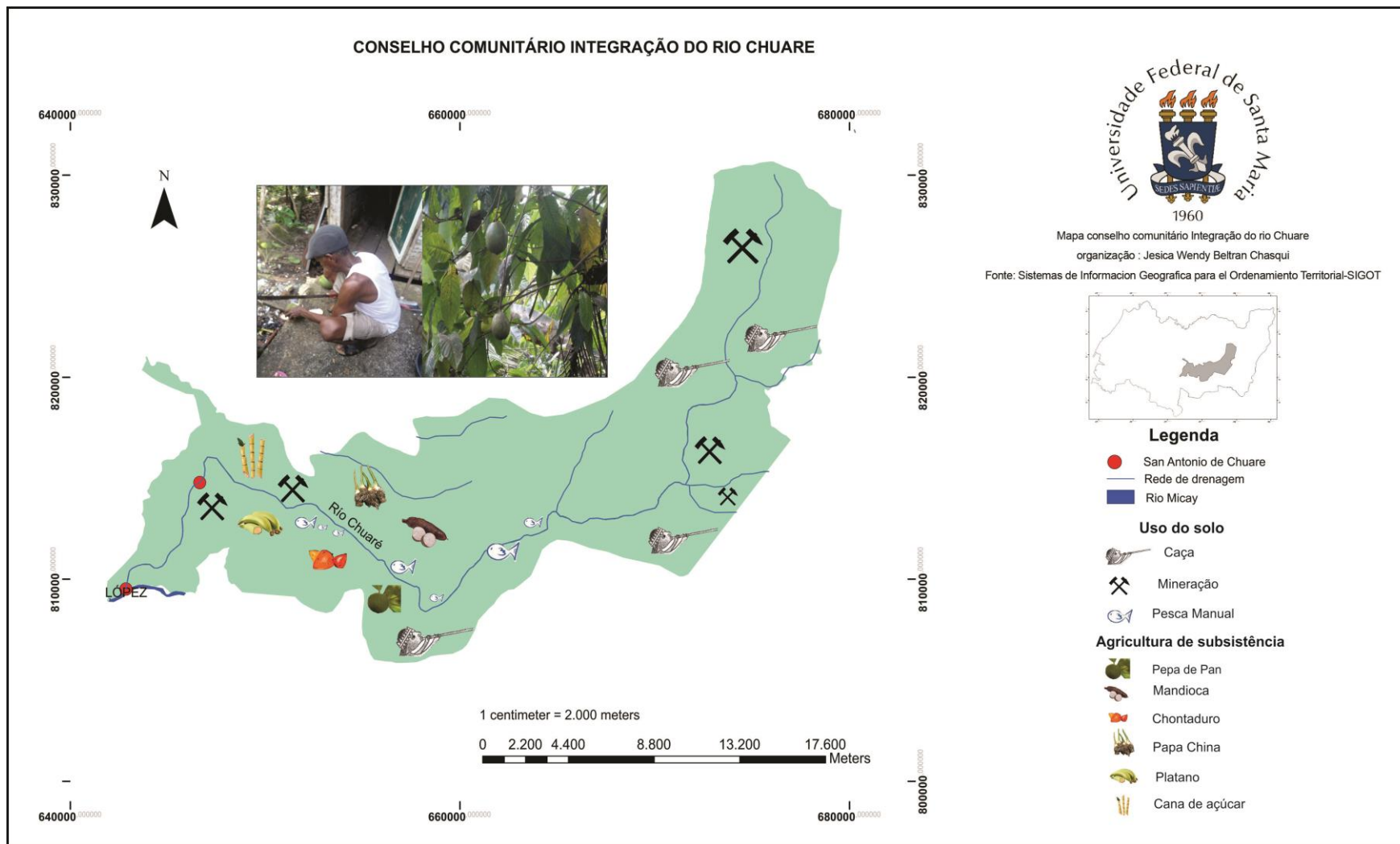


Figura 12: Mapa do uso do solo no conselho comunitário Integración do Río Chuare.

3.7.2.3. Conselho comunitário Manglares do Rio Micay.

Tem uma extensão de 38,746 hectares e uma população de 3770 habitantes distribuídos em 20 comunidades. Este conselho comunitário se diferencia dos dois anteriores pois se localiza numa zona baixa, de terrenos *blandos* da baixa do rio Micay, o qual lhe tem outorgado características diferenciadas de uso de solo e de sistemas de produção, como se mostram na figura 13. As atividades que se desenvolvem são de caça, coleta de *piangua* (moluscos) nas zonas de manguezal, pesca manual tanto nos rios, como nas desembocaduras e no mar, extração de madeira e agricultura de subsistência. Entre os principais produtos cultivados estão o coco e a cana, seguido do plátano e do milho. No mapa também se apresentam os territórios das comunidades indígenas, conhecidos como cabildos. O cabildo chamado de Playita San Francisco se encontra setorizado pelo número de famílias e compartilha o mesmo território com o Conselho Comunitário Manglares.

O Conselho Comunitário Manglares por sua localização na zona baixa, na maioria de suas atividades faz-se uso de técnicas de cultivo e de pesca que levam em consideração a dinâmica das marés, devido a influência que esta exerce sobre o território. Para as atividades de pesca, por exemplo, seus habitantes têm em conta os tipos de maré, maré de *puja* e de *quebra*²², que fazem referência às mares baixas e altas, respectivamente, as quais estão ligadas aos ciclos da lua. O uso de diferentes técnicas e ferramentas para a pesca também são características que diferencia a Manglares dos outros conselhos comunitários estudados, como o descreve Evaristo quando fala da pesca:

Nosotros acá, la pesca la acostumbramos hacer dependiendo, las pescas que vaya hacer, se hace pesca de camarón con malla 2 $\frac{3}{4}$, se hace pesca de camarón con *changa*, se hace pesca con mayadores ya grandes 3 $\frac{1}{2}$, malla 4, malla 5 y también se hace pesca con malla de 12 pulgadas que son ya mar abierto que ya la gente se queda la semana, 2, 3 días se pesca con anzuelos. Entonces sobre todo esas variedades de pescas se miran las aguas, hay unas pescas que se hacen con agua baja, oras con agua grande, otras con todo el nivel del agua. Con agua media, con agua alta, hay pescas que se hacen con mareas de *puja* con mareas de *quebra* porque dependiendo de los sitios así también se miran las aguas, porque los peces son como uno, ellos rotan en los lugares dependiendo de la agua, ellos tiene por ejemplo, acá algunos en el municipio de López, tienen varias viviendas, viven en López y viven en Popayán, pero en el tiempo de trabajo se vienen, entonces los peces ellos tiene un tiempo en el que están fértiles, se dicen van a poner los peces, los camarones, entonces cuando ellos va a poner ellos tiene un lugar donde arriman a poner, cuando ya viene dejan los hijos como se dice, ellos se abren a otro lugar de

²² No Pacífico, os habitantes diferenciam quatro tipos de maré, duas que se destacam *puja* e *quebra*. A *puja* se caracteriza porque o nível da água aumenta, e se tem a *puja* grande e a *puja* pequena, que se diferenciam pelo nível de água que aumenta, pois na *puja* grande o nível de água aumenta mais, o mesmo acontece com a *quebra*, esta se dá quando o nível de água diminui, e se tem uma *quebra* menos baixa, e outra baixa.

descanso. Porque el agua tiene un nivel, la profundidad les da tranquilidad, pero lo seco les da preocupación, por el calor, no ve que el agua se calienta. Entonces ellos (...) dependen del tiempo, están afuera y así mismo en la orilla y así mismo corren las mareas, porque hay unas que corren hacia abajo, otras que corren hacia arriba. Todo este tipo de cosas hay que tenerlas claras para uno ubicar el tipo de pescado en que zona esta, con la marea, en que zona esta con el agua baja, con el agua media, con el agua alta. (Evaristo Viveros, fevereiro de 2014).

A importância sobre o conhecimento das águas como narrou Evaristo e sobre a maré revela o conhecimento inestimável de um elemento tão importante no Pacífico como é a água. Outra das atividades relacionadas à maré é a coleta de *piangua* nos manguezais, que se pratica em Manglares, como se explicou no capítulo anterior os manguezais são ecossistemas limítrofes que se encontram entre o ecossistema úmido tropical e o mar, este conselho comunitário conta com grande presença deste tipo de ecossistema. Esta atividade de coleta é realizada pelas mulheres, conhecidas como as *piangueras*, elas chegam até as zonas de manguezal e coletam do solo, que é como uma capa de barro as *pianguas*, caranguejos e outros moluscos. Don Abundio, um dos habitantes mais antigos de Manglares, explica a relação entre a coleta de *piangua* e a maré: “Todos los días las *piangueras* viven pisoteando en algún lugar, hoy llegaron y barrieron ahí, sacaron toda la *piangua* que hay ahí, y van mañana y vuelven y encuentran en el mismo lugar, por qué? Porque con la marea vuelve entra y se queda ahí” (Abundio Campaz, fevereiro de 2014). Alexis uns dos habitantes mais jovens relaciona a coleta da *piangua* com as marés altas, “la *piangua* ella dentro porque está en la *puja*, porque este raicero (manguezal) no tiene nada, y en la *puja* vaya cuenta hay *piangua* al piso (se tem muita *piagua*)” (Alexis, fevereiro de 2014).

Estas falas evidenciam a importância dos ecossistemas de manguezal na economia local dos territórios negros. São estes os berçários do mar, pois os manguezais estão compostos por elementos biológicos que se deslocam a mar aberto, e vice-versa, como o manifestaram Abundio e Alexis, ademais de ser também o lugar de caça nas zonas baixas, pois o manguezal está relacionado também às espécies animais como o *tatabro*, esta é um tipo de espécie migratória, pois se desloca entre a montanha e as partes baixas da bacia do rio Micay na procura de alimento, no mapa (ver figura 13) se constata que a caça se localiza em grande parte nas desembocaduras dos rios, onde há presença das atividades de coleta, sendo estas as zonas onde se localizam os ecossistemas de manguezal.

Quanto ao sistema de cultivo, este é rotativo, por tratar-se de terrenos *blandos*, o sistema de cultivo rotativo é descontínuo pelo qual se deixa descansar a terra até por dois anos,

Evaristo Viveros líder do Conselho Comunitário Manglares, afirma que nas partes altas os cultivos são permanentes e nas baixas rotativos:

Nosotros los terrenos acá, son rotativos, que en este año sembramos plátano en esta cordillera de aquí, el año que viene ya no sembramos ahí, sembramos en otro, eso ya queda como el rastrojo para después de dos años volver a sembrar (...) en los altos perdura más la siembra de plátano, banano, chivo, en lo alto dura más, pero en esta parte baja dura menos, el plátano en esta parte baja, si usted le tiene la sostenibilidad orgánica la productividad estaría entre un año y medio a dos años, el período de esa tierra producirle esa semilla ahí ya se le muere y tiene que sembrar e otro lado, entonces que usted, ya pasaron los dos años usted siembra donde sembró primero, entonces eso mantiene cambiándose las tierras para que no sea pues estable. (Evaristo Viveros, fevereiro de 2014).

No mapa somente se mostram as zonas de cultivos e não os tipos de produtos que se cultivam, pois nessas zonas é necessário trabalhar mais a terra para plantar outros tipos de produtos. Os solos nas partes baixas são propícios para os cultivos de coco e de cana, os quais estão distribuídos nas desembocaduras dos rios.

Como se mostrou nas descrições do uso do solo dos três conselhos comunitários do município de Lopez do Micay, a agricultura que se apresenta é uma agricultura de subsistência, em que o sistema produtivo se alterna com práticas florestais, de caça e mineração nas partes altas dos rios, enquanto nas partes baixas, a agricultura se desenvolve junto com atividades de pesca e de extração de *piangua* (moluscos) e exploração florestal (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015). “En general, los sistemas productivos se relacionan con la capacidad que tienen los campesinos para rotar sus actividades de acuerdo con la exigencias medioambientales” (Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay, 2012 -2015, p.156).

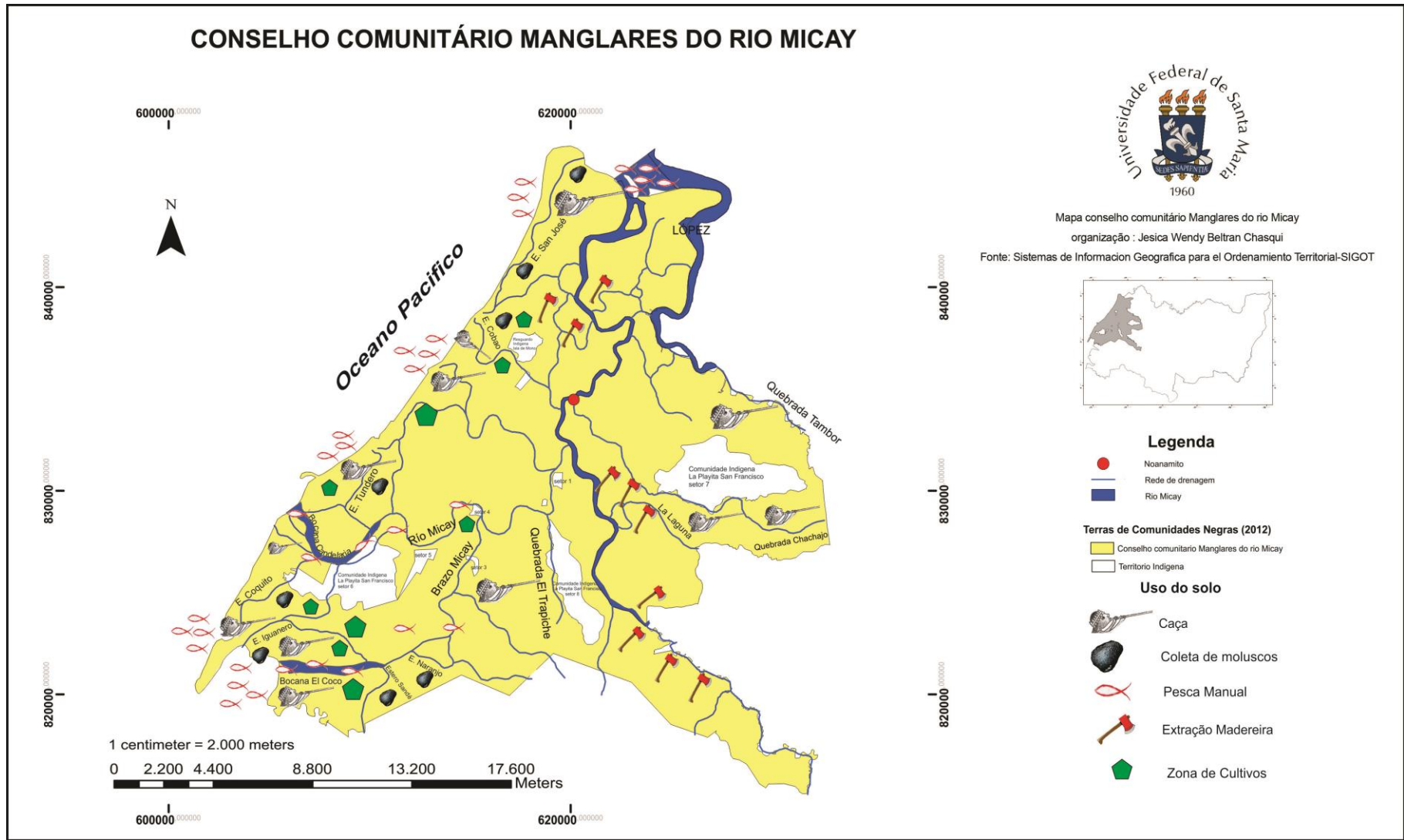


Figura 13: Mapa do uso do solo no conselho comunitário Manglares do Rio Micay.

3.7.3. Cultivos e lógicas de produção.

Os espaços de uso são unidades de análise do território a partir das classificações próprias das comunidades afrocolombianas, onde eles estabelecem espaços diferenciados que se relacionam com a terra e a água, dois elementos fundamentais para a produção de suas vidas (ARIZA, V. et al, 1999). Os sistemas tradicionais de produção são diversificados e estão sujeitos as condições físico-geográficas do município. As atividades são desenvolvidas de acordo com o calendário tradicional de cada conselho comunitário, como mostra o quadro 1, e de acordo também com a oferta ambiental e o regime de chuvas.

Las características básicas de estos sistemas productivos son: se fundamentan en el uso de la biodiversidad, tanto silvestre como domesticada, tiene una visión ecosistémica, combinan en el tiempo y en el espacio diversos sectores productivos como la agricultura, la minería artesanal, la extracción forestal, la horticultura, la caza la pesca, los servicios etc; están dirigidos primordialmente a preservar el sistema de seguridad alimentaria de la comunidad y no a la acumulación, dominan los policultivos, la unidad productiva es discontinua, los barbechos (montes biches) juegan un papel importante como proveedores de recursos biológicos y en la recuperación del suelo y bosques, los saberes productivos y tecnológicos se transmiten por tradición, incorporan el trabajo domestico y los sistemas de solidaridad como la mano vuelta y la minga (SANCHES & LEAL apud ARIZA, V. et al, 1999, pg. 23).

A lógica do uso do solo nos espaços do Pacífico, no município de Lopez de Micay, está enraizada na reciprocidade entre a natureza e homem, pois os sistemas de cultivos, a presença da policultura, das práticas de mineração, da coleta de moluscos, da caça, da pesca, da extração de madeira são atividades que as comunidades têm praticado ao longo do tempo, em regime de complementar uma das outras, pois no calendário agrícola do conselho comunitário de Manglares, como apresentado na figura 14, se observa como as comunidades usam o tempo e o espaço para realizar suas diversificadas atividades. De maneira geral, alternam as atividades dependendo do tempo, comumente medido em relação as fases da lua (marés) e do espaço, como por exemplo, a atividade de caça, a qual se pratica nas partes altas de montanha ou a atividade de colheita de moluscos nas zonas de manguezais, nas quais se imprime as conotações de espaço (parte alta e baixa), já mencionadas no transcurso desse capítulo.

CALENDÁRIO TRADICIONAL DO CONSELHO COMUNITÁRIO MANGLARES DO RIO MICAY					
		Semeadura	Colheita	Tempo	Por quê?
JANEIRO	Se <i>sócala</i> e se <i>tumba</i>	Arroz e milho	Papa china, plátano, chivo, cana, manzano, banana.	Na lua descendente	Para que os troncos que se <i>tumban</i> se possam descompor mais rápido e a semeadura seja melhor
FEVEREIRO	Faz-se a limpeza dos cultivos	Plátano, papachina, chivo, cana, manzano e banana.	Papachina ,plátano, chivo , cana, banana	Quarto de lua minguante	O solo se encontra com maior abundancia de agua, pelo qual se tem que fazer varias zanjás ²³ para que o agua saia.
MARÇO	Realizam-se labores de pesca	Pesca Artesanal		Realiza-se a qualquer hora do dia ou pela noite	Logo de dois meses de <i>veda</i> chega a abundancia de mariscos época propicia para que os trabalhadores se dediquem a esta atividade
ABRIL	Se limpa, se <i>rosa</i> e se <i>tumba</i>	Papa china, plátano, chivo, banana, manzano e cana.	Papachina, plátano, chivo, banano, manzano e cana.	Na lua	Para que a mata tenha um processo de surgimento mais rápido.
MAIO	Época de inverno.				
JUNHO	Realiza-se a colheita	Papachina ,plátano, chivo, banana, manzano e cana	Milho e arroz	Em lua minguante para evitar que o produto seja atingido pela <i>polilla</i>	Colheita de milho e arroz
JULHO	Se <i>sócala</i> , se	Milho e arroz	Papachina , plátano,	Na lua descendente.	Para que os troncos que se <i>tumban</i> se

²³ Denomina-se zanja é uma escavação lineal que se faz para drenar o solo pelo excesso de agua.

	limpa e se <i>tumba</i>		chivo, banana, manzano e cana		possam descompor mais rápido e a semeadura seja melhor
AGOSTO	Se <i>rosa</i> para a semeadura	Papachina , plátano, chivo, banana e caña	Papachina , plátano, chivo, banana e cana		
SETEMBRO	Se <i>rosa</i> para a semeadura	Papachina ,plátano, chivo , cana, banana	Não se tem colheita		Escassez de colheitas
OUTUBRO	Época de Inverno	Ideal para o trabalho com madeira	Papachina ,plátano, chivo, cana, banana	A madeira se deve talar em quarto de lua minguante para evitar arriscar	Tem abundancia de agua,o que facilita tira-la dos montes e quebradas
NOVEMBRO	Atividade secundaria de obtenção de alimentos	Caça	Durante o ano todo	Em tempo de minguante e noites despejada.	Porque a chuva e a lua dificulta esta labor.
DEZEMBRO	Se <i>sócala</i> se <i>tumba</i>	Plantam Árvores frutais, Papachina, plátano, chivo, banana e cana.	Se colheita durante agosto e setembro		Para o sustento de alimento das famílias durante a festa de natal.

Quadro1: Calendário tradicional do conselho comunitário de Maglares do Rio Micay.

Fonte: Antonio Torres Riascos, Organização e tradução: autor.

Como se mostrou no calendário agrícola, a rotação de cultivos no Pacífico se caracteriza pela *tumba e pudre*, West (2000) descreve da seguinte forma a rotação de cultivos:

Para la mayoría de los trópicos del mundo la agricultura de tumba y quema, lo que implica el uso del fuego para la limpieza de los terrenos. Sin embargo en la mayoría de las tierras bajas del Pacífico la alta pluviosidad y la falta de una temporada verdaderamente seca impide el uso efectivo de fuego. En su lugar se utiliza un sistema peculiar, que podríamos llamar de *tumba y pudre*, cuyo origen es probablemente indígena. Las semillas se riegan al voleo y los rizomas e esquejes se siembran en un terreno que aún no ha sido limpiado. Luego se tumba el monte y el rápido pudrimiento de la vegetación forma una capa de ‘mulch’ a través de la cual se ven aparecer los brotes de las semillas y de los esquejes en espacio de una semana a diez días (WEST, 2000, pg. 65-66).

Este tipo de sistema de cultivo praticado tanto pelas comunidades indígenas como pelas comunidades negras são considerados adaptativos, resultam de um processo histórico de conhecimento e uso da floresta úmida tropical (ARIZA, V. et al, 1999).

Convém apontar que o sistema de cultivo no Pacífico colombiano adquire uma lógica de produção específica da floresta tropical. Margarita Serje (2011) aponta que este tipo de produção não vai direcionado ao mercado, senão que se orienta por outras lógicas, as quais fundamentam-se na reciprocidade entre homem-meio, em que as florestas são, em parte, um produto do trabalho entre as comunidades que ali habitam. A configuração desses tipos de cultivos apresentam uma aparência caótica, a partir da leitura que se faz na tradição europeia, a qual é vista como ‘monte’²⁴ (SERJE, 2011:103), ou seja, como áreas que ainda não foram aproveitadas e trabalhadas. A este respeito Serje argumenta:

“La Selva es un producto de las sociedades que viven en ella; la etnología y la arqueología han ilustrado ampliamente el proceso de producción del bosque en la Amazonia y han mostrado como en buena parte, su diversidad es el resultado de la intervención humana” (SERJE, 2011:103). Portanto, a floresta é considerada não como um espaço que se mantém inalterado, mas, pelo contrário, um espaço que se transforma constantemente, nas palavras de Serje a floresta é “el producto social de las sociedades que conviven con ella” (2011:104).

Desde a visão ocidental, a floresta, se pensa como um espaço que deve ser conservado e protegido, argumentos que nascem do discurso ambientalista na década de 1960 e 1970, o qual

²⁴ Quando Margarita Serje, fala de ‘monte’ se refere a áreas não trabalhadas, não cultivadas, que não tem uma ordem.

evidencia que não se pode pensar em outras lógicas de produção que não estejam ligadas à monocultura em grandes extensões de terra ou ao uso de agroquímicos, inviabilizando, assim, outras lógicas (comunitárias) de uso e controle do espaço rural.

3.7.4. Percepção espacial do espaço Rural.

As comunidades do município do Micay têm adotado algumas representações espaciais que classificam o espaço rural, as quais se geram a partir de componentes simbólicos que se tem criado ao longo de sua convivência com a floresta tropical há mais de três séculos, e que representam seu espaço de vida. A figura 14 mostra um esquema de classificação do espaço desde a unidade mais elementar que é a casa.

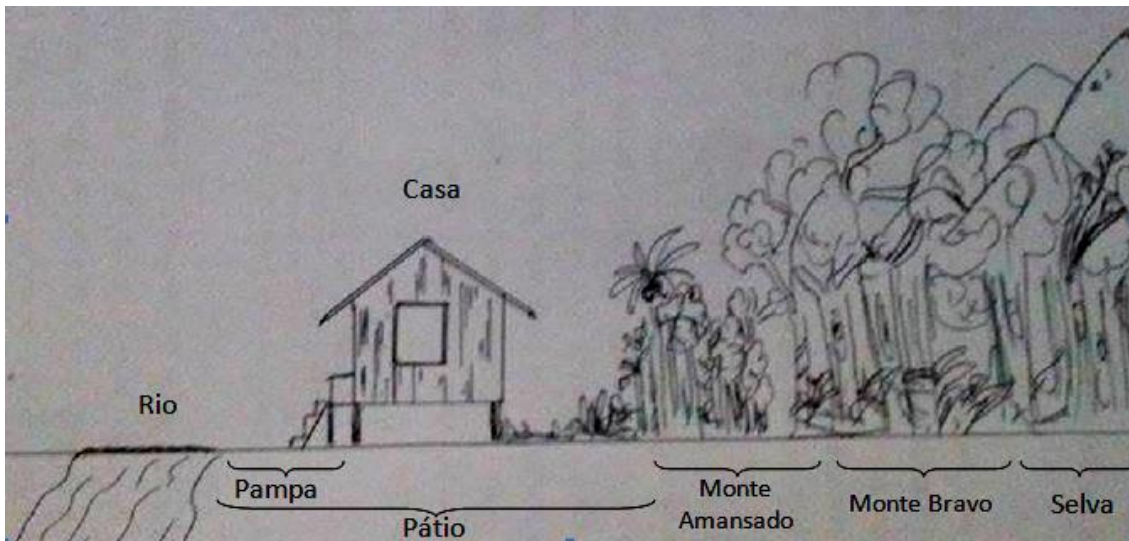


Figura 14: Classificação do espaço rural no território negro do Pacífico colombiano.
Organização: pelo autor

A partir da casa, que é a unidade menor em termos de extensão, se classifica os outros espaços, Antonio Torres ecólogo e membro da comunidade explica cada um destes elementos:

Nosotros tenemos una vaina que se llama, lo que está alrededor de la casa nosotros le damos nombre de *patio*, lo que está entre la casa y el monte allá, le llamamos *bosque amansado* (...) que es el bosque que queda entre lo que la gente roza y la selva, y lo que está más allá para llegar a la selva se le da el nombre de *monte bravo*(...) y lo que está más allá, eso ya le llamamos zona selvática, selva (Antonio Torres fevereiro de 2014)

A *pampa*, o *pátio*, o *monte amansado*, o *monte bravo* e a *selva*, são representações elaboradas pelas comunidades negras no Pacífico colombiano. Em um estudo feito no departamento do Chocó, ao norte do Pacífico colombiano, pelo antropólogo Eduardo Restrepo (1996) se encontraram classificações similares a estas, onde a categoria *monte amansado* faz referencia aos espaços domesticados, neste caso do *monte amansado* para o rio representaria os espaços domesticados, e do *monte bravo* para a selva em sentido contrário, representa o desconhecido, o não domesticado, onde se encontram os espíritos; outro significado que se lhe outorgam a área de *monte bravo* é como zonas de reserva, pois “son áreas que se guardan para el mantenimiento de las aguas, de las especies, de los espíritus y para épocas de grandes fiestas, o de crisis alimentarias” (ARIZA, V. et al, 1999: p 85).

Outro elemento fundamental de representação é o rio, pois a organização do espaço rural por parte das comunidades negras está orientada pelas redes de drenagens. São esses os eixos centrais de orientação. Já o destaca Peralta (2012) que o sentido de orientação é guiada pelos rios, o sentido *arriba* e *abajo* “siguiendo el fluir de la corriente fluvial, el *arriba* está representado en una dirección que concurre hacia las cabeceras de los ríos [à montante] y el *abajo* está indicando que el viajero se va a dirigir hacia puntos que están referenciados en el sentido de sus desembocaduras [à jusante]” (PERALTA, 2012:120), em sentido contrário se usa a orientação *arriba/abajo* quando se fala da localização do viajante no Oceano Pacífico. Abundio Campaz, narra sua história quando ficou perdido no mar, a qual serve para entender o sentido de orientação no mar:

A mí me paso una vez cuando estaba pescando por Tumaco (departamento de Nariño), cuando estaba pescando tortuga, son las que le dicen caguama, eso se pescaba y eso era uno a vender a Ecuador, se quemaba uno quince galones de gasolina, sin brújula, sin nada. Estaba metido en el mar, yo le cuento que una vez salimos, hermano y se vino un viento de abajo, era un viento de norte con el sureste nos ponía a un lado, y eran las tres de la tarde y viajábamos tres, yo dije muchachos vámonos, dele maquina dele máquina, no se mira tierra, estábamos perdidos, nos quedamos sin agua, lo peor de ser humano es quedarse sin agua, comenzaron a tomar agua salada. y yo dije: el primero que se muera lo boto al agua, porque yo no voy a cargar con muerto aquí, entonces mis niñas anohecimos en el mar, amanecimos en el mar, volvimos a amanecer en el mar, tres días, tres noches, yo no me iba a morir de hambre, llevábamos eso lleno de tortugas, yo aquí como tortugas vivas, ¡yo me las como! (...) habíamos cazado pescado y chau chau chau, me toco comer pescado crudo, y a los tres, cuatro días una lancha, ya estaba la noticias de unos perdidos en el Ecuador, Colombia, en toda parte, y nos dijeron ¡hey! ustedes eran los perdidos, nos dieron gasolina, galletas, gaseosa, ¡nos estaban buscando!,

y adivine donde estábamos, ¡en el Ecuador!, llegamos allá vendimos las tortugas...tres días perdidos por Tumaco. (Abundio Campaz, fevereiro de 2014)

Na historia deste pescador, se pode ver que a orientação dos ventos, vento de *abajo*, se refere aos ventos que vem do norte, e o *arriba*, no caso se refere aos ventos do sudeste. De forma que o sentido de localização das comunidades negras vai em via contraria a localização cartográfica, quanto o norte é, para elas, o *abajo*, e o sul é o *arriba*. Estas representações ganham vital importância em termos de controle territorial e delimitação, em que as classificações espaciais mostradas dão uma dimensão do controle do espaço, da mesma forma que as categorias de zona baixa, média e alta. É a partir do conhecimento destas categorias que se localizam os diferentes espaços para realizar as diferentes praticas de agricultura, caça, extração e coleta, como também para definir as fronteiras, no caso do *monte bravo* e a floresta, pois estes são espaços do “conhecimento privilegiado” (PERALTA, 2012, pg. 125), “Aquí el hombre no es protagonista de la relación naturaliza/sociedad y, por ende, está obligado a pensar con mayor detenimiento los términos de interacción con el entorno biofísico” (PERALTA, 2012, pg. 125). O medico tradicional do município de Lopez, David Ardila, explicou que qual quer pessoa pode entrar no *monte bravo*, mas para entrar é preciso estar limpo, no caso da mulher, ela não deve estar com o período menstrual, e nos homens, estes não podem ter tido relações sexuais; desta maneira se expõem menos as coisas que são desconhecidas pelo homem, aponta David, que o *monte bravo* também é o lugar dos espíritos. Ele narra em muitas de suas historias seus encontros com a *tundra*, como ela já fez que ele se perdesse na floresta. Assim como esta, há muitas outras histórias de pescadores que não vão pescar até muito tarde da noite ou não pescam em águas desconhecidas, pois ali habitam seres de outros universos, os quais fazem parte da cosmologia das comunidades negras do Pacifico colombiano.

Por outro lado Lynch já em 1978, ao estudar o conceito de percepção e como se cria uma imagem urbana, nos tem ajudado a compreender que através da estrutura, identidade e significado, estas entendidas como o grau no qual o espaço pode ser percebido, mentalmente diferenciado e estruturado, no tempo e no espaço por quem o habita, e ao mesmo tempo como estas estruturas mentais criadas se conectam com valores e conceitos dos mesmos, criam uma imagem nítida do espaço. Dessa forma o ajuste entre o entorno, nossas capacidades mentais e

sensoriais e nossas construções culturais permitem a criação e organização de uma imagem do espaço rural no Pacífico Caucaño.

Neste sentido se pode entender como mediante a percepção espacial as comunidades negras tem estruturado e classificado o espaço rural desde os âmbitos mais conhecidos: a *casa*, *pampa*, *pátio* e *monte amansado*, até alcançar os confins das terras ou das águas: o *monte bravo* e a selva, que são os lugares mais afastados (PERALTA 2012), os quais contém uma carga simbólica e de significados que explicam o uso e a estrutura da floresta tropical nas comunidades afrodescendentes do Pacífico colombiano.

4. UMA REFLEXÃO EM TORNO AO CONCEITO DE RURALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE.

Lo más difícil, lo más importante, lo más necesario, lo que de todos modos hay que intentar, es conservar la voluntad de luchar por una sociedad diferente. Lo difícil, pero también lo esencial, es valorar positivamente el respeto y la diferencia, o como un mal menor y un hecho inevitable, sino como lo que enriquece la vida e impulsa la imaginación y el pensamiento.

Estanislao Zuleta, Elogio de la dificultad.

As diferentes perspectivas desde onde se tem falado do espaço rural permite dimensionar seu passado e seu presente, permitindo chegar a reflexões sobre o meio rural na Costa Pacífica do departamento do Cauca.

Portanto, o primeiro sub-capítulo trata das transformações no meio rural a partir da visão capitalista, que tem ocorrido de maneira rápida nas últimas décadas. A discussão tem por finalidade retomar aspectos da agricultura e da ruralidade que permitem defini-la e analisá-la em diferentes períodos históricos, retomando aspectos da antiga ruralidade para assim dar continuidade aos aspectos que levam a compreender o rural contemporâneo.

Os argumentos estão delineados de forma a explicar o que se tem por rural na contemporaneidade, no qual se entrelaça perspectivas, que retomam a importância da agricultura para o homem até chegar a uma leitura crítica de um rural contemporâneo incompleto, desde a perspectiva do capital e do desenvolvimento, ou desde a ótica da resistência ante o modelo agrário hegemônico; como é o caso das comunidades negras que habitam o espaço rural do município de Lopez de Micay.

Num segundo sub-capítulo, aborda-se a história agrária da Colômbia para delinear aspectos que ajudem a explicar a configuração do espaço rural na costa Pacífica, desde uma perspectiva histórica. A história agrária colombiana mostra com clareza como o país tem passado por distintos processos (descritos na seção anterior), em algumas zonas específicas de cordilheira, como também se reflete sobre os rurais incompletos em zonas periféricas, antigamente baldias, esquecidas ante o projeto de construção do Estado-Nação, que as tem tornado resistências. Assim os rurais incompletos ou resistências refletem-se nas figuras de Zonas de Reservas Camponesas-ZRC, Cabildos Indígenas e Conselhos Comunitários das comunidades negras. O foco desta pesquisa é a costa Pacífica caucana e como se explica o

rural no município de Lopez de Micay, entendendo primeiro os processos externos para a região Pacífica de conformação e transformação da ruralidade, desde os aspectos gerais teóricos, até aspectos históricos da configuração agrária colombiana, que foram o caminho para chegar a reflexões dos conceitos de Espaço Aquático (OSLENDER, 2008) e Territórios de Fronteira (SERJE, 2011), conceitos norteadores, para o entendimento do que tenho chamado: Floresta Tropical como categoria espacial do espaço rural na Colômbia.

4.1. Teorias Ruralistas.

4.1.1. A visão do rural.

A agricultura e o mundo rural nascem nos tempos mais antigos, acompanhando a evolução do homem e o desenvolvimento do modo de produção através dos séculos. Deve-se considerar diferentes momentos, que foram revolucionários para a agricultura e o homem. Iniciando pelo período neolítico, período onde começa a transição da predação à agricultura a qual marca o início não só de um tipo de sociedade ligada ao campo senão de inúmeras mudanças sobre o espaço. Mais adiante e com o desenvolvimento de diferentes práticas agrícolas, tais como os sistemas com alqueive e os sistemas sem alqueive, sendo dois momentos importantes na história da agricultura, que proporcionaram maiores conhecimentos sobre o campo, as plantas, os modos de cultivos, as formas de irrigação da terra, entre outros, que possibilitaram maiores rendimentos na produção e que levaram a uma comercialização incipiente dos excedentes agrícolas, que, acompanhados do progresso da tecnologia (uma tecnologia rudimentar) ajudaram a duplicar a produção de alimentos, fato que levou a novas relações do campo com a indústria e a cidade, que começavam a se desenvolver no final do século XIX e começos do século XX. Com a nascente urbanização e a industrialização se gerou uma relação dicotômica chamada de rural-urbano ou campo-cidade, que envolveu elementos agrários, de relações comerciais, população, uso da terra ou do solo, entre muitos outros elementos que os caracterizam e os diferenciam. É importante esclarecer que estes processos não se deram da mesma forma em todos os espaços agrários no mundo, em especial na América Latina, onde o desenvolvimento da agricultura, da indústria e das cidades é produto de processos diferenciados e incompletos.

A ruralidade começa a se transformar no momento em que a industrialização chega ao campo, o qual se consolida como um processo de mudanças no mundo rural que afetou a agricultura tradicional. Estas mudanças se aceleraram com a chamada “Revolução verde, cuja

finalidade era seduzir países subdesenvolvidos para adoção de certas formas de modernização agrícola” (SANTOS 2007, p. 190). Isto marcou um antes e um depois na agricultura e no mundo rural, em todos os países da América Latina. A modernização do campo, as mudanças no modo de produção, a inserção ao mercado mundial, entre outros, transformaram as concepções do espaço rural, sempre associado ao atraso, ao que não é urbano, ao não desenvolvido e ao espaço das práticas agrícolas. (PEREZ, 2006).

Moreira (2007) identificou esse antigo rural como: “o tradicional, o selvagem, o primitivo, o incivilizado, o conservador e o autoritário. Resistente a mudanças, o local, o rural, o campo e o território foram associadas a culturas estáveis e homogêneas avessas à mudança e à vivência do novo” (MOREIRA, 2007, pg. 76). Por outro lado o urbano sempre se associou ao que Moreira (2007) chamou de “espaço geométrico horizontal-vertical, das ruas e dos edifícios” (MOREIRA, 2007, pg. 76), onde “a cidade é vista como progresso e a diferenciação entre os dois espaços é feita através da delimitação do que é urbano. O rural, subjogado, representa o atraso delimitado pelo que resta da equação”. (AFONSO, 2011, pg. 3).

Por outro lado, o rural visto a partir da imagem do camponês, da pobreza e do pré-capitalismo estaria desaparecendo em alguns espaços favorecidos pelo capital, onde a imagem do rural é de um rural moderno e altamente técnico, onde as relações campo-cidade são mais complexas.

4.1.2. O rural contemporâneo, a relação campo-cidade

A relação dicotômica campo-cidade ou rural-urbano nasce com a sociedade moderna. Para explicar esta relação na contemporaneidade, tomaremos as três formas históricas dessa relação definidas por Moreira (2012): a cidade-campo como dimensões de uma sociedade de domínio rural; a cidade e campo como dimensões de uma sociedade de divisão territorial de trabalho, e cidade e campo como dimensões de uma sociedade de domínio urbano. Moreira (2012) define a primeira das formas históricas de relação urbano-rural num contexto histórico marcado pela dominância geográfica do rural. “a terra é o meio de produção por excelência num forte vínculo do homem com o todo da natureza” (MOREIRA, 2012, pg. 156) e a cidade se simplifica ao lugar das atividades de culto, de trocas dos produtos vindos do campo, e moradia da população rural. Aqui a relação homem-natureza é muito forte e determina suas atividades e lugar de moradia.

Na segunda perspectiva, a cidade-campo como uma sociedade de divisão territorial do trabalho, se define no momento em que surge uma sociedade capitalista, que muda a relação inicial do campo-cidade (o campo como foco de produção inicialmente), no qual se passa a separar a agricultura da indústria, trasladando este último para a cidade. Aqui a dualidade campo-cidade se define, “por um lado, pela autonomia da cultura urbana que a presença da indústria traz para a cidade e, do outro, pela reafirmação da cultura rural que a permanência da agricultura impõe ao campo” (MOREIRA, 2012, pg. 157). As relações entre estas duas categorias espaciais se reduz a separação do urbano e do rural, outorgando-lhe características que os diferenciam. Isto expressa a divisão territorial do trabalho, a indústria que se separa da agricultura.

Numa terceira perspectiva histórica, a cidade-campo numa sociedade de domínio urbano, faz referência ao reencontro da agricultura com a indústria, como consequência da “Terceira Revolução Industrial assentada na engenharia genética que levam a indústria a retornar ao campo” (MOREIRA, 2012, pg. 159). Os espaços urbanos modernos e industrializados deixam de ser privilegiados, pois os espaços rurais hoje industrializados, civilizados e urbanizado, tende a reescreve as identidades rurais (MOREIRA 2007).

No Brasil, o fenômeno chamado de agronegócio se descreve como um modelo econômico de produção que intensifica o capitalismo no campo. Como produto da mecanização, especialização e os grandes investimentos no campo brasileiro, que junto com a emergência do meio técnico-científico-informacional (SANTOS 2008) contribuíram para a aceleração das mudanças no campo, tornando mais complexas as definições e delimitações espaciais entre o urbano e o rural. O rural se reorganiza rapidamente e a urbanização incrementa-se como consequência destas mudanças. ELIAS (2007) considera que a expansão da urbanização se deve diretamente a intensificação do agronegócio o qual descreve assim:

Entre as características desse segmento econômico, está a forte integração ao circuito da economia urbana desenvolvendo-se uma extensa gama de novas relações, de diferentes tipos e complexidades, entre o espaço agrícola racionalizado e o espaço urbano próximo. Estas se desenvolvem atreladas às demandas produtivas de serviços de produtos especializados das empresas relacionadas aos complexos agroindustriais (ELIAS, 2007, pg. 50).

As mudanças tanto no campo como na cidade e o novo contexto mundial no qual elas se colocam, já não pretendem definir as relações campo-cidade fundamentando-se em

diferenciar uma de outra, senão compreender as relações espaciais, econômicas, de mercado e de estrutura que se dão entre ambas.

Portanto, se considera que a relação dicotômica se constitui como a primeira etapa do processo de diferenciação de áreas, para que só posteriormente, com a urbanização das áreas rurais, possa existir o *continuum* rural e urbano. (...) É preciso salientar a existência de várias regiões do mundo em que a ideia de *continuum* não traduz, de forma satisfatória, a realidade. Em vastas áreas dos países em desenvolvimento e nos países em subdesenvolvimento, a industrialização da agricultura e as demais mudanças que levam ao transbordamento do urbano para o rural ainda não se efetivaram. A conceituação dicotômica ainda pode se valer eficiente para essas regiões, uma vez que esse tipo de abordagem indica a existência de áreas rurais distantes das cidades. Dessa forma, vale destacar que seria impossível chegar a uma definição universal do que seja rural e urbano, já que as diferentes realidades sócio-espaciais encontradas no globo clamam por adequações apropriadas e específicas (AFONSO, 2011).

De forma que o *continuum* se gera naqueles espaços onde se efetivaram as mudanças do modelo agrícola de forma *positiva*²⁵ que junto com o desenvolvimento da urbanização, causaram que a paisagem de um espaço rural a um urbano se realiza de forma gradual, gerando uma continuidade (RODRIGUEZ, 2006).

As continuidades entre campo-cidade, só faz referência a esses espaços rurais que obedecem as lógicas capitalistas de industrialização e de grande produção, pois também se tem que destacar que o mundo rural contemporâneo não só se explica a partir desta perspectiva, o mundo rural hoje se torna muito mais dinâmico que antes. O rural de hoje não é o espaço exclusivo das atividades agrícolas, este passa a ser um espaço de múltiplas atividades que ocorrem no campo. Este rural é o que a nova ruralidade representa.

4.1.3. A Nova Ruralidade – concepção do rural concepção do agrário.

Ruralidade, definida segundo concepções tradicionais, não existe mais, pois para sua definição se deve considerar que os espaços rurais se reproduziram entorno das lógicas de um modelo de desenvolvimento que privilegiou as questões econômicas. Este modelo privilegiou a agricultura em função da grande produção, portanto foi o foco principal da visão do mundo rural, deixando “las demais atividades economicas que ocurren en el mundo rural, asi como los distintos pobladores rurales, que no sean productores agropecuários invisibles en esta

²⁵ O que significa que estes espaços rurais conseguiram se inserir com sucesso no modelo de produção capitalista.

vision sectorial” (PEREZ, 2006, pg. 90). A não visibilidade das outras atividades e dinâmicas que acontecem no campo impede a compreensão do campo como um espaço heterogêneo, do qual se parte para gerar outros olhares para o espaço rural. Nas palavras de Gómez (2006) “la industrialización de la agricultura y la urbanización de las comunidades rurales acabó con la ruralidad tradicional, pero no con la ruralidad” (GOMEZ apud GONZÁLES; HUACUJA, 2006 pg. 19). Estas são questões que a nova ruralidade vai considerar.

A Nova Ruralidade é uma proposta que surge com a necessidade de gerar novos olhares ou olhares diferenciados ao mundo rural. Constitui um enfoque mais inclusivo no qual não só se considera a questão agrária, mas também outras atividades que se produzem no campo, pois “la ruralidad pasa de ser exclusivamente el “sector agrícola” a descubrirse como “el mundo rural productivo y ocupacionalmente diverso” (GRAJALES, 2006, pg. 65). A nova ruralidade possibilita o surgimento de uma nova visão das sociedades rurais na América Latina, pois a população que faz parte do campo se encontram vinculadas a diferentes atividades, como agricultura, pecuária, artesanato, pequena, média e grande indústria, comércio, serviços, pesca, mineração, extração de recursos naturais, turismo, entre outros (GONZÁLES ; HUACUJA, 2006, pg. 73). Isto permite inferir que a nova ruralidade parte do princípio de que os espaços rurais são heterogêneos e afirmar que suas práticas são diversas, rompendo com a concepção de que o campo tem por função exclusiva a atividade agrícola. Além disso, este enfoque considera o papel que desempenham as comunidades indígenas e negras, os pequenos, médios e grandes produtores, os trabalhadores rurais sem terra e dos denominados hoje neo-rurais ” (GONZÁLES; HUACUJA, 2006, pg. 22)

Portanto, a ruralidade configura-se como espaço dos diferentes usos e ocupação do solo, isto implica que a concepção do rural e de sua dinâmica espacial deve ser repensada, assim como também centraliza o debate sobre as questões rurais e sua ocupação espacial na atualidade. Fica evidente que não é possível continuar considerando o rural a partir da participação da agricultura no PIB e a porcentagem de população não urbana no conjunto da sociedade (GRAJALES, 2006, pg. 65).

Porém, segundo Riella & Romero:

El termino de nueva no parece significar la emergencia de transformaciones amplias y profundas sino más bien nos muestra algunas facetas de la realidad social rural que quedan ocultas por los enfoques agraristas. Todo parece indicar que este concepto en

especial es una forma distinta de percibir los espacios rurales y sus problemas contemporáneos, y no necesariamente la emergencia de nuevos fenómenos (RIELLA; ROMERO, 2003 apud PEREZ, 2006, pg. 85).

A Nova Ruralidade não retoma elementos de fenômenos novos que acontecem no mundo rural, muito pelo contrário, é o interesse em estudar elementos no campo que sempre estivera ali e que foram ignorados para dar prioridade a outros. O que a Nova Ruralidade propõe é um olhar mais abrangente do espaço rural que não somente priorize a agricultura como a única atividade no campo, e como a única atividade que transforma o espaço. Pois o mundo rural está composto de múltiplas atividades que nas últimas décadas vem cobrando maior valor e visibilidade.

Destarte, se deve reconhecer que para denominar e delimitar o que é rural, se deve ter em conta que o espaço rural é heterogêneo e dinâmico, e que a ruralidade se define em função das formas de ocupação territorial histórica e as concepções culturais predominantes de cada sociedade ou comunidade. (RODRIGUEZ, 2006, pg. 133). Como também se deve ter em conta que o rural, ainda se pode considerar desde o dicotômico, pois esta postura teórica ainda não esta esgotada.

4.1.4. O rural incompleto, o capitalismo não chegou a todas as partes.

A nova ruralidade ao ser um enfoque mais inclusivo sobre as múltiplas atividades que ocorrem no campo e os diferentes grupos culturais e raciais que habitam estes espaços, os quais são diversos, permitem descrever desde uma perspectiva do capital e da concepção de ruralidade incompletas, as heterogeneidades espaciais no mundo rural contemporâneo na América Latina.

Deve-se considerar que a modernidade gerou e intensificou a desigualdade social fragmentando o espaço rural. A modernidade não chegou ao campo de forma homogênea, ampliando a distancia entre campo e cidade. Neste processo se beneficiaram algumas zonas rurais específicas, as quais ganharam um grande desenvolvimento agrícola, que posteriormente significou a marginalização de muitas outras zonas, o qual foi configurando-as em zonas rurais menos favorecidas pela modernidade. Estas áreas marginalizadas estão muito distantes do que representa o “continuum”, noção que também faz parte da abordagem da nova ruralidade e que muitos autores adotaram para definir alguns territórios da América Latina, que perderam a nitidez dos limites entre o urbano e o rural, os quais modificaram as

dinâmicas soció-espaciais no campo e na cidade. Reis (2010, pg. 5-6) explica esse processo como uma evolução que sofreram estes espaços do “dicotômico” ao “continuum”. Nessas áreas o rural está muito distante da cidade, de todos os serviços que estas oferecem, da “civilização”, da “modernidade”. Estes espaços rurais têm grandes dificuldades para o acesso ao mercado, o que se reflete nas condições das vias e no distanciamento dos pontos de comercialização de seus diferentes produtos. Outro ponto importante a considerar são aqueles espaços que não se especializaram, que não conseguiram investir em equipamentos sofisticados para uma maior produção que garanta a permanência no campo, ou pelo contrário, a adoção da tecnologia pode gerar endividamento, que também produz a expulsão do homem do campo.

Esses espaços rurais onde não se efetivou todo o processo de modernização são, portanto, rurais incompletos. Vistos desde uma perspectiva do capital, uns tentam se inserir à dinâmica modernizadora, enquanto outros se tornam resistência. “Nessas sociedades, a modernização e a modernidade não se completaram. Os baixos níveis de escolaridade e saúde, a cidadania incompleta e os elevados indicadores de desigualdade sociais atestariam essa afirmação de incompletude” (MOREIRA, 2007, pg. 69).

Esses rurais que se tornaram resistências, representam os movimentos de trabalhadores sem terra na América Latina, os agricultores que ainda hoje perseguem uma produção sustentável seguindo as bases da agroecologia, os grupos culturais indígenas ou afrodescendentes que mantêm uma cultura milenar de grande sabedoria com a natureza e o campo, e que na atualidade vem ganhado poder político nas sociedades latinas, que de uma forma ou outra resistem, como forma de contestação a padrões dominantes, que lutam por espaço, por terra, por trabalho e para não desaparecerem.

O MST por sua parte é considerado um grupo de resistência por sua luta histórica pela terra, e pelos espaços que estes ocupam por meio de assentamentos.

No Brasil o MST se gesta devido à políticas agrárias encaminhadas a partir do modelo da Revolução Verde. Este não atendia a agricultura camponesa senão a expansão da agricultura capitalista no Brasil (FERNANDES, 2007). “Esse conflito constitui a questão agrária brasileira, baseada numa estrutura fundiária concentrada e numa agricultura moderna” (FERNANDES, 2007, pg. 140). Algumas das experiências no Brasil de luta pela terra se geraram através dos sindicatos de trabalhadores rurais ou por meio de assentamentos que

implica a ocupação direta da terra. A Amazônia, o Nordeste e o Centro Sul compõem as diferentes formas de resistências do campesinato brasileiro (FERNANDES, 2007).

Na atualidade ainda o MST tenha ganhado acordos com os diferentes governos brasileiros através do tempo, seguem constituído territórios de resistência, destacando os espaços ocupados pelos assentamentos de reforma agrária.

Outra forma de resistência são as diferentes formas de agricultura sustentável ou agricultura alternativa na América Latina, onde se destacam as práticas de agroecologia. Estes espaços enfrentam a questão de sustentabilidade ambiental, que nascem com a preocupação pelo meio ambiente na década dos 60's.

Os anos 60 marcaram o mundo por intensas manifestações que contrariavam o modelo de desenvolvimento vigente. Assistia-se ao levante de movimentos variados de contestações: movimento antibombas, hippie, contra governos ditatoriais, ambientalistas e no seio dessa efervescência, surge também, o movimento que levaria a propagação de uma agricultura que se opunha à convencional. (MOREIRA, 2004, p. 41)

A preocupação com a contaminação do meio ambiente causada pela indústria e pelo uso excessivo de agrotóxicos nos campos, foi a origem de caminhos alternativos que levou a implementação de diferentes formas de agricultura, a agricultura biodinâmico, a agricultura orgânica, a agricultura ecológica, agricultura sustentável e agroecologia, que de uma forma ou outra tentam alcançar uma transição a partir de um modelo de agricultura convencional a um modelo baseado em princípios ecológicos, na gestão de sistemas agrícolas sustentáveis, como forma de mudar as atuais formas de agricultura e trabalho no campo. A proposta de uma agricultura alternativa na atualidade é uma realidade que está crescendo, com a ajuda dos trabalhos científicos e as boas experiências na América Latina (ALTIERI, M. 2011).

Estes territórios alternativos não só propõem um meio ambiente livre de contaminação, de alimentos sem agrotóxicos e por uma agricultura sustentável, senão também uma vida alternativa, muitas vezes de morar em coletivo, em harmonia com a natureza.

Segundo Oslender (2010) o termo contra-espço serve para descrever comunidades locais, indígenas e afrodescendentes que na atualidade lutam por sobreviver a ameaça da globalização em muitos países do centro e sul da América. O conhecimento que estas comunidades têm sobre os espaços rurais nos quais habitam é de grande valor, seu conhecimento sobre a botânica, a selva, formas de irrigação da terra, diversidade de cultivos, entre outros, e sua luta por se manter com seus costumes, sua cultura, constituem-se em

contra-espacos que surgem como espacos diferenciais e opostos ao espaco abstrato do mundo capitalista (OSLENDER 2010). Onde o controle sobre as terras está vinculado ao exercício de uma cultura própria, livre da dominaao dos atores do Estado e do capital (OSLENER, 2010), como acontece com as comunidades indígenas na Colômbia. Isso permite uma apropriaao do espaco rural, que nestes casos já não se pode explicar a partir das lógicas do capital, do consumo, do mercado, pois requerem estudos diferenciados para poder entender suas dinâmicas espaciais.

Os exemplos sobre como se constituíram os diferentes espacos rurais, além daqueles produzidos pela modernizaao da agricultura, configuram os espacos rurais incompletos, não são a partir de sociedades pobres, senão de muitos grupos sociais que não se inseriram em sua totalidade ao sistema mundial de mercado e que tem como resultado inumeráveis visões sobre o rural contemporâneo, a partir de diferentes perspectivas. Como explicar o rural hoje se a fragmentaao do espaco cria rurais incompletos diversos? E se podemos considerar que o rural não se reduz às atividades agrícolas? Isso deixa claro que os antigos esquemas utilizados para explicar o rural precisam de uma revisão capaz de dar conta da complexidade e da dinâmica do mundo rural na contemporaneidade, especialmente em locais onde eles não foram completamente compreendidos.

4.2. Entender o Rural da Colômbia.

Abordar a questão agrária na Colômbia  um trabalho que requer estudo da história, geografia e política sobre o rural ao longo do tempo até a atualidade, o qual requer grande trabalho bibliográfico para explicar a realidade dinâmica do campo colombiano na atualidade. A intenao  focar aspectos que direcionem a um entendimento a respeito da formaao do espaco rural no Pacífico Colombiano, por meio de dois enfoques principais: os fatos históricos mais relevantes e as políticas mais significativas direcionadas  questão agrária na Colômbia.

A Colômbia, como o Pacífico, possui uma grande riqueza biológica, a qual se pode apreciar em sua geografia: “numerosos valles, cuencas, paramos, altiplanos terrazas y humedales, sabanas, selvas y llanuras selvticas” (FAJARDO, 2009:116), seus primeiros habitantes contribuíram durante séculos na construao destas paisagens. A domesticaao e seleao de plantas por parte das comunidades indígenas que al habitavam antes da colonizaao espanhola fazem da Colômbia um dos países que mais tem contribuído no

inventário de plantas domesticadas (FAJARDO, 2009). Durante o período colonial não só se teve a extinção de grande parte das comunidades indígenas que habitavam o país de forma dispersa. Mas a chegada dos espanhóis e escravos negros foi, também, o marco para uma recomposição social que, como assinala Fajardo (2009), formaram distintos núcleos de campesinato colombiano, conformado por índios, mestiços e brancos os quais estavam ligados às atividades agrícolas. Ao mesmo tempo, no Pacífico colombiano se assentaram os escravos negros que fugiram do poder colonial, como já abordado no Capítulo 1.

Ao final do século XVIII, no que se refere a dominação espanhola, camponeses e artesãos provocaram os primeiros protestos por meio dos quais contribuíram para a formação do projeto político da independência (FAJARDO, 2009:117). O qual se concretizou no governo de Nova Granada (hoje Colômbia), após a falência da Gran Colômbia²⁶. Durante a busca e concretização desse projeto de país, de formação da nação neogranadina e mais tarde da República da Colômbia, se deram várias expedições que tinham como objetivo dar conta da dimensão do país e de suas características geográficas, a qual esteve a cargo o italiano Agustin Codazzi (CHECCHIA, 2007), que se deparou com uma grande riqueza natural e grandes dificuldades de acesso e comunicação entre um núcleo de população e outro, pois a articulação dos espaços era fundamental para a concretização do projeto nacionalista e a circulação de mercadorias. Por tanto o foco foi ligar os núcleos urbanos que se assentaram por todo o eixo norte-sul das três cordilheiras e na Costa Caribe (SERJE, 2011), com a construção de rodovias que as articulassem. Esta medida contribuiu para que um conjunto de zonas, entre as quais a região Pacífico, ficassem marginalizadas ante este ordenamento do território (SERJE, 2011), razão pela qual, muitas foram declaradas como terras baldias.

En medio de esta historia de tensiones y conflictos se afianzaron los diversos tipos de comunidades campesinas que encontramos en el presente y que abarcan desde los núcleos verdales andinos de mestizos e indígenas hasta los asentamientos de los afro descendientes del Pacifico y medio y bajo Atrato. Parte de la riqueza cultural de cada una de ellas son sus rasgos propios en los patrones de localización y vivienda, sistemas familiares, usos de suelo y demás recursos, incluyendo los alimentarios y medicinales, el folclor y otros acervos (FAJARDO, 2009:118)

Estes tipos de comunidades camponesas que ficaram distantes da articulação da nação foram relegadas ao esquecimento, enquanto o mundo rural colombiano se consolidou entorno

²⁶ A Gran Colômbia foi o projeto de país e sonho de Simon Bolívar, que existiram durante 1821-1831 e depois se desintegrou, formando assim a Venezuela, Equador e a Nova Granada (hoje a Colômbia).

aos espaços de cordilheira. Portanto, são os espaços de cordilheira onde se têm gerado as transformações na agricultura e o mundo rural como as descritas no item anterior, destacando que a história do mundo rural na Colômbia tem suas particularidades e isto tem influenciado sua configuração atual (PNUD, 2011).

4.2.1. A violência

O ordenamento da agricultura na Colômbia tem características que se explicam nas condições naturais e geográficas, como também no desenvolvimento de cada região (FAJARDO, 2009), a qual é marcada fortemente pela violência, como foi o caso das guerras civis dos anos 1950, responsáveis pela expulsão de comunidades camponesas, fator que continua sendo o de maior expulsão de camponeses para as cidades na atualidade (FAJARDO, 2009). A época conhecida como “La violencia” se encontra marcada pelo bipartidário político (entre liberais e conservadores) que buscavam implementar no campo colombiano doutrinas diferenciadas. Por um lado o partido liberal “motivado pelo projeto de desenvolvimento comercial, eliminação do regime fiscal e tributário e substituição dos metais preciosos por produtos agrícolas na balança de exportação”, e por outro, o partido conservador “apegado à continuidade das estruturas socioeconômicas, em especial a da terra, como garantia da ordem” (CHECCHIA, 2007:91). Esta diferença de posições entre liberais e conservadores, mais que discordar em questões socioeconômicas, se diferenciava enquanto à questão religiosa (CHECCHIA, 2007), pois enquanto um defendia o status da Igreja e sua relação com o Estado o outro propunha um Estado laico. Isto teve como consequências um período de violência que envolvia a população civil. Um dos aspectos a destacar neste período é o enraizamento da violência como uma característica do campo colombiano, pois desde essa época não se tem podido desligar as ações violentas no mundo rural até a atualidade. Pois como afirma Fajardo:

Con La Violencia, nuestro eufemismo para la guerra civil que cerró el paso a las reformas liberales, miles de propiedades cambiaron de manos; cientos de miles de campesinos perdieron sus tierras y debieron huir para salvar sus vidas. Se afirmó de esta manera una característica histórica de la sociedad colombiana: la naturaleza esencialmente violenta de la expropiación y concentración de la tierra. Esta característica ha contribuido a sostener un prolongado conflicto armado, con sus secuelas de pérdida de vidas humanas, desplazamientos forzado, secuestros y extorciones, destrucción de bienes, restricciones a la producción y al acceso a los mercados entre otras consecuencias conocidas (21)

Assim a configuração do campo colombiano vai se traçando na medida em que as ações violentas pela propriedade da terra continuam expropriando milhares de camponeses. Isto se manifesta nos 8.8 milhões de hectares de terras despojadas na Colômbia, mediante mecanismos como vender de forma forçada às propriedades, ações violentas ou por meio da falsificação de documentos públicos. Neste cenário as mulheres são as mais afetadas, pois elas são as viúvas da guerra e quem tem a tarefa de sustentar a família sem puder reclamar por suas terras.

4.2.2. Reforma Agrária?

Depois dos anos críticos da violência “el profundo deterioro social resultante y las presiones del gobierno estadounidense para evitar las influencias de la revolución cubana condujeron a la expedición de la Ley 135 de 1961” (FAJARDO, 2009:82), com a qual se estabelece a Reforma Social Agrária.

Cabe destacar que antes da Lei 135, de 1961, nos anos 1930 já se tinham a intenção de racionalizar a distribuição da propriedade rural por meio da Lei 200 de 1936, a partir da qual se “conformaram as zonas de autodefesa camponesa, que mais tarde foram arrasadas pelo mesmo Estado, com o argumento do perigo que significava essas supostas “repúblicas independientes”, acción que termino estimulando la formación de guerrillas campesinas” (FAJARDO, 2002:78). Depois desta falida Lei e já nos anos 1960 se faz necessário implementar uma nova política de terras que pudesse enfrentar o latifúndio. Hernán Toro Agudelo (apud FAJARDO, 2009) tinha advertido que: “menos del 3% de los propietarios, estimados em 23.456 personas, controlaba el 55% de las tierras, mientras el 55% de los propietarios solamente contaba con el 3.5% de la tierras ocupadas”(22). De maneira que era necessário implementar uma nova lei de terras para combater o latifúndio agravado após o período da violência. Assim ocorre com a Reforma Social Agrária, refletida na Lei 135 de 1961, com a qual nasce o Instituto Colombiano da Reforma Agrária - INCORA²⁷. Por meio dessa instituição se adjudicam 1,5 milhões de hectares, se titulam 12,3 milhões de hectares de

²⁷ Na atualidade a figura conhecida como o Instituto Colombiano da Reforma Agrária- INCORA não existe, este foi substituído pelo Instituto Colombiano de Desenvolvimento Rural - INCODER, mediante o decreto de 1300 de 2003, com o qual também se suspende entidades como o Instituto Nacional de adequação de Terras (INAT), o Fundo de Cofinanciamento para a Inversão Rural (DRI) e o Instituto Nacional de Pesca e Aquicultura (INPA). Na atualidade o INCODER, esta vinculado ao Ministério de Agricultura e Desenvolvimento Rural, e esta encarregado executar e coordenar políticas de desenvolvimento rural estabelecidas pelo governo nacional. Mais informação em: <http://www.incoder.gov.co>

terras baldias, se aplica a extinção de domínio de 4,5 milhões de hectares e se assina a posse indígena de 22 milhões de hectares, para um total de 40, 3 hectares (FAJARDO, 2002).

A isto Fajardo (2002, 2009) expressa que a Reforma Agrária foi substituída por um programa de titulação de terras devolutas, por meio do Pacto del Chicoral, com o qual as elites colombianas evitaram uma real Reforma Agrária, e a debilitaram com a colonização de camponeses nas terras baldias do litoral Pacífico, do Amazonas, do Darien e do Piedemonte Araucano, zonas de difícil articulação com a economia nacional. Finalmente os camponeses foram abandonados a própria sorte e, sem outras alternativas, os cultivos de maconha e coca significaram a saída e o futuro destas zonas, o que representa na atualidade uns dos grandes problemas para o governo e o campo colombiano.

Por outro lado, com esta mesma Lei 135 de 1961, deu-se as condições legais para iniciar o processo de modernização do campo, o qual se efetivou como a implementação do programa de Desenvolvimento Rural Integrado- DRI:

Los antecedentes del programa DRI se remontan a las investigaciones y proyectos adelantados por agencias estatales en la India y México, tendientes a ‘superar los obstáculos para la modernización de los campesinos’, y recogía los mejoramientos de la producción y la productividad agrícola con la introducción de intervenciones genéticas y la aplicación de agroquímicos y prácticas culturales, todo ellos abarcadas dentro del llamada ‘Revolución verde (FAJARDO, 2009, pg.85).

Já nos anos de 1970, se implanta no campo colombiano a agricultura da Revolução Verde, a qual por meio do programa DRI oferecia créditos subsidiados e assistência técnica, que conduz a uma grande parcela de camponeses a substituir seus cultivos tradicionais por produtos orientados ao mercado (FAJARDO, 2009:118). Durante as décadas dos 60 e 70 a agricultura colombiana inseriu-se numa tentativa de modernização do campo, o qual conduziu a implantação de um modelo de plantação extensiva como única forma de desenvolvimento rural. Segundo Machado (2002, apud SUÁREZ, 2004), o erro desse programa foi supor que se podia superar a situação dos camponeses e pequenos produtores, sem ter acesso a fatores produtivos em especial à terra, pois sem uma verdadeira Reforma Agrária e com a implantação de um modelo no campo que requeria novas ferramentas e tecnologia, era evidente que o programa DRI só de dirigia a beneficiar os empresários com terra e com a capacidade de assumir o alto custo dos investimentos necessários ao novo padrão de produção, assim, mais uma vez, foi prejudicado o campesinato colombiano.

Com a constituição de 1991, também se estabeleceu a Lei 160 de 1994, conhecida como a lei de mercados de terras, que limitou a responsabilidade do Estado frente à repartição de terras, colocando-a nas mãos do setor privado, “la nueva reforma agraria operaria a través del mercado de tierras, asistido mediante subsidios para la compra de predios, no mediante la intervención directa del gobierno en el reparto de tierras”(FAJARDO, 2009, pg. 23), senão com a privatização da distribuição destas, o qual teve como resultado que na metade dos anos noventa a concentração da terra se intensificou, ocorrendo uma gradual redução da produção agrícola (FAJARDO, 2002). Assim, as condições necessárias para promover a reforma agraria que apontasse soluções aos problemas de aquisição de terra e proporcionasse condições para a reprodução camponesa ainda esta longe de se efetivar, pois são muitas as variáveis que impedem a verdadeira efetivação de uma reforma agrária na Colômbia, como é a violência armada, as políticas e o modelo de desenvolvimento rural.

Na atualidade, e um pouco mais de vinte anos depois, volta à discussão o modelo de desenvolvimento rural na Colômbia, refletido na Lei de vitimas e restituição de terras, a Lei 1448 de 2011. O atual governo de Juan Manuel Santos sentencia “medidas de atención, asistencia y reparación integral a las víctimas del conflicto armado interno” (Ministerio del Interior y Justicia, 2011, pg. 7), com a qual se pretende uma reconciliação social, reparando as vitimas do conflito armado. Dessa forma, o governo mostra a intenção para negociar a paz e devolver as terras aos camponeses, indígenas e afrodescendentes que foram despojadas delas, com a finalidade de chegar a acordos e alianças para alcançar o desenvolvimento (MACHADO, 2012), o qual quer dizer que não se trata de repensar e reestruturar o modelo de desenvolvimento, senão de reforçá-lo. Assim o afirma Machado (2012, pg.31): “el Estado no busca transformar el modelo de desarrollo sino consolidarlo y otorgarle estabilidad social y política con la búsqueda de estas alianzas. En conclusión, se puede decir que la ley de restitución de tierras “no cambia la estructura de la casa...es un intento por ordenarla y hacerla más funcional”. Percebe-se que um dos passos para que se efetive a reforma agrária é conseguir a paz, mas não só com a FARC e os diálogos em Havana-Cuba, senão com outros grupos insurgentes que operam no país, como o ELN, os grupos narco-paramilitares, que não se desmobilizaram, conhecidos hoje como Bandas Criminais reorganizadas-BACRIM que continuam cometendo todo tipo de violações aos direitos humanos, (MARTÍNES, 2013). Por enquanto fica difícil pensar uma restituição de terras no meio do conflito armado.

4.2.3. Abertura econômica e o narcotráfico.

Em 1990 a Colômbia se lança a uma política de abertura econômica, a qual se traduz a abolição do protecionismo econômico no país. Isso se faz com a finalidade de impulsionar o processo de modernização no campo. Esta abertura implicou que as políticas se modificaram por esquemas seletivos de apoios diretos, com maior volume de recursos e ajudas para o setor agropecuário o qual produz um aumento nas áreas dedicadas à pecuária, diminuído as áreas de produção e exportação de origem agrícola e incrementado a importação de alimentos (FAJARDO, 2009). Ao mesmo tempo se evidenciou a incapacidade do Estado para resolver com os problemas gerados em outros sectores econômicos (como a indústrias, comercio e serviços) para absorver a mão de obra ociosa, gerando pelo deslocamento de camponeses para a cidade, em consequência em grande medida pela modernização do campo.

Fajardo (2009) ressalta os aspectos mais relevantes produzidos pela abertura econômica na década de noventa:

1. A aceleração da “evasão rural” do emprego.
2. O aceleramento das migrações internas rural-urbanas e rural-rurais no país.
3. A diminuição das áreas semeadas.
4. A recomposição da produção agrícola em termos de redução de cultivos temporais e da ampliação de cultivos permanentes.
5. A expansão da fronteira agrária.
6. O aumento da grande propriedade.
7. A diminuição da produção agrícola e o aumento de áreas dedicadas à pecuária.

Por outra parte, a adaptabilidade das atividades econômicas às reformas institucionais tem criado serios problemas no mercado, à medida que estes não foram atendidos pelas novas políticas estabelecidas, como por exemplo, a falta de intervenção nos mercados agropecuários não permitiu uma reorganização progressiva da oferta aos novos preços (PNUD, 2011). O novo modelo rural estimulou uma maior participação do setor privado para definir os caminhos do sector agrário, dando subsídios diretos e negociando tratados de livre comercio, que teve como resultado a saída de muitos produtores do mercado, que não podiam competir com os preços do mercado internacional, e consolidou a especialização produtiva dos cultivos permanentes (PNUD, 2011).

A abertura econômica traduzida como a política para impor o novo modelo agrícola, acarretou que os pequenos e médios produtores, e em especial camponeses, tivessem que competir com a balança de preços, além das limitações para o acesso a terra, as tecnologias de elevada produtividade e carentes de subsídios, tiveram como resultado perdas econômicas para os agricultores, incentivando a produção de cultivos ilícitos (FAJARDO, 2009). Estabeleceu-se uma economia de narcotráfico, a qual tem suas raízes no final da década de 1970, com os cultivos de maconha na Costa Atlântica, em particular em Guajira, Sierra Nevada de Santa Marta e Urabá, e também se estendeu a algumas localidades do departamento de Meta (FAJARDO, 2009).

Já nos anos de 1980 e 1990 ampliaram-se os cultivos de coca e papoula, Segundo Fajardo (2009) “la información mas reciente asigna aproximadamente 130.000 hectareas a las plantaciones de coca, 10 a 12000 a la amapola y 8 a 10.000 a la marihuana.” (pg.113). A produção e comercialização de psicotrópicos se têm desenvolvido em áreas de fronteira interna e externa, zonas marginais, que tem um elevado valor ecológico, caracterizadas pelo difícil acesso e pouco controle do Estado, além de serem zonas atraentes para a exploração de recursos estratégicos e para o estabelecimento de grandes projetos energéticos (FAJARDO, 2002). Em virtude dessas práticas, essas zonas se convertem em campos de batalhas diante da constante luta pelo espaço, recursos naturais e cultivos, por parte de agentes externos: guerrilhas, paramilitares em aliança com o Estado²⁸, narcotraficantes e multinacionais. As formas como essas batalhas se têm produzido são das mais violentas, em que a população civil fica em meio à violência, tornando-se as principais vítimas. Outra consequência dos conflitos é o grande deslocamento forçado, o qual na atualidade tem alcançado níveis dramáticos, tornando a Colômbia, provavelmente, o país mais afetado pelo problema dos refugiados internos, estimados em mais de dois milhões de pessoas (ESCOBAR, 2004:54).

Por outro lado, a produção de psicotrópicos por parte da população civil envolvida neste cenário de guerra, de deslocamento forçado e sem controle do Estado, como é o caso do Pacífico sul, da zona Andina e da região da Amazônia, que conforma o sul e sul-orientes do país, tem significado uma possibilidade de superar as condições de pobreza na qual se encontram os camponeses, indígenas e afrodescendentes que constituem as populações dessas regiões, já que os cultivos ilícitos proporcionam uma maior renda para muitas famílias, que

²⁸ A partir dos anos oitenta o Estado se tem estabelecido alianças clandestinas com grandes narcotraficantes para organizar, financiar e operar os grupos paramilitares, os quais foram criados para destruir as bases sociais da guerrilha e impedir a cobrança de impostos aos narcotraficantes (FAJARDO, 2002).

tem deixado de cultivar alimentos para cultivar folhas de coca (*Erythroxylum coca*), papoula (*Papaver somniferum*) ou maconha (*Cannabis sativa*), em muitos dos casos tem sido obrigados a cultivar estes produtos ou sair das terras que ocupam. Em oposição a este panorama desalentador o governo colombiano tem tomado medidas para combater o narcotráfico e eliminar os cultivos ilícitos, em aliança com o governo dos Estados Unidos. “En Colombia, la fuerte presión de las autoridades norteamericanas han impuesto la erradicación forzada a todo tipo de productores, con énfasis en la pequeña y mediana producción, desde la fumigación desde aeronaves” (FAJARDO, 2002:130), o qual tem ocasionado consequências negativas para os agricultores e danos ecológicos irreparáveis nessas regiões que se caracterizam por sua grande fragilidade, como são as selvas, o Piedemonte amazônico, os paramos e os bosques andinos. As medidas tomadas pelo governo da Colômbia no combate ao narcotráfico e aos cultivos ilícitos agrava a situação, já que como consequência da erradicação forçada (fumigações) se gera a ampliação desmesurada das áreas de cultivos ilícitos (FAJARDO, 2002). E portanto causando um dano maior as áreas com grande valor ambiental.

A abertura econômica provocou impactos na economia colombiana, pois a indústria e a agricultura encontravam-se em condições desfavoráveis para competir com os mercados externos, afiançando por uma parte, os cultivos permanentes ante os cultivos transitórios e, por outra, beneficiando o setor pecuário. A implantação da monocultura significou a transição ao modelo agrário moderno, que não conseguiu se efetivar de forma positiva no país, criando uma crise agrícola que afiançou a plantação de psicotrópicos. A (des)territorialização dessas duas formas de cultivos lícitos (monocultura de palma de óleo e cana por exemplo) e ilícitos (psicotrópicos), se tem dado através de ações violentas, da expulsão da população civil, entre eles camponeses, indígenas e negros que ocupavam as áreas de conflito e tem acirrado os conflitos internos que já duram mais de cinquenta anos.

Desta forma, houve o aumento da concentração da propriedade fundiária, o que implica no domínio das terras mais favoráveis em mãos de poucos grandes proprietários, o campo submundo na pobreza, e muitos dos desterrados nas cidades, somado aos custos ambientais que a implantação desse “novo modelo” produz no campo colombiano.

4.2.4. A despetrolização: O modelo agrário atual na Colômbia.

Com o discurso da proteção ao meio ambiente, da diminuição dos níveis de poluição e da redução da dependência dos preços do petróleo, vêm se implantando no país um modelo agrário baseado na geração de combustíveis de origem vegetal, o qual tem impulsionado a produção do etanol, álcool carburante produzido a partir da cana de açúcar e o biodiesel, a partir do óleo de palma (PNUD, 2011).

O monocultivo da palma e cana de açúcar é direcionado para a produção de biocombustíveis, o qual requer grandes extensões de terra para ser produtivo e gerar rendimentos compensadores, pelo qual se tem transferido esta forma de cultivos às zonas como o Pacífico Colombiano, por exemplo, como é o caso do cultivo da palma. As implicações sociais devido a introdução do cultivo de palma para a produção de óleo têm se caracterizado pela violência e, no Pacífico como em outras regiões, não tem sido exceção as ações violentas e o despojo das terras para efetivar esta nova forma de semear terror no campo. “Dentro de esta perspectiva, los desplazamientos masivos se han encontrado relacionados con la ampliación de plantaciones, (...) así como también con el control de espacios para explotaciones mineras, de hidrocarburos y construcción de grandes proyectos de infraestructura vial y energética” (FAJARDO, 2009: 178).

Assim o revela Huberto Cárdenas e Álvaro Marín em sua obra “La Biodiversidad es la cabalgadura de la muerte” (2006), no qual mostra os interesses econômicos das grandes multinacionais que com ajuda do Estado colombiano e grupos paramilitares, tem desterrado mais de 400.000 de camponeses e deixado milhares de mortos. Disfarçado no discurso ambientalista, tem perseguido indígenas e negros por estes estar localizados em zonas ambientalmente estratégicas:

A pesar de que los movimientos campesinos e indígenas han sido protagonistas centrales de la historia del siglo XX colombiano, en las dos últimas décadas los indígenas empezaron a ser importantes en la vida política nacional e internacional, pero esta aparente incidencia del indígena en la política, no se la debe a su condición de indígena ni a las reivindicaciones étnicas de las organizaciones no gubernamentales, dependientes de las Naciones Unidas; en realidad su actual importancia se la debe a la condición estratégica que juegan en la economía mundial los territorios que ocupan; nunca el indígena, o el negro, llegaron a ser como ocurre ahora, el centro de la política ambientalista mundial, y por la misma razón, nunca como ahora han sido tan perseguidos a través de varias estrategias: a través de la expulsión de sus territorios, por la cooptación política en las instituciones estatales como el Congreso colombiano en el que participan desde la Constitución de 1991, o por el discurso engañoso de la diversidad cultural (CÁRDENAS; MARÍN, 2006, pg. 108).

O discurso ambientalista, traduzido no desenvolvimento sustentável, vem transformando a floresta tropical no departamento do Cauca pelas florestas de coníferas (CÁRDENAS; MARÍN, 2006), ou desertos verdes da palma africana. Esta lógica de desenvolvimento e modernização da produção, está acompanhada de um discurso de reordenamento territorial, que também é um duplo discurso, que assim a expressa Cárdenas e Marin (2006):

La protección ambiental, el desarrollo humano, la biodiversidad, la protección de las etnias, la diversidad cultural, y todos aquellos discursos que promulgan en Latinoamérica las agencias de las Naciones Unidas y que la intelectualidad europea y norteamericana han contribuido a diseñar, en buena parte son discursos que se han reproducido a través de la academia y las organizaciones sociales latinoamericanas. Estos discursos presentan sus premisas como axiomas: exponen la diversidad biótica y cultural, como un reciente descubrimiento de la cultura europea en los territorios del sur, como una nueva conquista. La diversidad que es una condición de los pueblos latinoamericanos ha sido puesta en discusión por europeos y norteamericanos como discurso político y como herramienta de la intervención extranjera; el destino ineludible, para ellos, de la globalización de norte a sur, también se presenta como axioma, como si no fuera posible otro sentido de la globalización (109).

Com esse duplo discurso, por um lado o ambientalista, e por outro o do desenvolvimento, se tem concentrado mais a propriedade rural, tem havido mais deslocamentos forçados e se tem condenado a miséria o campo colombiano²⁹:

A este respecto, el estudio del Banco Mundial señala, por una parte, la elevada concentración de la propiedad rural que se registra en Colombia, con un coeficiente de GINI del 0,85; por otra, destaca como la tierra abandonada por los desplazados se estima en cerca de 4 millones de has, superficie que supera cada de tres veces la tierra distribuida durante más de cuarenta años de escamoteo de la reforma agraria (FAJARDO, 2009, pg.178).

Este modelo agrário da “despetrolização”, não só implantado na Colômbia, como também em outros países da América Latina, vem convertendo os espaços rurais em “desertos verdes”, em territórios da soja, óleo de palma, do milho e cana de açúcar para produção de biocombustíveis (FAJARDO, 2009), com consequências lamentáveis para as comunidades negras no Pacífico Colombiano.

²⁹ É importante considerar que “el 70% de la población del campo se encuentra por debajo de la línea de pobreza, igualmente en 2004, cerca del 30% de esta población estaba por debajo de la línea de indigencia y los trabajadores no asalariados representaban el 60% del empleo rural” (FAJARDO, 2009, pg.52)

Esta nova implantação do modelo agrário tem duas linhas de discussão, a primeira é como o modelo se tem dirigido a gerar matérias primas (óleo de palma e cana de açúcar), que permitam reduzir a dependência dos preços do petróleo, a custa da produção de alimentos:

Colombia mantiene una proporción significativa de su población en áreas rurales, equivalente al 30% de sus 44 millones de habitantes. De esta población, aproximadamente un millón de familias son pequeños productores campesinos que apartan el 35% de los bienes ofrecidos a la mesa de los colombianos, por lo cual la agricultura colombiana continúa siendo una de las bases centrales de la seguridad alimentaria del país (FAJARDO, 2009, pg.56).

Pelo qual nos encontramos ante um modelo que avança na produção de carburantes, e reduz as áreas semeadas para a produção de alimentos.

A segunda linha se direciona a discutir, como a óleo de palma ou palma africana se expandiu até territórios de camponeses, afrodescendentes e indígenas condenando-os ao despojo de suas terras, deslocamentos forçados, as ações de barbárie e violência mais desumanas, estimulados por setores empresariais próximos ao Estado, que em aliança com os paramilitares e com apoio de forças armadas oficiais (FAJARDO, 2009, pg. 67), tem difundido o terror nos espaços rurais. É assim como o capitalismo selvagem entra a territórios que se resistem a ele mesmo, como a violência.

La presión por la tierra que ejercen empresarios, transnacionales, comisionistas y actores ilegales impide que campesinos, indígenas y afrocolombianos disfruten de los recursos del territorio, y que a partir de allí generen ingresos para procurar el bienestar de sus familias. Tales obstáculos excluyen al grueso de la población rural del principal activo para su supervivencia y bienestar: la tierra. (PNUD, 2011, pg. 37)

Esta tendência é dominante, mas frente a ela se vem ampliando formas de resistência e propostas alternativas que estão crescendo dentro dos próprios territórios das comunidades rurais (FAJARDO, 2009, pg. 41), por meio da organização das comunidades negras, indígenas e camponesas que com categorias como resguardos, conselhos comunitários e zonas de reserva camponesa vem lutando e resistindo ante um modelo rural excludente, estas categorias nominais serão retomadas mais adiante.

Segundo Machado, no Informe de Desenvolvimento Humano PNUD (2011), o modelo de desenvolvimento tem registrado dois momentos, o primeiro faz referência a era protecionista que operou até final dos anos 1980 e o de abertura econômica nos anos 1990,

com o qual se estabeleceu o novo modelo agrário, este sustentado numa política pública e visão de Estado de processo de modernização, que registra as seguintes características, extraídas do PNUD (2011):

- a. Não promove o desenvolvimento humano e torna mais vulnerável a população rural
- b. É desigual e não favorece a convergência.
- c. Inviabiliza o combate as diferenças de gênero e discrimina as mulheres.
- d. É excludente.
- e. Não promove a sustentabilidade.
- f. Concentra a propriedade rural e cria condições para o surgimento de conflitos.
- g. É pouco democrático.
- h. Não oferece a instituição rural (33).

O informe do PNUD (2011), também mostra as cifras de como se encontra hoje o campo colombiano, com respeito as suas características:

Los principales problemas sociales y de violencia del país, el primero de ellos la pobreza rural medida por ingresos que, entre 2002-2009 pasó del 69,2 al 64,3%, mientras la brecha urbano-rural aumentaba de 1,43 a 1,62. Además, el fenómeno masivo de desplazamiento y despojo de las tierras por causa de la acción de grupos armados al margen de la ley se expresa en 3.624.426 personas desplazadas y en 312.000 hogares que abandonaron 358.937 predios en todo el país. Un factor muy limitante sobre el crecimiento del sector rural sigue siendo la elevada concentración de la propiedad de la tierra. En 2008, el minifundio representaba el 70% del total de los predios inventariados por el Instituto Geográfico Agustín Codazzi (IGAC) y el latifundio el 0,16%, pero abarcando el 60% del área. El resultado es una estructura predominante de minifundios con pequeñas escalas de producción y de latifundios con tierras subutilizadas o inexploradas (PNUD, 2011, pg.334).

Cifras como essa só demostram que o modelo de desenvolvimento rural é extremadamente desigual, e que os benefícios da modernização dificilmente chegaram às comunidades rurais de pequenos e médios produtores, pois a partir da incorporação das inovações tecnológicas, que permitiu melhorar o processo de acumulação de capital, foi voltado, em grande medida, aos empresários agrícolas. (PNUD, 2011). Portanto, é evidente que o modelo de modernização e de plantação de cultivos permanentes para a produção de biocombustíveis está fundamentado em uma concepção limitada do que é o rural na Colômbia.

4.2.5. O pacífico no novo cenário agrário

Na medida em que agricultura e o rural vão se conformando na Colômbia, com suas dificuldades e problemas de violência que o tem caracterizado, espaços como a região Pacífica ficaram invisíveis ante o ordenamento socioeconômico colombiano, porém, nos anos oitenta, essa região é incorporada ao mercado por meio da introdução de um sistema extensivo de plantação de óleo de palma e de criador de camarões, de forma que o pacífico já não representava mais uma região sem condições para a implantação da agricultura ou uma zona de colonização e terras devolutas, senão um lugar estratégico no qual os novos meios de acumulação do capital se interessaram (ESCOBAR, 2004).

Nos anos noventa, na região Pacífica começaram a registrar deslocamentos forçados, por grupos de guerrilheiros e de paramilitares (ESCOBAR, 2004), acompanhados de ações violentas contra a população civil, que muitas vezes são causadas por empresários vinculados a grupos paramilitares, que exploram o óleo de palma e buscam, por meio do deslocamento forçado da população negra, ampliar os limites das plantações e incrementar sua produção para os mercados mundiais (ESCOBAR, 2004).

De maneira que o Pacífico se converteu em ponto estratégico para a exploração de recursos naturais, de madeira, de camarões, de minerais como ouro e de plantação extensiva. Em contraste com esse panorama, o Pacífico também é zona de plantações e produção de psicotrópicos, de tráfico de armas, entre outros, que o tem convertido num lugar de conflitos onde confluem e se sobrepõem os interesses dos capitalistas, dos guerrilheiros, dos narcotraficantes e das comunidades negras que resistem a deixar suas terras, terras que tem sido concedida pelo Estado através da Lei 70 de 1993 (capítulo um).

A luta pelos recursos e pelo controle do território no Pacífico tem como principal resultado o deslocamento forçado. Escobar (2004) assim se refere:

Los desplazamientos no son aleatorios, sino selectivos y planificados. Por ejemplo, los desplazamientos más masivos se han producido en las zonas destinadas a la realización de grandes proyectos de desarrollo. El objetivo de las operaciones militares es controlar las vías de acceso, la introducción de armas y la salida de los productos. Son los industriales del interior los que han concebido y financiado en gran medida esa estrategia, por ejemplo en el caso de la extensión de las plantaciones de palma africana. El terror y los desplazamientos tienen por finalidad desbaratar los proyectos de las comunidades, quebrantar su resistencia y, probablemente, lograr incluso su exterminio, lo cual se ve facilitado por la utilización cada vez mayor de arma de fuego (61).

Na medida em que o capital tenta se implantar no Pacífico, o genocídio, o etnocídio acompanha-o em todas as modalidades de violência, transformando os espaços de refúgio que um dia represento o Pacífico a espaços de insegurança (ALMARIO, 2004).

Neste sentido se pode entender como se tem distorcido os planejamentos da Nova Ruralidade, no qual agricultura não mais pauta o mundo rural, pois este tem acolhido outras atividades como a agroindústria e a exploração de recursos florestais e minerais como único motor do mundo rural colombiano, os quais se estabelecem com dificuldade, gerando conflitos no Pacífico, enfrentando outros modelos de território que se encarnam nas comunidades negras (RESTREPO, 2013). É assim que os territórios negros se negam a um modelo hegemônico, que ignora as lógicas espaciais, do rio, da floresta úmida tropical, dos manguezais, que conformam o Pacífico. Por outro lado Oslender (2008) aponta que tal vez essa ausência histórica de uma lógica capitalista de acumulação entre as comunidades rurais do pacífico, seja uma das causas à negação das formas em que o capital se apresenta nestes territórios.

4.2.6. Rural Incompleto ou territórios Alternativos?

O rural incompleto constitui os espaços rurais ainda não completamente integrados ao sistema capitalista como um todo, desde a perspectiva de um modelo de economia neoliberal, como discutido no item anterior, e que o PNUD (2011) tem definido para a Colômbia da seguinte forma:

Se evidencia en el hecho de que pueden encontrarse sociedades rurales bien diferenciadas: algunas conservan gran parte de las características más tradicionales (el patriarcalismo, por ejemplo), otras están en procesos de transición hacia sociedades modernas, y otras, definitivamente, entraron en la modernización (PNUD, 2011, pg.30).

Em contraponto se propõe uma visão destes rurais incompletos como espaços de resistência os quais se refletem em locais de floresta tropical como no Pacífico colombiano, em movimentos de resistência de trabalhadores sem terra ou agricultores que mantém uma produção sustentável baseada nos princípios da agroecologia. Na Colômbia estes espaços de resistência, ou rurais incompletos, se visualizam nas terras das comunidades indígenas, afro-colombianas e camponesas, que tem criado caminhos alternativos para a permanência, reafirmação de sua identidade étnica e reprodução de sua cultura nos espaços rurais, dessa

forma se constituem os Resguardos Indígenas, os Conselhos Comunitários da população negra e as Zonas de Reserva Camponesa (ZRC).

Como os Conselhos Comunitários no território negro do Pacífico, já foi discutido no capítulo anterior, cabe analisar as Zonas de Reserva Camponesa e Resguardos Indígenas, investigando se estes representam os rurais incompletos ou territórios alternativos.

Segundo Fajardo (2002), a ZRC é uma figura construída a partir das demandas de colonos de diferentes partes do país, devido aos processos de expulsão violenta sobre a propriedade da terra na Colômbia. As ZRC foram instituídas a partir da Lei 160 de 1994, a partir de mútuos compromissos entre o Estado e os colonos no qual: “El Estado titularía a los colonos en áreas sujetas a protección ambiental y protegería sus titulaciones, y los colonos se comprometerían a darle manejo sostenible a los bosques y demás recursos incluidos en la reservas” (FAJARDO, 2009:101). No início esta figura o que tentava era frear o latifúndio na Colômbia, mas estes planejamentos foram-se ampliando até se configurar em uma luta não só pela terra, senão pelos direitos sobre esta e o território.

As ZRC têm gerado conflitos, pois não mantem o *statu quo* do campo (FAJARDO, 2002), ademais estas comunidades camponesas também têm encontrado nesta figura “el instrumento mas adecuado para garantizar sus derechos, especialmente al territorio, a la tierra y a la seguridad jurídica de su tenencia” (ILSA; INCODER, 2012:15), onde lutam pela autonomia sobre a terra e embasam sua visão do território.

Desde a aparição da norma até a atualidade se tem constituído formalmente seis ZRC, localizadas nos limites das fronteiras agropecuárias, em regiões de conflito armado e de ausência estatal, o qual corresponde a um panorama que não é exclusivo do Pacífico colombiano, senão das muitas zonas rurais na Colômbia, nas quais se desconhecem os direitos sobre a terra e o território com a finalidade de transformá-la em capital (ILSA; INCODER, 2012). A isso os camponeses tem respondido com sua organização e luta histórica pela terra, representado nas ZRC, um meio para garantir a terra e futuro do campesinato colombiano.

Os Resguardos Indígenas, por sua vez, “constituyen territorios reconocidos por el Estado como propiedad de comunidades indígenas organizadas” (FAJARDO, 2002:104). Esses espaços foram criados no período colonial como iniciativa para preservar a população indígena sobreviventes a conquista, constituindo uma estratégia da Coroa Espanhola para a operação do sistema econômico. Os resguardos em seu início se estabeleceram nas regiões com maiores núcleos de população nativa, no centro, oeste e sul da região andina e em

algumas áreas do litoral do Caribe (FAJARDO, 2002:104). Mas com as lutas entre grandes proprietários e nativos as terras destinadas a Resguardos foram expropriadas, ocorrendo a redução dos Resguardos Indígenas, que foram os que sobreviveram à violenta expropriação pelos terratenentes.

No século XX, as lutas indígenas vão se consolidando e se organizando, focando na defesa do território indígena outorgado desde a colônia e na luta pelos direitos obtidos na Lei 89, de 1890, “considerada como una articulación entre el contexto conservador del régimen de la Regeneración y su Constitución de 1886 y la defensa indígena de los derechos aun preservados frente a las presiones de españoles y criollos”(MONDRAGÓN, 1997 apud FAJARDO, 2002:104)

Vale a pena ressaltar que a partir dos anos 1970 o movimento indígena se consolidou e criou entidades como o Conselho Regional do Cauca - CRIC³⁰ o qual fortaleceu o movimento no processo de recuperação de terras e de resgate da cultura indígena (FAJARDO, 2002). Na atualidade existem 408 Resguardos Indígenas distribuídos na região andina, no litoral do Caribe e na região amazônica, com uma população aproximada de 480.000 pessoas, que equivalem a 80% do total da população indígena colombiana e com uma área superior a 50 milhões de hectares (FAJARDO, 2002:104).

É importante destacar que todo o processo de luta pela terra por parte das comunidades indígenas, influenciou fortemente o caráter pluriétnico do país, o qual foi posto na constituição de 1991 e que lhe deu um caráter político, tanto às comunidades indígenas como as afrodescendentes. Esta forma de organização foi um exemplo para que as comunidades negras iniciassem um movimento de luta pelo território étnico no Pacífico colombiano o qual vem se consolidando nos últimos anos.

4.3. Na busca de conceitos para entender o espaço rural do município de Lopez de Micay.

Tem se abordado ao longo deste capítulo conceitos sobre espaço rural e a configuração do espaço rural colombiano, desde a perspectiva do modelo agrário colonial, passando pelo modelo agrário modernizante, o qual, na Colômbia tem se encontrado grupos de resistência

³⁰ Se menciona o CRIC porque esta foi a primeira entidade indígena que se criou no país e que mais adiante vai se transformar na Organização Indígena Nacional da Colômbia- ONIC, já que movimento indígena no departamento do Cauca e Nariño conta com os Resguardos Indígenas mais antigos e as comunidades mais organizadas em termos políticos.

ante este modelo hegemônico, refletido nas categorias dos Resguardo Indígena, Zonas de Reserva Camponesa e os Conselhos Comunitários das Comunidades Negras.

Pensar o território do Pacífico colombiano em termos teóricos e com base ao o saber científico tem dificultado sua articulação com o Estado e a economia do país, pois este território tem sido pensado desde a visão de planejamento e sem levar em conta o conhecimento de quem o habita. Por outra parte, tem se deixado claro no capítulo dois que a configuração do espaço rural na floresta tropical do pacífico e, mais especificamente, no município de Lopez de Micay é diferenciado e não se ajusta ao modelo agrário colombiano, pelo qual é preciso de ferramentas conceituais e metodologias alternativas às da ciência convencional para poder compreendê-lo, pois este se tem configurado como um contra-espaço (OSLENDER, 2010), ou seja, um espaço de resistência ante o capitalismo.

O geógrafo Ulrich Oslender (2008) entende o espaço do Pacífico como Espaço Aquático e a historiadora Margarita Serje (2011) entende estes espaços como Territórios de Fronteira, no qual atribui uma conotação histórica ao processo de implantação do modelo agrário rural desde tempos coloniais, o qual tem configurado espaços como o pacífico colombiano em fronteiras dentro do próprio país.

4.3.1. Territórios de Fronteira.

A historiadora Margarita Serje (2011), identifica na Colômbia o que tem chamado de Territórios de Fronteira. Segundo a autora a fronteira deve ser entendida “como concepto espacial colonial, apunta entonces a la existencia de líneas fijas inequívocas, que perfilan perímetros de carácter excluyente. Esta noción no se ha visto aplicada únicamente a los límites nacionales sino también a los límites culturales, llegando a asociar territorios étnicos con unidades biogeográficas”(SERJE, 2011, pg.148), como é o caso das comunidades negras na região Pacífica. É importante destacar que a noção espacial de fronteira está enraizada segundo as noções tradicionais europeias de compressão da história da espacialidade, o que quer dizer que segue uma lógica de oposição entre natureza e cultura (SERJE, 2011, pg.148), o que lhe confere carácter histórico, para a compreensão do espaço rural de floresta úmida tropical, o qual foi concebido desde os tempos coloniais como:

El conjunto de nociones asociadas al concepto occidental de frontera se vio condensado finalmente en la demarcación espacial de las zonas civilizadas apropiadas por la administración colonial, y las salvajes, tras las que se expresan la separación de un mundo amenazante sobre el que se proyectan por igual sueños y

pesadillas. Muchas de estas quedaron inmortalizadas con divisiones político administrativas, como la separación del piedemonte llanero de los altiplanos cordilleranos, dividiendo en ‘departamentos’ y e ‘unidades biogeográficas una región que evidencia una interacción continua desde épocas pre coloniales (SERJE, 2011, pg.151).

De maneira que as categorias selvagens – civilizado vão determinar o adentro e fora do novo mundo. O selvagem representado na floresta vai representar o oposto a civilização, “y más tarde a la razón: representa la oscuridad de lo ininteligible frente a la claridad de la ciencia y de la técnica, de la agricultura, la anarquía y el caos frente al orden de racionalidad, lo circular, femenino y dislocado frente a lo patriarcal, recto y ortogonal” (SERJE, 2011, pg.123).

A ordenação do território colombiano a partir desta interpretação colonial vai ser a que irá designar esses espaços “selvagem” de floresta, como terrenos baldios e devolutos, não reconhecendo aos “selvagens” nenhuma propriedade sobre a terra as quais cultivam, caçam, pescam e habitam, pois na lógica do modelo de agricultura hegemônica estas terras não são cultivadas, não sofreram a intervenção do homem e, muito menos, possuem articulação com o mercado. Essa situação de fronteira, então, condiciona os espaços de floresta à exclusão e ao esquecimento, uma vez que esses territórios não encontram-se integrados às lógicas produtivas do mundo euro-andino, onde a articulação à rede de rodovias, à circulação de mercaderia e o controle militar, pautam o nível de desenvolvimento, convertendo em periferias, “modernizaciones incompletas, o naciones en construcción, o como países en vías de desarrollo” (SERJE, 2011:21) na Colômbia e regiões como o Pacífico.

El mito-concepto de frontera sintetiza el conjunto de apelativos históricos con lo que estos espacios han sido conceptualizados y categorizados con fines, baldíos, territorios nacionales, y los recubre con el ‘efecto montesquieu’. En esa medida, pone en marcha el conjunto de estas estrategias territoriales, legitimando un punto de vista: el punto de vista urbano, modernizante y el colonial de las élites, en el que se reformula de manera velada la distinción colonial básica entre lo civilizado y lo salvaje (SERJE, 2011, pg.173).

Nesta lógica a agricultura praticada em espaços de floresta como o Pacífico, são invisíveis e ignoradas a luz das ciências agronômicas baseadas em outros princípios³¹ (SERJE, 2011), pois a produção no Pacífico e no município de Lopez de Micay

³¹ Esta se entiende, de nuevo en términos de las técnicas agropecuarias europeas, el arado, las divisiones y herramientas, etcétera, que fueron necesarias para un tipo particular de explotación de la tierra orientada a la producción para el mercado moderno, es decir al sistema de mercado regulado por los precios (SERJE, 2011, pg.101).

especificamente, não se dirige ao mercado moderno. Serje (2011), explica que este tipo de agricultura de floresta (baseando-se no modo de cultivo na Amazônia), se orienta a:

La reciprocidad o la redistribución, por otra parte, su configuración busca el aprovechamiento de la luz solar perpendicular de la zona ecuatorial (...) Por ello, su estructura es vertical, alrededor de agrupaciones puntuales muchas veces organizadas en espiral, a la manera de una escalera de caracol, creando varios estratos o niveles y combinando por tanto, una gran diversidad de especies” (SERJE, 2011, pg.101).

Da mesma forma no município de Lopez de Micay os modos de cultivos, de caça, de coleta e de pesca, responde a lógicas diferenciadas, de conhecimento da floresta úmida tropical e de uma relação homem-natureza, conforme descreve Serje (2011, pg 104) “todo ello va mucho más allá del aprovechamiento pasivo de la abundancia del medio, que es como coloquialmente se entiende el concepto de caza y recolección, es decir como opuesto a la cultura”.

Esta lógica colonial herdada, então, considera a floresta em si, por fora das ciências rurais e agrárias, e portanto, apresenta outro tipo de conotação, não agrária/rural, na qual é concebida como virgem, como espaço de reserva e proteção, “o pulmão do mundo”, ou como um lugar de recursos ambientais a serem explorados. Ao contrário deste discurso, a floresta é “el producto social de las sociedades que conviven con ellas, sin embargo, la cultura, tanto en el sentido del cuidado y producción de la tierra como en el sentido de organización social de los grupos de selva ha sido sistemáticamente organizada” (SERJE, 2011:104).

No município de Lopez de Micay a floresta tem uma organização que tem como eixo central os rios, e assim mesmo ela é usada, trabalhada, apropriada e simbolizada. A configuração destes espaços de floresta, longe de ser os espaços de civilizados segundo a perspectiva colonial, representam na atualidade espaços de resistência, que tem possibilitado “el desarrollo de sociedades de resistencia, relativamente autónomas, producto de nuevas alianzas y configuraciones” (SERJE, 2011:16). Assim, essa situação de fronteira ao mesmo tempo que invisibiliza e condena o desenvolvimento, também possibilita a criação de outras formas, de relações particulares do homem-natureza, relação esquecida pelo homem moderno.

Entretanto, o Estado colombiano em seu propósito por incorporar os territórios de fronteira ao geo-corpo do estado-nação (SERJE, 2011), por meio da exploração dos recursos

naturais e a implantação de um modelo agrário direcionado a monocultura do óleo de palma, como é o caso do Pacífico; tem causado um conflito pela terra e pelo território. Essa mesma terra que em tempos coloniais representava as zonas selvagem, incivilizadas, de solos inférteis, baldias etc., que hoje por suas características biofísicas e a oferta ambiental, se torna visível ante o capital e o mercado internacional para sua exploração, o qual tem gerado conflitos e violência, caracterizando-as como zonas vermelhas, onde predomina a lei do mais forte (SERJE, 2011). Isso mostra que estas zonas fogem do controle estatal e do projeto nacional hegemônico, por serem espaços que “ainda” não foram incorporados à sua ordem (SERJE, 2011). Essa situação permite a alguns autores afirmarem que na Colômbia há muito território e pouco Estado:

Estas ricas e inhóspitas regiones se han convertido a lo largo de la historia en el lugar de la historia en el lugar de refugio de poblaciones sobre las que se han operado un proceso de doble inversión, gracias al cual solo se las reconoce, o como potencial de conflicto, de ilegalidad y desafío, o como instrumento para el logro de los ideales de la sociedad urbana, ilustrada y sus intereses. O bien como sociedades cuyo potencial de violencia pone en peligro cualquier posibilidad de imprimir el orden, cuyos designios, por estar más allá de su comprensión, deben acatar sin cuestionar ni resistir. Evidentemente, el designio lo erigen quienes poseen la iluminación de la ciencia, de la técnica, de la economía: las clases urbana ilustrada, el ‘pueblo de poetas’ que se atribuye así mismo la herencia de los ojos imperiales. El doble proceso de inversión pone en evidencia que la diferencia es producto de la relación de dominación (y no al contrario). Se trata de un proceso que define las identidades la naturaleza de los sujetos, en función de una lógica que reivindica un punto de vista particular que niega a las poblaciones su propia continuidad geográfica e histórica y las inserta en lo real ubicándolas dentro de un contexto en particular: el de la empresa fundacional de la nación y del sistema de conocimiento que ha privilegiado para lograr la integración de una economía nacional articuladas al sistema global moderno, que , como señala Wallestein surge con la incorporación de las Américas al circuito comercial europeo en el siglo XVI” (SERJE,2011, pg. 259)

O município de Lopez de Micay é considerado um território de fronteira, por suas características biofísicas de floresta húmida tropical, pela violência armada, pela pobreza e invisibilidade, que o tem tornado na periferia da periferia na Colômbia. Esta invisibilidade ao mesmo tempo possibilitou a organização das comunidades negras, como grupo de resistência, que não apenas luta para preservar a natureza, senão que torna a natureza, a floresta húmida tropical como elemento essencial da reafirmação de sua cultura.

4.3.2. Espaço Aquático.

Oslender (2008), por sua vez, compreende a região Pacífica, como um “espaço aquático”, ao afirmar que as “relaciones sociales cotidianas entre las comunidades negras como condicionadas profundamente por diversos elementos acuaticos del entorno particular del Pacifico” (pg. 24), entendido este principalmente a partir do sentido de pertença ao rio, sendo esta, a territorialidade que estas comunidades tem construído ao longo dos séculos, pois por meio do rio se ordena o território e se dispõe espacialmente aspetos fundamentais da sua vida (OSLENDER, 2008). Um exemplo claro da influência do espaço aquático nas comunidades negras se reflete em seu ordenamento, como demonstrado no Capítulo Dois através da apreciação dos Conselhos Comunitários, elementos significativos de ordenação do território, cuja divisão político-administrativa tem como eixo principal o rio. Dessa forma denomina-se cada conselho comunitário com o nome do rio ao qual pertence (Conselho comunitário Playón do Rio Sigui, Conselho comunitário Integración do Rio Chuare, Conselho comunitário Manglares do Rio Micay). A figura 16 mostra os mapas mentais feitos pela comunidade do Bajo Sigui, pertencente ao Conselho comunitário Playón do Rio Sigui, pelo qual se pode apreciar com clareza o rio como característica central, tornando referência geográfica mais imediata por parte das comunidades negras, e que faz parte do imaginário de seu território em seu passado, presente e futuro. Assim o papel do rio, do mar e dos manguezais, faz parte da construção de identidades e de apropriação do espaço aquático:

Con espacio acuático quiero indicar los modos en que los elementos acuáticos como la constante presencia física o simbólica del mar, las intrincadas redes fluviales, las quebradas, las cascadas, los manglares, los elevados niveles de precipitación, las importantes variaciones en las mareas y frecuentes inundaciones a gran escala- han influenciado y dado forma de manera sustancial a los patrones de vida cotidiana en la región y la manera como se han desarrollado en la series específicas a las cuencas de los ríos del Pacifico(...) El espacio acuático, entendido como localidad, enmarca los escenarios formales e informales y las relaciones sociales que las comunidades negras han construido con el tiempo en sus respuestas adaptativas al entorno acuático y la manera como han tomado forma en el espacio, según una lógica acuática, por ejemplo, en los patrones de poblamiento a lo largo de los ríos (OSLENDER, 2008, pg.133)

Oslender também destaca que as comunidades negras não só se diferenciam etnicamente das outras comunidades étnicas presentes na Colômbia, como também se distinguem como movimento negro enquanto tem uma especificidade espacial diferenciada de outros movimentos negros na Colômbia e em outros lugares (OSLENDER, 2008, pg.31). O espaço aquático que se refere o autor vai além da ordenação espacial do território negro através dos

rios, mas, este, esta presente em todos os âmbitos, culturais, simbólicos, de praticas agrícolas e luta como movimento negro o qual o faz particular, único.

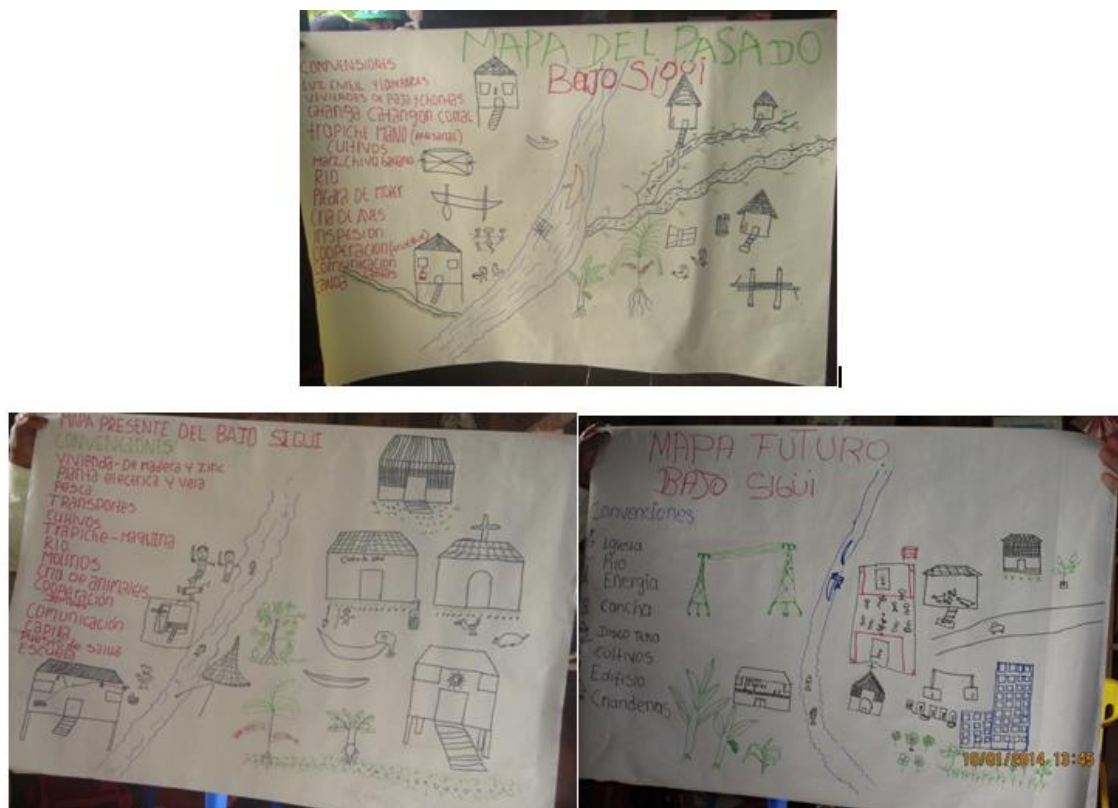


Figura 15: Mapas mentais da Comunidade do Bajo Sigui, Conselho Comunitário Playón do Rio Sigui. Os mapas mentais da comunidade do Bajo Sigui são parte de Fupad Colombia, projeto IRACA, DPS (Departamento de Seguridad Social), CCL.(Consejos Comunitarios Locais), nos qual se mostra os desenhos feitos pela comunidade de seu território no passado, presente e futuro, onde se aprecia eixo espacial, o rio, mas também as transformações que tem sofrido o território, e os elementos transformadores que no imaginário da comunidade desejaria ter presente, com é luz elétrica, prédios, entre outros como se mostra na terceira imagem. Organização: Autor.

Portanto, este espaço diferenciado pode ser entendido como *contra-espaco*, segundo os postulados teóricos da obra de Lefebvre (2006): A produção do espaço. “Na acepção ampla, os homens enquanto seres sociais produzem sua vida, sua história, sua consciência, seu mundo. Nada há na história e na sociedade que não seja adquirido e produzido. A “natureza”, ela mesma, tal como se apresenta na vida social aos órgãos dos sentidos, foi modificada, portanto, produzida” (LEFEBVRE, 2006: 106). A partir desta visão Lefebvre define três formas de produção do espaço: a.) práticas espaciais, b.) representações do espaço e, c.) espaço representacional, Oslender (2008) para conceituar o espaço aquático as define baseado na teoria de Lefebvre da seguinte forma:

- a) As práticas espaciais são as formas nas quais as pessoas geram, usam e percebem o espaço. As quais estão intimamente ligadas à vida cotidiana, às memórias e aos resíduos de vida mais antigas e diferentes, pelo qual leva a resistir à colonização de espaços mais concretos³².
- b) A representação do espaço faz referência aos espaços concebidos por uma lógica particular, de saberes técnicos e racionais, este faz referência ao saber científico, este representado no capitalismo contemporâneo, onde a lei do mercado como lógica dominante conduz a uma maior mercantilização da vida social.
- c) Espaço representacional, estes são formas menos formais e locais de conhecimento, que são dinâmicas e simbólicas e saturadas de significado.

Lefebvre (2006) indica que cada sociedade produz seu espaço, no sentido conceitual desta trilogia, o qual se deve olhar de forma interligada e interdependente (OSLENDER, 2010). Neste sentido, o espaço aquático representa um espaço de resistência. “En efecto, el lugar del Pacifico colombiano se convierte en el centro de la lucha por las representaciones del espacio” (OSLENDER, 2008:63), de forma que essa luta se reflete nas formas como as comunidades negras do pacífico percebem e representam o espaço frente ao poder hegemônico de mapear, o qual se tem reinventado com os SIG, mas que não tem implicado, necessariamente, a eliminação das formas de representações espaciais no Pacífico colombiano, já que, pelo contrário, ao serem estas tecnologias mais acessíveis tem possibilitado vitórias quanto à luta pela terra destas comunidades frente ao Estado.

O espaço aquático por tanto, se enquadra na trialetica do espaço de Lefebvre de forma que o rio representa o cenário físico do qual se dão as interações sociais cotidianas e que se baseia na articulação específica destas interações (OSLENDER, 2008). É assim, o território percebido e representado que dá lugar ao espaço aquático, o qual é físico, simbólico e político (ou seja, um espaço de luta).

Assim, para Oslender o espaço aquático transcorre desde o subjetivo (as relações que as comunidades negras estabelecem com o elemento água e o sentido de pertencer a um determinado ambiente aquático) e o objetivo (como a localização e os padrões de povoamento sobre as ribeiras dos rios). E também é o marco explicativo do lugar onde se geram “los

³² Os espaços mais concretos que faz referência Oslender (2008), é baseado no pensamento de Lefevre, o qual o representa o espaço acabado, definido pela ciência.

discursos y prácticas del movimiento social de comunidades negras” (OSLENDER, 2008:134). Assim o físico, o simbólico e o político se enquadram nos postulados de Lefebvre (2006), numa realidade particular, a do Pacífico Colombiano.

4.3.3. A Floresta tropical uma categoria espacial do espaço rural.

Todo o percurso teórico e histórico abordado deixa claro que o governo colombiano tem mantido uma visão tradicional da ruralidade que não leva em conta as complexidades do território colombiano, o qual não deve ser entendido somente a partir do sentido político onde se geram as relações entre espaço e poder institucionalizadas (HAESBAERT, 2014) senão numa “perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade com a própria natureza)” (HAESBAERT, 2014, pg.74)

Esta visão tradicional se expressa nas estatísticas nacionais:

El DANE (Departamento Administrativo Nacional de Estadística) tiene tres grandes categorías para reflejar los tamaños de las aglomeraciones poblacionales: “cabecera”, “centro poblado” y “rural disperso”. Los centros poblados y el rural disperso conforman la categoría “resto”, la cual ha sido tradicionalmente identificada como “lo rural”, mientras que la cabecera se haya identificada como “lo urbano”. Este es el origen de la conocida aseveración de que el 75% de la población del país es urbana, mientras que el 25% restante rural (PNUD, 201, pg.53).

Esta relação *cabecera – resto* distorce a realidade do campo e dos espaços rurais na Colômbia e no Pacífico caucano, já que a diferenciação entre rural e urbano se dá a partir do número de habitantes no censo de população que faz o DANE, sem considerar outros aspectos específicos de um espaço e de outro.

Por outro lado, o rural também é considerado a partir da perspectiva de integração com o mercado, conforme o evidencia o Informe Nacional de Desenvolvimento Humano de 2011-PNUD, ao propor os índices de ruralidade, que mostram a inserção aos espaços de mercado através da distância e rede de rodovias. Assim, as zonas que têm índices de ruralidade baixos são as que têm muito pouca articulação com o mercado e as zonas urbanas, como é o caso do Pacífico caucano. De maneira que o rural continua a ser definido a partir de critérios econômicos, mensurado através de sua inserção ao mercado.

Essas formas de conceber a ruralidade na Colômbia, não são suficientes para alcançar a compreensão da ruralidade no Pacífico, pois este rural que aponta o PNDU e o DANE, seguem as mesmas lógicas do planejamento, do capital e do mercado, próprias do saber

ocidental, que definem o espaço rural a partir de seus elementos objetivos, ignorando que a subjetividade também cria e re-cria o rural.

O que chamarei o espaço rural realizado³³ é aquele que considera o espaço rural em sua totalidade, em que o físico, o social e o simbólico é considerado para interpretar o espaço rural. Assim a floresta húmida tropical corresponde a uma categoria espacial do rural realizado, em que as construções simbólicas tem um papel importante na construção e ordenação do espaço rural, Mormont (1996) explica:

Nesses termos, se considera que a noção de rural corresponde a construções simbólicas pertencentes a diferentes universos culturais que lhes atribuem significados distintos. Através dessa classificação, é possível compreender a sociedade e construir uma representação do mundo social em torno do tempo e do espaço (Apud CARNEIRO, 2008, pg. 30).

Nesse sentido a ruralidade da costa pacífica, representa-se pela floresta úmida tropical, categoria de um espaço rural diferenciado, que se pode interpretar em três aspectos:

O primeiro aspecto considera a floresta úmida tropical como espaço concreto, o qual não se diferencia a partir de categorias dicotômicas rural-urbano, pois na teoria já abordada estas duas categorias existem quando se diferencia uma da outra. O Pacífico pelo contrário é considerado um espaço contínuo, onde as comunidades negras tem manejado historicamente este espaço com o “uso de estratégias alternativas de subsistencia en diferentes áreas naturales de acuerdo al ciclo anual complementados con su trabajo en los centros urbanos” (VARGAS; FERRO apud ARIZA, V. et al, 1999, pg. 76). Estes centros urbanos chamados de centros povoados no município de Lopez de Micay, só tem essa conotação de “urbano”, porque considera a concentração de habitantes em um mesmo lugar, assim o explica Antonio habitante de Lopez de Micay: “la gente ve como urbano lo que debería ser rural, para poder aumentar el recurso de la poblacion en la parte de Lopez de Micay que son como dos mil habitantes no mas, porque Lopez de Micay es eminentemente rural”(Antônio, fevereiro de 2014). De forma que ao considerar centro urbano os povoados rurais que concentram maior

³³ Define-se o “rural realizado” fazendo referencia ao que Bourdieu (1993), tem chamado como “categoria realizada”, e que Carneiro (2008) define como “categoria de pensamento, no qual “uma categoria de pensamento (político-ideológica e relacional) do mundo social” que define identidades e sustenta reivindicações” (30).

população, indiretamente também se aumentam os recursos que o governo disponibiliza para cada município.

Cabe destacar que a noção de centro povoado difere das categorias de ordenamento que o Estado tem estabelecido para diferenciar áreas rurais e urbanas, as quais correspondem a *resto* e *cabecera*, respectivamente. No município de Lopez de Micay se tem optado por definir os centros povoados como espaços que não tem população dispersa. Antônio explica também que estes centros povoados são considerados centros na medida em que, além das casas estarem unidas, estes tem a presença da escola, ou a igreja, ou em alguns casos a presença do posto de saúde, ou seja, todo centro povoado nas ribeiras dos rios em Lopez de Micay tem que ter a presença de alguma instituição, a qual projeta de alguma forma a ordem, Antônio também aponta que depois dos centros povoados se encontram comunidades rurais dispersas também assentadas ao longo do rio.

Esta forma de organização em centros povoados e comunidades rurais dispersas, também mostram a continuidade do espaço rural, em quanto sua organização espacial esta definida pela aglomeração de população e não por características que define rural ou urbano. A continuidade também se reflete na ordenação do território por unidades de paisagem, ou na classificação do território negro (capítulo dois), classificações que tem uma conotação mais simbólica do espaço rural, pois nestas se evidenciam a relação e conhecimento que a população tem com a floresta úmida tropical.

O segundo elemento diferenciador é a marcante conotação simbólica que os habitantes atribuem à floresta. Aqui a ruralidade é compreendida a partir do espaço vivido, pleno de significações, de mitos e de histórias locais, nesse sentido a floresta é concebida como o habitat onde se vive e não a natureza a ser explorada (OSLENDER, 2008). Portanto, é o poder simbólico (Bourdieu, 1989), que as comunidades negras exercem sobre este espaço rural, que permite ordená-lo, classificá-lo e dominá-lo. A esse respeito Bourdieu (1989) aponta: “Os sistemas simbólicos, como instrumento de conhecimento, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem” (pg. 9). Nesse sentido, a população negra do município de Lopez de Micay tem ordenado a floresta a partir de sua relação íntima com a floresta, o que permite classificá-la desde o elemento básico, a casa e o rio, da qual se parte para classificar a *pampa*, o *pátio*, o *monte amansado*, o *monte bravo*. No caso do rio como eixo espacial, se parte dele para classificar as unidades de paisagem: parte baixa, média e alta,

e os terrenos duros e *blandos*. São estes elementos simbólicos que os afrodescendentes têm criado a partir de sua cosmovisão para ordenar o espaço. A esse respeito German Primera (2005), tem proposto a termo *cosmoterritorialidade*:

La vivencia del territorio también es una cosmovisión que entreteje significados vinculantes entre las personas y la metáfora del arraigo: un sentido para el grupo, la comunidad, la vida productiva, la vida recreativa. Ser parte del río y al mismo tiempo sentir como propio este entorno significado a través del río. Los afrocolombianos habitan ese lugar rural a nivel físico y simbólico, erigiéndolo como su patrimonio natural más importante, referente de identidad, así como la vida construida en sus riberas ha generado conocimientos propios, generadores de tradiciones de vida básicas para la existencia en ese lugar (apud OCAMPO et al. 2013, pg.55).

Na mesma direção, o terceiro aspecto se orienta a explicar a floresta como um elemento de identidade, que transcende as categorias de urbano/rural, *cabecera/resto*, na qual se tem uma apropriação pelo espaço principalmente pelos rios, o referente mais importante para os negros do Pacífico.

O espaço aquático (OSLENDER, 2006), então, tem um papel fundamental na construção de identidade, já que é o fator de identificação no Pacífico:

Una parte de esa naturaleza, de ese paisaje, resulta fundante en la vida de los afrocolombianos, en el lugar al que pertenecen y del cual se siente originarios (...) el río es la referencia más inmediata para un afro; cuando habla de sus orígenes no se refieren a un pueblo o vereda en particular, menciona al río correspondiente en cuyas orillas viven (...) en el río se desarrolla la vida de los afrocolombianos, su cotidianidad; es el lugar donde cocinan, se bañan, se lavan y se recrean las personas, espacio donde se transita y se consigue el alimento (OCAMPO et al. 201, pg.54).

Esta identidade também se apresenta nas formas organizativas, na conformação dos conselhos comunitários e titulação de terra coletiva (ARIZA, V. et al, 1999). Ao mesmo tempo a floresta se apresenta “como a inscrição espacial da memória coletiva e como uma referência indenitária forte” (WANDERLEY, 2000, pg. 117).

Wanderley (2000) ao se referir ao rural como categoria de pensamento anota o seguinte:

O rural é uma categoria de pensamento do mundo social, que é, ao mesmo tempo, uma categoria “político-ideológica” e “transaccional”. Por ela, é possível “compreender a sociedade”, “classificar e distinguir as pessoas e as coisas” e “construir uma representação do mundo social em torno do espaço e do tempo”. Representação social que, sem dúvida, gera fatos sociais, faz emergir identidades sociais, mobiliza e organiza socialmente pessoas e grupos sociais em torno de reivindicações específicas e ressignifica a história das sociedades (pg. 130).

É nessa direção que se pode reconhecer a floresta húmida tropical como uma categoria do espaço rural, a qual se foi configurando desde os tempos colônias como territórios de Fronteira (SERJE, 2011) e caracterizada pela continuidade espacial que apresenta seu simbolismo e identidade, elementos que criam o espaço rural das comunidades negras do Pacífico caucano, e que hoje, também, configura-se como um espaço de luta.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A costa Pacífica no Cauca, habitualmente descrita por sua diversidade biológica, por sua importância ambiental, por seu nível de conservação e por estar habitada por comunidades negras e indígenas, também é caracterizada pela pobreza e violência, o que a configura como uma região única. Sua história e sua geografia tem explicado sua conformação territorial, seu isolamento e descaso em relação à sua pouca ou nula articulação com o Estado-Nação, o qual, e ao mesmo tempo, possibilitou a conservação de uma rica cultura ancestral e a preservação de seus saberes e tradições a respeito do espaço da Floresta úmida tropical, suas formas particulares de uso da terra, suas técnicas e seus cultivos e seu conhecimento sobre a dinâmica natural da floresta, tem permitido que as pessoas negras vivam, trabalhem e mantenham-se neste espaço no decorrer do tempo.

A partir do contexto estudado retoma-se a questão norteadora da pesquisa: Como se pode configurar e caracterizar dentro do contexto presente a ruralidade do Pacífico Sul da Colômbia?

Na busca por compreender a ruralidade no Pacífico Caucano, se apresentaram as ferramentas teórico-metodológicas que em primeira medida geraram uma discussão sobre a Cartografia Social e o mapa como elemento de poder. Pois se partiu da contextualização histórica do mapa e uma discussão sobre sua função e seus diferentes usos, no qual se evidencia uma divisão entre a elaboração de mapas convencionais e não convencionais, sendo este o marco para introduzir a temática da Cartografia Social como uma metodologia participativa. Esta metodologia usada no transcorrer do trabalho de campo, que junto com entrevistas e mapas mentais, enriqueceram a compreensão do espaço estudado, mostrando que os mapas elaborados manualmente pela comunidade do município de Lopez de Micay privilegia o saber local, e que estes mapas posteriormente sistematizados por meio dos SIG, também podem cumprir com as regras de medição e precisão da cartografia convencional. Esta elaboração manual de mapas foi um processo onde se desenham os territórios a partir de outras perspectivas e desde outras dimensões espaciais, conseguindo assim, a compreensão da dinâmica das relações agrárias que se geram na área de estudo.

Por outra parte, outro dos elementos de análise que levaram a dar uma explicação a Ruralidade em Lopez de Micay foi por meio da história agrária colombiana, descrita desde suas características de violência, exploração, despojo, deslocamento forçado, abandono e

descaso de alguns territórios que não fizeram parte do projeto nacional no decorrer de seis décadas de guerra pela terra e pelo narcotráfico. O Pacífico neste contexto agrário, nas últimas década, tem sido protagonista, pois os abusos aos direitos humanos ao qual a população civil está exposta constantemente, se deve em grande medida ao potencial de riqueza natural que apresenta, sendo este objetivo do capital, que com ajuda de grupos à margem da lei, e do próprio governo tem semeado o terror por todo o litoral Pacífico.

Neste contexto, a pesquisa se propôs analisar e reconstruir com a comunidade negra do município de Lopez de Micay o conceito de Ruralidade, o qual só foi possível indagar a partir do saber local e dos processos incessantes de viver nos limites epistêmicos do sistema moderno/colonial (ESCOBAR, 2010:29), de onde a ruralidade é interpretada. Dessa forma, os conceitos de Espaço Aquático de Oslender (2008) e Territórios de Fronteira de Serje (2011), foram conceitos norteadores para considerar a Floresta úmida tropical do Pacífico Caucano como uma categoria espacial, vista desde seu conjunto de significações e identificações, que se materializam neste espaço de floresta. Essa categoria espacial talvez, e como indica Serje (2011), possa ser mais que do uma categoria ou conceito, senão o âmbito de um “verdadero dominio epistemológico, a través del cual se hace posible visualizar la forma en que la alteridad se produce espacialmente, a través de un proceso de estatización y de erotización de lo local, de lo territorial”(308).

Aliás, esta forma de ruralidade que se tem estudado através de sua história, de sua conformação territorial, desde a construção de uma memória coletiva e da cartografia social, ao privilegiar o conhecimento local das pessoas negras que habitam a bacia hidrográfica do Rio Micay, mostra que “além do conhecimento científico, existem outras formas de conhecimento e mesmo que o conhecimento está no mínimo, inscrito na vida (bios) e, mais ainda, que esse pensamento atomístico-individualista que opera por dicotomias é mais característico desse pensamento moderno europeu do que do “pensamento selvagem” (PORTO, 2003, pg. 220).

É necessário destacar o papel da Cartografia Social como ferramenta e metodologia, a qual tornou possível aos participantes percorrer o espaço aquático, a floresta em suas imaginações, numa espécie de apropriação mental de seu território, o qual oportunizou a discussão dos problemas que a comunidade enfrenta, possibilitando a ressignificação do território (OSLENDER, 2006) e a produção do conhecimento.

Essa construção de conhecimento através do saber local, também é uma crítica ao pensamento de modelo ocidental, o qual com seu discurso e implementação da modernização, que no Pacífico gera-se através da violência e da ameaça de destruição do território negro, tem provocado mudanças no espaço da floresta, o qual tem repercussões frente às construções simbólicas dos negros do Pacífico.

Essa insensibilidade nos instrumentos da modernidade não só tem criado uma tensão entre tradição e a modernidade, senão que tem quebrado com as temporalidades que as comunidades negras têm, devido a sua forte ligação com a floresta (OSLENDER, 2006, pg.254). Já que os tempos e fluxos estabelecidos pelos negros se pauta através das marés sendo este um referencial dotado de significado, o qual pode desaparecer na medida em que a mineração e outras atividades modificam o espaço, ou na medida em que a tradição oral se vê ameaçada ante a chegada de outras formas de conhecimento, que exclui o saber local sobre a dinâmica da floresta. “Así, por ejemplo, categorizaciones sociales como las de *monte bravo* y *monte biche*, por ejemplo, con la sexuación y gramáticas culturales asociadas, desaparecen para transformarse en reinscripciones y resignificaciones frente a la inusitada inscripción espacial del monocultivo” (RESTREPO, 2013, pg. 267) de óleo de palma ou palma africana.

Finalmente o que se gera neste estudo é um diálogo de saberes entre um pensamento acadêmico de corte ocidental e o proveniente de una cultura étnica distintiva: a das comunidades negras do Pacífico. Onde se é possível “defrontarmo-nos com a emergência de matrizes de racionalidades outras tecidas a partir de outros modos de agir, pensar e sentir” (PORTO, 2002, pg. 220). Racionalidades essas, que marcam a emergência de territórios epistêmicos que se resinificam e que criam outras formas de ver o mundo.

6. REFERENCIAS.

ACSELRAD, H; RÉGIS, L. **Disputas territoriais e disputas cartográficas.** In: _____ (Org). *Cartografias sociais e Território.* Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Cap 1, p. 13-43.

AFONSO, P.C.S. **Novas ruralidades nos pequenos municípios no norte do estado de Minas Gerais.** In: V Simposio internacional de Geografia Agraria, & VI Simpósio Nacional de Geografia Agrária questões agrárias na panamazônia no século XXI: usos e abusos do território, SINGA, 2011, Pará: anais artigos. Pará: editora, UFPA, pg. 1-16. Disponível em: http://singa2011.ufpa.br/index.php?option=com_content&view=article&id=25&Itemid=16.

ALMARIO, O. **Dinámica y consecuencias del conflicto armada colombiano en el Pacífico: limpieza étnica y desterritorialización de afrocolombianos e indígenas y ‘multiculturalismo’ de Estado e indolencia nacional.** In: RESTREPO, E; ROJAS, A. (Eds.). 2004. *Conflicto e (in) visibilidad: Retos en los estudios de la gente negra en Colombia.* Popayán: Editorial Universidad del Cauca. Pg. 74-120, 2004.

ALTIERI, M.; TOLEDO, V. **La revolución agroecológica en Latinoamérica: rescatar la naturaliza, asegurar la soberanía alimentaria y empoderar al campesino.** In: Sociedad científica latinoamericana de agroecología (SOCLA), v. 38, n. 3. p. 3-34, Julio 2011.

AUED, W.B.; VENDRAMINI, R.C. **Educação do campo. Desafios teóricos e práticos.** In: AUED, W.B.; VENDRAMINI, R.C. (Org.): *O campo em debate,* Florianópolis: Insular, 2009, pg. 25-40.

ARIZA, V. E; CHAVARRO, P. M; VARGAS, P. **Paisajes vividos, paisajes observados: la percepción territorial en la zonificación ecológica del pacífico colombiano.** Bogotá: Editora Gente Nueva, 1999.

BARONA, B.G. **Economía colonial y archipiélago regional.** In: BARONA, G., GNECCO, C. (Eds.) 2001. *Territorios Posibles.* Popayán. Editorial: Universidad del Cauca, pg .170-185, 2001.

BARTH, F. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Tradução de John Cunha Comer Ford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BELTRÁN, CH, J.W. **Análisis espacial de la vía Panamericana, como eje de aglomeración de factores de desarrollo en el departamento del Cauca.** 2012. 109 f. Trabajo de graduação (Graduação em Geografia), Universidad del Cauca, Popayán, Cauca, 2012.

BOURDIEU, P. **O Poder simbólico.** Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989.

CÁRDENAS, H; MARÍN, Á. **La biodiversidad es la cabalgadura de la muerte.** Bogotá: travesía ediciones, 2006.

CARNEIRO, M. J. "Rural" como categoria de pensamento. In: Revista do Centro de Estudos Rurais-RURIS, v.2, n. 1, março de 2008.

CHAPIN, M. et al. **Mapeo de tierras indígenas**. In: SALAMANCA, C; ESPINA, R. (Compiladores). Mapas y derechos: experiencias y aprendizajes en America Latina. Rosario: UNR Editora, 2012. Cap 1, p 13-49.

CHECCHIA, C. **Terra e Capitalismo: a questão agraria na Colômbia 1848-1853**. São Paulo:Alameda, 2007.

CRAMTON, J; KRYGIER, J. **Uma introdução à cartografia crítica**. In ACSELRAD, H.(Org) Cartografias Sociais e Território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Cap 4, p. 85-111.

ELIAS, D. O meio técnico científico informacional e a reorganização do espaço agrário nacional. In: MARAFON, J. ; RUA J. ; RIBEIRO, A. Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2007, pg. 49-66.

ESCOBAR, A. **Desplazamientos, desarrollo y modernidad en el Pacifico colombiano**. In: RESTREPO, E; ROJAS, A. (Eds.). 2004. *Conflicto e (in) visibilidad: Retos en los estudios de la gente negra en Colombia*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca. Pg. 53-72, 2004.

ESCOBAR, A. **Territorios de diferencia: Lugar, movimientos, vida, redes**. Primera edición en español: Enviñ editores, octubre de 2010 Traducción: Eduardo Restrepo, Popayán: Samava Impresiones,2010.

FAJARDO, M. D. **Territorios de la agricultura colombiana**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2009.

FAJARDO, M. D. **Para sembrar la Paz, hay que aflojar la tierra**. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2002.

FERNANDES, B.; Formação e territorialização do MST no Brasil: 1979-2005. In: MARAFON, J. ; RUA J. ; RIBEIRO, A. Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007, pg. 139-168.

FOX, J. et al. **O poder de mapear: efeitos paradoxais das tecnologias de informação espacial**. In: ACSELRAD, H.(Org) Cartografias Sociais e Território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Cap 3, p. 71-83.

GONZÁLES, M. H.; HUACUJA, I.M. (Org). Nueva Ruralidad enfoques y propuestas para America Latina. Mexico: Centros de estudios para el desarrollo rural sustentable y la soberanía alimentaria Camara de Diputados LX Legislatura/Congreso de la Union, 2006.

GRAJALES, S.; ANAGUA, A.; OCHOA, K.; CONCHEIRO, L.; Las construcciones teórico conceptuales sobre la nueva ruralidad. In GONZÁLES, M. H.; HUACUJA, I.M. (Org). Nueva Ruralidad enfoques y propuestas para America Latina. Mexico: Centros de estudios para el

desarrollo rural sustentable y la soberanía alimentaria Camara de Diputados LX Legislatura/Congreso de la Union, 2006. pg. 30-69.

HALBWASCHS, M. **La memoria colectiva**. Traducción de Inés Sancho Arroyo. Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2004.

HARLEY, B. **Hacia una deconstrucción del mapa**. In: LAXTON, P. (compilador). La nueva naturaleza de los mapas. Cap 5, p. 185-207, 2005.

Instituto Colombiano de Desarrollo Rural -INCODER.
Disponível em: <http://www.incoder.gov.co>. Acesso em: fevereiro de 2015.

ILSA - Instituto Latinoamericano para una Sociedad y un Derecho Alternativos; INCODER - Instituto Colombiano de Desarrollo Rural. **Las Zonas de Reserva Campesina: elementos introductorios y de debate**. Bogotá: Editorial Gente Nueva. Colombia 2012

JOLIVEAU, T. **O lugar dos mapas nas abordagens participativas**. In: ACSELRAD, H.(Org) Cartografias Sociais e Território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Cap 2, p. 45-70.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd.Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LÉVY, J. **Uma virada cartográfica?** In ACSELRAD, H. (Org.) Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008. Cap 6, p. 153-167.

LYNCH, K. **La imagen de la ciudad**. Barcelona: Gustavo Gili SL, 2008.

MACHADO, A. El problema de la tierra en Colombia y desarrollo humano en el sector rural (Relatoria). In: Sectores Sociales Populares para la Paz en Colombia. **La cuestión agraria en Colombia: tierra, desarrollo y paz**. Bogotá, D.C.: Planeta paz, pg. 27-31, 2012.
http://www.hss.de/fileadmin/americalatina/Colombia/downloads/cuestion_agraria.pdf

MARTÍNES, P. **Ley de víctimas y restitución de tierras en Colombia en contexto: un análisis de las contradicciones entre el modelo agrario y la reparación a las víctimas**. Berlin: Forschungs- und Dokumentationszentrum Chile-Lateinamerika (FDCL), Transnational Institute (TNI), 2013.
<http://www.tni.org/sites/www.tni.org/files/download/martinez-ley-de-victimas-web.pdf>

MASOYER, M; ROUDAR, L. Historia das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea, São Paulo: Editora UNSP; Brasília, DF. NEAD, 2010.

Ministerio del Interior y Justicia, Republica de Colombia. Ley de Victimias y Restitución de Tierras, 2011. Disponível em: <http://www.unidadvictimas.gov.co/normatividad/LEY+DE+VICTIMAS.pdf>. Acesso em: Janeiro de 2015.

MOREIRA, J. Configurações de poderes urbano-rurais fragmentos de discursos e práticas. In: MARAFON, J. ; RUA J. ; RIBEIRO, A. Abordagens teórico-metodológicas em Geografia Agrária. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2007, pg 67-95.

MOREIRA, R. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas**. São Paulo: Contexto, 2012.

MOREIRA, C. da S. Agricultura alternativa e sustentabilidade: o caso do assentamento novas vidas em Ocara, Ceará. 2004. 112 p. Dissertação (Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente.). Universidade Federal do Ceará. Ceará, 2004. Disponível em: <<http://www.prodema.ufc.br/dissertacoes/109.pdf>> Acesso em 17 jul. 2013.

OCAMPO, P. M; CHENUT, C. P; FÉRGUSON, L. M; MARTÍNEZ, C. M. **EL río: ritmo y fuente de la vida. De las riberas del Atrato a la construcción de lugares de encuentro en Bogota: Caso afrocolombiano desplazados reubicados en la UPZ Tibabuyes, Suba, Bogota, D.C.** Bogotá: Universidad Externado de Colombia, Departamento Administrativo de Ciencia, Tecnología e Innovación (COLCIENCIAS), 2013.

OFFEN, K. **O mapeas o te mapean: Mapeo indígena y negro en América Latina**. In: Tabula Rasa, revista de humanidades, n.10, p. 163-189, 2009. Disponible em: <http://link.periodicos.capes.gov.br>.

ORTEGA, H. **Demografía**. In: Barona, G; Gnecco, C. (Eds). 2001. *Territorios Posibles*. Popayán. Editorial Universidad del Cauca, pg. 97-108. 2001.

OSORIO, C. [Entrevista disponibilizada em 23 de abril de 2014 a Internet] 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Argvm5umN9Q>. Acesso em: Janeiro de 2015.

OSLENDER, U. **La búsqueda de un contra-espacio: ¿hacia territorialidades alternativas o cooptación por el poder dominante?** Geopolítica(s): revista de estudios sobre espacio y poder, vol. 1, núm. 1, 95-114. 2010.

OSLENDER, U. **Geografías de terror y desplazamiento forzado en el Pacífico colombiano: conceptualizando el problema y buscando respuestas**. In: RESTREPO, E; ROJAS, A. (Eds.). 2004. *Conflicto e (in) visibilidad: Retos en los estudios de la gente negra en Colombia*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca. Pg. 35-52, 2004.

OSLENDER, U. **Comunidades negras y espacio en el Pacífico colombiano: hacia un giro geográfico en el estudio de los movimientos sociales**. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia ICANH, 2008.

PERALTA, A.J.A. **De lo “doméstico/manso” a lo “lejano/arisco”. Un recorrido por la cartografía simbólica del territorio negro del Chocó**. Revista ANTIPODA, Bogotá, n. 14, p.113-137, 2012.

PEREZ, E. E. Nueva Ruralidad en Colombia. In GONZÁLES, M. H.; HUACUJA, I.M. (Org). Nueva Ruralidad enfoques y propuestas para América Latina. México: Centros de estudios para el desarrollo rural sustentable y la soberanía alimentaria Cámara de Diputados LX Legislatura/Congreso de la Unión, 2006.pg 77-121.

POLLAK, M. **Memoria, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTO, G. C. W. **Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades**. In CECEÑA, Ana Esther; SADER, Emir (comps). La guerra infinita Hegemonía y terror mundial. Buenos Aires: CLACSO, pg. 217-256, 2002. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cecena/porto.pdf>

Plan de desarrollo municipio Lopez de Micay. Para volver a crear 2012 -2015. Alcaldia municipal de Lopez de Micay.

REIS, D.S. O Rural e Urbano no Brasil. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf. Acesso em 17/06/2013.

RESTREPO, E. **Economía y simbolismo en el Pacífico negro**. Tesis de Antropología. Facultad de Ciencias Sociales y Humanas, Universidad de Antioquia. 1996.

RESTREPO, E. **Etnización de la negritad**: La invención de las comunidades negras como grupo étnico en Colombia. Popayán: Universidad del Cauca, 2013.

RESTREPO, E. **Biopolítica y alteridad:dilemas de la etnización de las colombias negras**. In: RESTREPO, E; ROJAS, A. Conflictos e (in) visibilidad. Retos en los estudios de gente negra en Colombia. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2004.

PNUD. 2011. Colombia rural. Razones para la esperanza. Informe Nacional de Desarrollo Humano 2011. Bogotá: INDH PNUD.

RODRIGUEZ, A. A. Enfoques de la nueva ruralidad en Brasil. In GONZÁLES, M. H.;HUACUJA, I.M. (Org). Nueva Ruralidad enfoques y propuestas para America Latina. Mexico: Centros de estudios para el desarrollo rural sustentable y la soberanía alimentaria Camara de Diputados LX Legislatura/Congreso de la Union, 2006 pg. 127-150.

ROMERO, D. M. **Los pueblos de afrocolombianos**. In: BARONA G., GNECCO, C. (Eds.) 2001. *Territorios Posibles*. Popayán. Editorial: Universidad del Cauca, pg .362-372, 2001.

SANTOS, M. S. dos. **Memoria colectiva e teoría social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, M. Economía Espacial. Criticas e alternativas. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. A Natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão emoção. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SERJE. M. **El Revés de la Nación. Territorios Salvajes, Fronteras y Tierras de nadie**. Bogotá: Universidad de los Andes, 2011.

SLETTTO, B. (Ed.). **Cartografía Participativa y derechos al territorio y los recursos; memorias del foro internacional**. Instituto de Estudios Latinoamericanos de la Universidad

de Texas (LLILAS) y la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de los Andes, Bogotá: 2011.

SLETTTO, B. et al. **Territorialidad, mapeo participativo y política sobre los recursos naturales: La experiencia de América Latina.** Cuadernos de Geografía revista colombiana de Geografía, Bogotá, vol. 22, n. 2, p. 193-209, 2013

SUÁREZ, G. Reforma Agraria en Colombia: Una aproximación desde la academia 1986-2002. In: MACHADO, Absalón (Coord.) **La academia y el sector rural 2.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, pg. 165-212, 2004.

WANDERLEY, M. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o “rural” como espaço singular e ator coletivo. Estudos Sociedade e Agricultura, 15, outubro 2000, Pg. 87-145.

WEST, R. **Las tierras bajas del Pacífico colombiano.** Tradução Claudia Leal Bogotá, DC. Julio del 2000.

7. ANEXOS.

ANEXO I – División Política Administrativa -Resguardos Indígenas

TABLA 1. DIVISIÓN POLÍTICO ADMINISTRATIVA – RESGUARDOS INDÍGENAS

ITEM	CODIGO	RESGUARDO	PUEBLO
1	1750	Playita San Francisco	Eperara Siapidara
2	1751	Playa Bendita	Eperara Siapidara
3	1134	Iguana	Embera
4	1560	Isla del Mono	Eperara Siapidara
4	1173	Calle Santa Rosa	Embera

Fuente: Sistema de Consulta DANE 2010

ANEXO II - División político administrativa Municipio de Lopez de Micay.

TABLA 2. DIVISIÓN POLÍTICO ADMINISTRATIVA

RIOS	ITEM	CORREGIMIENTOS	POBLACIÓN
RIO MICAY		Cabecera Municipal	3.432
	1	San Antonio de Chuare	1.390
	2	Zaragoza	858
	3	Nohanamito	820
	4	Boca Grande	719
	5	San Isidro	677
	6	Rotura	660
	7	Guayabal	556
	8	El Coco	390
	9	San Antonio de Gurumerndy	369
	10	Taparal	357
	11	Santa Ana	318
	12	El Trapiche	316
	13	El Chiquero	312
14	Candelaria	218	
POBLACION RIO MICAY			11.392
RIO NAYA	1	Agua Clara - Golondro	540
	2	San Francisco Adentro	513
	3	Sagrada Familia	488
	4	La Concepción	471
	5	San Pedro	397
	6	Betania	330
	7	Dos Quebrada	317
	8	San Bartolo	264
	9	El Cacao	260
	10	El Trueno	230
	11	Las Pavas	227
	12	Las Cruces	215
	13	San Fernando	210
	14	Calle Larga	204
POBLACION RIO NAYA			4.666
RIO SIGUI	1	Bajo Siguí	328
	2	Santa Cruz de Siguí	644
POBLACION RIO SIGUI			972
RIO JOLI	1	Jolí	743
POBLACION RIO JOLI			743
RIO CHUARE	1	Naicióná	267
	2	Playa Grande	398
POBLACION RIO CHUARE			665
INDIGENAS	1	Playita San Francisco	513
	2	Playa Bendita	398
	3	Iguana	361
	4	Isla del Mono	89
	5	Calle Santa Rosa	162
POBLACION INDIGENAS			1523
POBLACION TOTAL			19.961

Fuente: Planeación municipal 2011

ANEXO III - Entrevistas.

Entrevista 1.

Audio numero : 012619131100

Febrero de 2014

Entrevistados: Abundio Campaz Paredes, Alexis, Evaristo, Engelberto.

Entrevistadoras: Jessica Wendy Beltran; Franci Garcia Arboleda.

Abundio: Porque la acabaron?, por en el Ecuador cortan allá cortan la raíz, allá con machete...

... Que esta concha es de Colombia,

Engelberto: la piangua que se de ...

Alexis: En Ecuador hay piangua sino que la piangua de cada lugar es de un estilo

Abundio: estamos de acuerdo

Alexis: si la piangua ecuatoriana es mas pequeña y negra, en Ecuador ellos sacan como se saca acá, 15, 20 docenas, se ve una piangua que no vale lo que vale la de acá

Engelberto: La piangua ella fija directamente ..., la piangua entra ..

Abundio: pa allá iba es verdad que la piangua entra

Engelberto: la piangua entra del mar...la piangua entra fuera del mar

Abundio: Si la piangua entra por que los pesqueros no cogen?

Alexis: Los pesqueros han cogido piangua mar afuera

Engelberto: Todos los días las piangueras viven pisoteando en algún lugar, hoy llegaron y barrieron ahí, sacaron toda la piangua que hay ahí, y van mañana y vuelven y encuentran en el mismo lugar, porque? Porque con la marea vuelve dentro y se queda ahí.

Alexis La piangua ella dentro porque está en la puja(marea alta) , porque este raicero(Manglar) no tiene nada, y en la puja valla cuenta, hay piangua al pizo y el raicero sino lo cuentan no tiene piangua, pa que uno dice que de pronto aquí vamos acabar la piangua porque están conchando, la piangua la acaban si la sacan con producto desbaratandola...

...En Ecuador hay empresas, digamos o asociaciones de concheros,uno todas la mañanas los ve saliendo, y hay , sino que ya es normal la piangua, de Guapi hacia acá es la piangua de nosotros de Guapi hacia allá, Mosquera, san (...),

Entrevista 2.

Áudio numero: 012715510100

Febrero de 2014.

Entrevistado 1.: Abundio Campaz Paredes.

Idade: 74 años.

Ocupação: Agricultor.

Entrevistado 2.: Arcenio Celorio

Idade: 48 años.

Ocupação: Agricultor.

Origem: Noanamito- Municipio de Lopez de Micay.

Entrevistadoras: Jessica Wendy Beltran; Franci Garcia Arboleda.

Franci: cuando usted hablo de los principales productos que cultivaba son la caña y el coco, en qué lugares se cultivan estos dos productos?

Abundio: la caña río abajo y el coco si en el mar

Franci: en el mar, porque en el mar?

Abundio: porque allá se da mejor

Francy: Cual es la característica debe tener el suelo para que el coco se pueda dar?

Abundio: arena, mas arena que barro.

Francy: y la caña?

Abundio: La caña si se da en cualquier parte.

Francy: la caña si se da igual en terrenos arenosos?

Abundio: bueno no le voy a mentir, porque es que casi en la parte arenosa no, la caña se siembra acá en partes angostas...

...la caña se siembra en esta parte ósea en esta tierra por decir algo, el coco también se siembra da pero no se da igual que en terrenos arenosos.

Francy: Cuales son los tipos de suelos que usted identifica? Por ejemplo ahora hablaba de los arenosos, como arcillosos, que otros tipos de suelos usted puede identificar?

Abundio: Mira es que los suelos aquí, por decir allá hay un tipo de suelo diferente del de acá, porque? Porque allá nosotros echamos lo que es basuras, el tema de que es de orgánica, lo que sea, diferentes tierras negras, ahí es un suelo diferente, allá se siembra un producto y se da con mucha más facilidad que si se siembra acá, porque es un suelo con mayor materia orgánica, lo que acá no lo hay. Y el suelo arenoso el que tiene en barro y arena, como también hay partes que tiene arena sola

Francy: Cuales son la herramientas que usted utiliza para cultivar?

Abundio: Machete, hacha y pala

Francy: Cual es el procesos para cultivar coco?

Abundio: Cuando es tierra en barro, drena y sanja, para el agua. En la tierra arenosas no se usa sanja...

Para sembrar por ejemplo diga usted en una tierra como esta que es barro, hay que meterle sanja cada 8 metros, 7 o 8 metros para que el agua pueda perfilar, cada 7 8 metros de sanja a sanja , ahí se necesita pala, hacha y machete.

Jesica: hay algún momento en que dejan descansar el suelo o es permanente el cultivo del coco por ejemplo?

Abundio: No. Uno hace los drenajes y deja pasar un tiempo y siembra el coco a dos metros del drenaje hacia allá

Francy: Después de los drenajes que paso sigue para sembrar coco?

Abundio: Lo normal irlo limpiando

Francy: después de que se siembra la planta que se hace?

Abundio: Si no se da no se da no sirve.

Francy: Qué tipo de plagas ataca al coco o a la caña?

Abundio: el cucaron al coco

Francy: Cuales son las medidas que ustedes toman para contrarrestar?

Abundio: Aquí realmente es así, si se murió una palma siembra otra

Francy: Que variedades de coco usted cultiva?

Abundio: Típico uno

Francy: Que característica tiene?

Abundio: Es el más grande. El Variedad, el mediano a veces calza por típico, y el manila...hay otro que se llama cartagenero.

Arcenio Celorio: cartagenero que es manila mismo, pero es verdecita la palma y casi no carga la palma.

Francy: Cual es el tamaño de la palma dependiendo de tipo de coco

Abundio: Primero la palma del típico del grande es más gorda, ese es el típico, el mediano o variedad que llamamos nosotros, la palma es... a veces según como se desarrolle tiene uno que se desarrolla grande, por ejemplo ahora que cogimos el variedad pero el variedad

pequeño, tiene un variedad que es más pequeño y otro que es más grande. Y el manila es más bajita la palma y más pequeño el coco.

Francy: Tiene en cuenta las fases Lunares para cultivar coco?

Abundio: Nosotros acá, por acá en la costa sembramos siempre en lo que es la menguante, porque se dice que la menguante la tierra tiene más fuerza.

Arcenio Celorio: y se trasplanta la mata. Si es en luna está más débil se va a morir,

Abundio: Usamos acá más que todo las mareas, en el interior la gente siembra con las fases de la luna, es que la marea camina con la luna.

Jesica: en ménguate como estaría la marea?

Arcenio Celorio: Cuando esa la marea por ejemplo media vaciante la luna esta oculta, cuando esta la marea o por ahí llena, subiendo la marea, la luna esta buena.

Abundio: Pero hay una diferencia que de departamento a departamento...

...las aguas trabajan con las fases de la luna.

Francy: y de pronto para sembrar Coco ustedes también tienen encuesta los periodos de invierno y verano?

Abundio: dependiendo del... aunque lo aconsejable es el verano para sembrar.

Jesica: Cuanto tiempo demora la palma en crecer y en producir?

Abundio: mira según el terreno, porque el manila por ejemplo, le pone cuatro años para tener coco.

Francy: Después es una cosecha cada cuánto?

Abudio: ahí si como usted cuando pare el primer hijo, sigue pariendo....

.... El típico demora más, según el terreno también, en la arena demora menos que en

Francy: Cuanto tiempo, cuantos años?

Abundio: Por ahí seis

Arcelio Celorio: Seis, siete años dependiendo del terreno, en tierra arenosa a veces a los seis años ya ..

Abudio: Está cogiendo cocos.

Arcenio Celorio: Como la tierras es un poquitico pesada, y no está bien drenada..

Francy: Pero entonces si estos, una vez que hace su primera cosecha, se está dando cada..?

Abundio: cada todos los días..

Francy: osea que no hay tiempo para que el coco...

Arcelio Celorio: con la primera, por ejemplo uno aprovecha cada dos meses, cada dos meses carga o cada mes también.

Abundio: es que el problema es ese uno coge el coco pipa (el coco en su estado biche) o uno coge el coco pipa que ya está seco, y el que viene atrás del seco;

cuando yo voy a los ocho días ese ya está seco y el otro que viene ..eso es como una rutina

Francy: Entonces usted más o menos programa el tiempo de cosecha según la cantidad que quiera recoger?

Abundio: Bueno, no tanto que quiera, ya el promedio que ya este, por ejemplo hoy si yo cojo un racimo de coco seco, yo se que dentro de 15 días un mes ya hay coco seco otra vez

Francy: Dependiendo del número del palmas que tenga sembrada

Jesica: Y la palma tiene una edad de vida? Digamos que ella ya no produce más.

Abundio: no no, la palma no es como las mujeres, vea yo conozco palmas de coco, no les miento , vea yo conozco palmas de coco, yo voy para los 75 años y mi papa compro unas palmas de coco y yo tenía por ahí unos 8 años tal vez .

A medida del tiempo el coco se va volviendo más pequeño eso si tiene y ya no es ese coco grandototote .Si se muere ya no da más cocos.

Jesica: Y el caso de la caña?

Abundio: La caña se muere cuando uno deja de cultivarla

Francy: Cuál es el proceso que se realiza para siembra la caña, desde que se siembra hasta que se adecua el terreno hasta que se cosecha

Abundio: Esa usted sembró y a los tres meses ya a rosar a limpiarla pues, cultivarla y a los seis meses ya alcanza para cortar, nosotros acá no cortamos como se corta de una vez , acá se corta la que esta caída, la que esta jecha la más caída.

Francy: Que se hace con el resto de la caña?

Abundio: Con esa se para guarapo y sacar biche...
...del guarapa uno saca el biche.

Jesica: Que otro producto?

Abundio: miel, cocada, panela.

Francy: Cuantos tipos de caña hay?

Abundio: aquí está la blanca, la pijota y tenemos la guadua y la otra es la morada,

Francy: La morada es la misma negra?

Abundio: No la morada es la que tiene unas rayitas blancas por aquí y otra rayitas moradas por acá, y la morada morada si es morada

Jesica: Y la guadua es la que usted dice que es...

Abundio: La valluna es la pijota, es la caucana

Francy: Ahh la de azúcar

Jesica: Cada variedad tiene una función diferente?

Abundio: No no no, entre todas la más dura es la pijota es más mas...

Francy: Como es su corteza es más blanda dura?

Abundio: Un poco dura, ..pulpa, la cascara...es más dura que la blanca

Francy: Entonces la que uno se come así normal es blanca?

La blanca y la negrita es la más blandita

Jesica: Para sembrar la caña tiene algún tipo de abono?

Abundio: se siembra así no más, la gente casi no usa abono

Jesica: No se dio, buscan otro lugar para sembrar. Dejan descansar el suelo después de que siembran la caña?

Arcelio Celorio: Hay cañales que existe desde que uno no pensaba venir al mundo, y después yo cultivando ahora, hay un cañal que yo tengo que ir a limpiar ...y según me dice la dueña que eso esta y yo no había nacido

Francy: en qué meses se da la caña?

Arcelio celorio: cuando uno quiera

Francy: En qué medida afecta el clima los cultivos, la caña? La sequía, la lluvia..

Abundio: A quien el clima es variable

Arcelio celorio: Aquí lo único q tiene es que cuando.....?

Francy: Cual es el sabor de la caña?

Arcelio celorio: La que se siembra allá abajo es salada, entre dulce y salada

Abundio : en el mar

Francy: Pero la que está bajo la influencia de la sal

Arcelio: exactamente

Jesica: ósea que dependiendo de la influencia de la marea los productos van a quedar salados

Francy: Esa que es entre salada y dulce para que me sirve?

Arcenio: Esa es la del viche esa es la original

Jesica: Y esa cuál es? Tipo blanca?

Abundio: La colorada

Jesica: Ósea cualquier tipo que se siembra allá que está bajo la influencia de la marea, es buena para el biche

Jesica: La cañana y la palma de coco siempre han sido lo que se ha sembrado desde..

Abundio: Mas que todo la caña, la caña ha sido la materia prima en este lugar, la caña y el maíz, le coco también pero muy poca, el coco es de ahora. El coco se dio cuando vino el programa de incora..se comenzó a dar crédito para sembrar coco..entonces el incora se retira y la gente sigue sembrando coco y el banco también prestaba ...

Jesica: pero dejaron de sembrar maíz?

Abundio: Se ha dejado de sembrar maíz, ayer hablábamos con el dueño , el maíz que se sembro ...

Francy: Porque ya no producen? Eso no es rentable?

Abundio: Es que el maíz..antes el maíz se sembraba y yo recuerdo mi papá iba a vender ...raposo en esos mismo rio cultivan el maíz..ya no hay demanda..Venía a comprar maíz ..hoy por hoy ya no es rentable

Francy: Que otro producto que usted halla sembrado y que tenga el conocimiento, cual es el proceso?

Jesica: La papa china desde antes se sembraba? Igual que la caña y el maíz?

Abundio: La papa china es ahora, alrededor de unos ..

Francy: Pero si la han comido?

Abundio: de vez en cuando, pero no me gusta.

Francy: que tal es el terreno donde se siembra ese producto?

Arcelio: En la tierra negra

Jesica: Esa es la tierra más abonada, esa donde está, acá o en las colinas?

Arcelio: Aquí se consigue

Jesica: Esa se siembran mas en las tierras bajas que en las colinas

Arcelio: Se siembra más en la tierra baja, que en la colina, en las colinas se requiere de abono y uno por no abonar.

Jesica: Ahh porque en las tierras bajas esta mas abonado.

Abundio: Y aquí tampoco no hay colinas. Cuando yo venía de Tumaco, yo veía esas plataneras tan bonitas, pero son abonadas. Abonadas porque no se dan si abono.

Francy :Hay personas que hablan de un terreno apto para el plátano, para el banano , que queda allá en la montaña que se llama peña molida, no se da ese tipo de suelo

Arcelio: acá si hay lomas pero ...la mayoría de lomas tiene ese tipo de suelo, uno encuentra rocas, un poquito de piedra, y tierra bien bacana.

Francy: tierra ...que color presenta?

Arcelio: la tierra, lo que es entre piedra barro, y roca, amarillo y negro

Francy: Y esa necesita abonarse?

Arcelio: esa no necesita abonarse, esa usted rompe y es negrito , lo que hace uno es que siembra la mata, no la esconde tanto luego la siembra ahi..ahi no necesita drenaje ni nada

Francy: que otro producto que usted tenga conocimiento de cómo se siembra, nos puede hablar?

Arcelio: los más..el banano, la papa china, el coco , la caña

Francy: Cuales son las etapas de un cultivo?

Arcelio: Es si varia, por lo menos el plátano en ocho o diez meses más o menos

Francy: Y después de que carga cuánto tiempo?

Arcelio: Después de carga después de esa cosecha y cuando viene

Abundio: Tiene primero la mata grande, pero atrás de ella viene otros hijos

Francy: Pero cómo? Como salen?

Abundio: la mata trae unos hijos, la mata a los lados ...

Francy: De pronto existió o existe una costumbre del pasado de unir un árbol específico con un hijo en particular, para que las personas tengan las cualidades del árbol?, es que yo he escuchado de algunos procesos que realizan algunas comunidades negras en todo el pacifico, entonces por ejemplo , lo que hacen es agarra el ombligo , no sé yo he escuchado de ombligado, ambligado, entonces si existe de pronto eso

Abundio: Yo tengo algo que es al contrario, que uno lo ombligaban con determinadas cosas , ve por ejemplo, según la historia mi abuelo, peleo en la guerra de los mil días , se decía que allá mi abuelo estuvo en un rio que se llamaba ...no sé dónde queda eso , y allá mi abuelo trajo algo , como se llama eso? Se lo heredo a mi papá, lo que yo no sé si mi papa lo hizo o no lo hizo

Arcelio: Yo estuve en un rio donde utilizan una madera para obligarlos, utilizan el guayacán y el cipre, allá la mayoría de la gente lo ombligan con el guayacan o el peje sapo.

Francy: Como lo hacen y cuál es el proceso que realizan y para qué?

Arcelio: Es para que la persona se fuerte, raspan ..del guayacan ..y le pone en el ombligo

Francy: Como le hacen con el pejesapo?

Arcelio: Pejesapo, guardan la quijada y la raspan, por eso allá el 90% de la gente es mordelona, es directamente para eso ..

Francy: Y la personas como son, ellos muerden?

Arcelio: Cuando hay un problemas...

....hubo una señora que en un tiempo era muy buena amiga mía, y se agarró con un señor y fue necesario mandarlo en un carpas y mandarlo sal hospital para que lo remendaran.

Francy: Los dos?

Arcelio: si los dos, los dos dañados

Francy: Por acá no han escuchado ese tipo de prácticas, que lo hayan practicado sus abuelos

Arcelio: yo que haya visto que haya oído por acá no

Francy: Sobre mareas que nos pueden decir?, sobre los conocimientos que ustedes tienen, cuales son los tipos de mareas, cuando sube, cuando baja.

Abundio: La puja y la quiebra

Arcelio: Aca la puja y la quiebra

Francy: Cual es la característica de la puja?

Arcelio: Es que es más grande, el agua sube más, hay una puja grande y una pequeña. La grande se dice porque la puja sube mucho más.

Francy: más o menos cuantos metros sube la puja

Abundio: También hay otra cosita, los días de puja el agua amanece vaciando, bajando pues . en la quiebra amanece subiendo, ahorita estamos en puja, el agua amaneció vaciando

Francy: Cuanto tiempo demora subiendo y cuánto tiempo demora bajando?

Francy: Cuales son las actividades que se realizan con las diferentes mareas?

Abundio: El viaje y la pesca..los primeros días de puja

Francy: Por qué?

Abundio: Porque rinde más la pesca,

Arcelio: Porque mueve más el pescado, porque la ideología de uno, la forma de pensar es que en la quiebra el pescado se empurra se mantiene tranquilo por ahí, en la puja comienza a salir

Francy: A salir de sus lugares donde han estado

Arcelio: Exactamente

Jesica: La puja es cuando va esvaciando el rio, no? Sube y el rio va esvaciando

Francy: Como se comporta el agua del rio? Sale o entra?

Abundio: lo que pasa es una cosa, por ejemplo allá en López no se sabe cuándo es puja o cuando es quiebra, acá es donde llega la marea , entonces uno ya sabe que cuando esta esvaciando y le digo hasta cuando es la puja

Francy : Pero si usted no mira el almanaque, no sabría cuando es puja

Abundio: Cuando el agua esta esvaciando ...Los mejores días para la pesca , en enero fueron el 4, el 5, el 6 el 14. Acá dice que los días para la pesca en febrero son: el 3 , el 4 , el 12, el 13 y el 14.

Francy: Cuales son los lugares que ustedes identifican en el mar para pescar?

Arcelio: Mar a fuera

Abundio: Mar afuera tira la malla y cae cualquiera

Francy: Utilizan o no los bajos para pescar?

Abundio: Los chinchorros

Francy: En mar afuera con que se pesca?

Arcelio: Con el mayador

Abundio: O con el anzuelo

Jesica : Como seria mar adentro , mar a fuera?

Abundio: Voy a contradecir esa palabrita, que entiende usted por mar afuera?

Jesica: Donde no hay...la orilla

Abundio: Segundo yo, cuando uno está dentro del mar esta mar adentro

Francy: Estamos entre mar afuera y mar adentro

Abundio: Es al contrario cuando uno está adentro del mar está dentro del mar , y sale del mar, esta mar afuera

Francy: En que tipo de marea ventea mas

Arcelio, Abundio: En la puja.

Francy: En la puja ventea más? Hacia dónde va el viento?

Arcenio: Dependiendo, sur, norte, suroeste, cualquiera de los cuatro lados

Francy: Usted como sabe por ejemplo que un viento es suroeste?

Arcelio: Por ejemplo yo estoy en el mar, y agarra un poquito de este lado hacia la orilla igual son , porque el viene del sur hacia acá, y si me agarra de allá viento de abajo como llevándome para fuera, ese es noroeste.

Francy: Y como ustedes utilizan el viento, para que les sirve?

Arcelio: Cuando uno anda con vela, le va corre para ese lado, dependiendo para donde valla

Abudio: Va para riba le sirve el viento del norte, si va para dentro para la casa para acá es sureste.

Jesica: Si va subiendo es del norte, si va bajando para acá el sur

Abundio: Si va salir de aquí para fuera coge el oriente donde nace el sol, acá le decimos viento de tierra.

Arcelio: Por lo menos viento que demora, como el caso del viento del sur, es bueno para uno echar el mayador, llega uno y tan tan tan tan , pero como ese viento se demora , no es más rápido a la hora de levantar el mallador tiene problema pues porque va encontrar de .

Francy: Ustedes saben que viento es cuando están cargando la brújula?

Arcelio: O cuando uno está mirando orilla

Abundio: a mí me paso una vez cuando estaba pescando por Tumaco, cuando estaba pescando tortuga son las que le dicen caguama , eso se pescaba y uno era vender al Ecuador, se quemaba uno 15 galones de gasolina, sin brújula, sin copas sin nada.

Arcelio: Estaba en alta mar como dicen por ahí.

Abundio: Estaba metido en el mar yo, le cuento que una vez salimos hermano y se vino un viento de abajo, era un viento norte , con el sureste nos ponía a un lado ..y eran las tres de la

tarde y viajábamos tres , yo dije muchachos vamos que ..Dele máquina, dele maquina...no se mira tierra (...) estábamos perdidos, no quedamos sin agua, lo peor del ser humano es quedarse sin agua, comenzaron a tomar agua salada, y yo dije, el primero que se muera lo boto al agua, porque yo no voy a cargar muerto aquí. Entonces, mis niñas, anohecimos en el mar, amanecimos en el mar, volvimos amanecer en el mar, tres días, tres noches, yo no me voy a morir de hambre , llevábamos eso lleno de tortugas, y yo aquí como tortugas, vivas, pero yo me las como (...) habíamos cazado pescado y chau chau chau, me toco comer pescado crudo, y a los tres, cuatro días una lancha! Ya estaba la noticia de unas personas perdidas en el Ecuador, Colombia, y nos dijeron Hey! Ustedes eran los perdidos?, nos dieron gasolina, galletas, gaseosa, nos estaban buscando!...adivine donde estábamos? En el Ecuador!, llegamos allá vendimos las tortugas, tres días perdidos por Tumaco.

Francy: Dependiendo de la herramienta para pescar , por decir algo con el chinchorro que se pesca, con las mallas..?

Abundio: con el chinchorro se pesca cualquier especie, todo lo que va caer en el mar ..la malla el que va pasando,

Francy: En que época se da la subienda?

Abundio: Acá no existe

Francy: No se supone que los peces suben de acá del manglar hacia ...

Arcelio: No no no, los peces de agua salada son de agua salada, no tiene vida en el agua dulce, algunos como la cachina y el gualajo que se pueden criar en el agua dulce y aquí también..

..pero el pez del mar es del mar ...La subienda se da en el rio.

Francy: Hasta que parte sube la marea aquí?

Entrevista 3

Audio numero: 0016

Fevereiro de 2014.

Entrevistado: David Ardila.

Idade: 64 anos.

Ocupação: Agricultor e medico tradicional.

Origem: Município de Lopez de Micay.

Entrevistadoras: Jesica Wendy Beltran; Francy Garcia Arboleda.

David: He trabajado en empresa del gobierno, trabaje en le ministerio de educación, trabaje en el municipio como guardián como director de la cárcel, como director de la UMATA, como técnico agrícola, me he dedicado a tantas cosas

Francy: Y actualmente a que se dedica

David: A descansar a estar en la casa

Francy: cuál es la experiencia que ha tenido como la obtuvo sobre la plantas

David: Sobre las plantas si, en la trayectoria que mi mama curaba, nos alentaba atreves de la plantas medicinales entonces nosotros ahí aprendimos, entonces ..para que sirve cada planta?

Francy: Nos podría contar que plantas utilizaba su mama, que enfermedades, cuál era el proceso que ella hacia desde que sembraba la planta hasta el uso que le daba a la planta, como se las aplicaba a usted, que partes de la planta utilizaba, en donde conseguía la planta, con la agarraba, si la agarraba en que época, mejor dicho es contar todo.

David: Bueno, como campesino que he vivido en la selva del López del Micay , las plantas que tiene sus propiedades curativas , por ejemplo tenemos el yanten para curar el hígado, hojas de yanten , se amasa o se tritura y se le da a alguien que le duela el hígado, eso es para limpiar y desinflamar.

Tenemos otras plantas curativas para los riñones se llaman los canceres, hay siete tipo de canceres, ..eso es mata

Jesica: Se encuentra solo en López?

David: En toda Colombia, si tenemos los canceres, para curar los riñones, se suma se amasa y se le da en té, se les da el agua rosadita, es para tener alivio sobre los riñones, durante 9 días.

Francy: Cuanto tiempo uno debe dejar descansar el cuerpo, después de los 9 días?

Francy: El tiempo que usted requiera, de acuerdo a los alivios, siempre se le dice al paciente que se acueste boca abajo para que le descansen los riñones, también se utiliza una corteza que se llama amagua que nace en estera, y el tipo cuando vaya a voltearse de boca debajo, boca arriba tiene que estarse dentro de la estera, tirado así en el suelo en el piso con la estera, ya...

...con eso se curan los riñones y no hay necesidad de médico.

También otra planta para curar los riñones para sacar los cálculos de los riñones se llama limoncillo, limoncillo el que sea hembra no el que sea citronela, sino limoncillo que sea más delgadito.

Francy: y como uno sabe cuál es el hembra y cuál es el macho?

David: lo tiene que conocer, porque hay uno que la hembra es más pequeño es más delgadito , la mata no es grande es más pequeña..

...entonces se hace infusión, se está tomando eso y eso le mata los cálculos de inmediato

Francy: en cuánto tiempo?

David: infusiones puede ser 15 o 20 días, ya, hasta que le desaparezca y ahí mismo lo va expulsando por la orina.

Cuales son la propiedades, para el hígado, el sauco, yanten. El sauco es cocido, lo mismo el yanten crudo.

Francy: Cual es la parte que se toma del sauco?

David: Las hojas, también cura la tos

Francy: Y para la tos se cocina también?

David: Se cocina ..y otra propiedad que tiene el eucalipto, es cocido.

Francy: Pero el eucalipto no se encuentra por aquí cerca?

David: Eso es de lo frio, por allá por el lado de Popayán

Francy: Los tipos de cáncer, cuales son?

David: Hay uno que es redondo

Francy: Redondo en la hoja o el tallo

David: En la hoja, la variedad es en las hojas, hay otro que es largo, hay otro que es más larga la hoja, mirándola. Acá tenemos doña Juana también, para curar el colon.

Francy: Como usted clasifica las plantas? En amargas, dulces, calientes, frías...?

David: las plantas amargas son propiamente para curar el hígado, no solamente el yanten y sauco, hay otras propiedades como el amargo Andrés, la planta netamente en el centro de la selva de López del Micay, de lo caliente, principalmente del López del Micay..también sirve para curar víbora, mordeduras de víbora. Estamos rodeados de muchas plantas medicinales.

Francy: Cual otra clasificación que usted tenga presente, que utilice para curar cualquier enfermedad o un grupo de enfermedades

David: Se dice que las planta unidas sirven hasta para curar el hipo, la fiebre tifoidea, se las voy a dar en un conjunto, un poco amargas para matar la fiebre: amargo Andrés, sauco, hojas de guaco..

Francy: El guaco donde se consigue?

David: Allá en la selva, son de montaña alta, son netamente de la selva, es n vejucos que sirven para todas las enfermedades para cura víbora e incluso para curar la diabetes, son plantas amargas.

Jessica: Esa que están en la montaña en la selva son amargas?

Si, son muy amargas

Jessica: Pero en la montaña encuentra otras dulces?

David: Se encuentran otras dulces.

Francy: De pronto usted usa la categoría de frías o calientes para curar alguna otra enfermedad?

Esas hiervas son más comunes en fusiones, hervirla y tomarla, se puede meterse en algo y tomarla.

Francy: Porque se le llama calientes?

David: Es que hay unas plantas que son nacidas, desarrolladas, creadas calientes, ósea en clima caliente, no son de clima frío, acá tenemos una cantidad de plantas de lo caliente, eso son bejucos, también tengo otro bejucos que se llama la gran uña de gato, es de acá y ese bejucos sirve para curar 70 enfermedades

Francy: Como cuáles?

David: puede curar la diabetes, mejor dicho etc, cantidades de enfermedades, las que usted puede poseer en su cuerpo..póngale cuidado ese es un bejucos oriental de la china, pero ese bejucos no es solamente de la china porque acá lo hay

Jessica: la misma especie?

David: Es la misma especie, porque ese tiene una uña como de un gato, en las ramas son uñas y el tallo como esa palanca pero es una enredadera bastante grande, se crece hasta el

Francy: Se asocia a un tipo de árbol o se crece así solita?

David: se tiene que asociar a un tipo de árbol, como el frijoles de enredadera y eso se va subiendo y usted utiliza eso hasta alguna cierta parte

Francy: En qué tipo de árbol se ve específicamente?

David: De acuerdo a donde se ve, en árboles grandes puede ser guamo, puede ser cedro, puede ser de todos esos árboles, o también se arrastra por el suelo por dentro de la maleza

Francy: En que época se agarra?

David: Todas las plantas se agarran a través de la luna menguante, un cuarto menguante, un cuarto menguante hasta el día de luna llena

Jessica: Para usted ir las a sacar de la selva?

David: si para ir a sacarlas de la selva, si usted la coge...

Jessica: En la época de luna nueva?

David: No sirve

Jessica: El efecto que ella haga en mi cuerpo no va ..

David: No va estar muy baja, se coge en luna llena, de la luna llena hacia adelante

Francy: Que ya comienza la menguante

David: Pero si es en un cuarto de menguante es mucho mejor, porque tiene mucha fuerza está muy dura la planta, esta fértil, sirve para toda clase de remedios.

Francy: Si yo me enfermo en luna y me dan el remedio en esa época?

David: no, eso no tiene problema

Francy: Pero se sabe que no va a tener el mismo efecto de las plantas

David: Si, hay muchas propiedades, hay muchas plantas que se emplean para cocina, tenemos el orégano, el poleo, para expulsar paracitos...cilantro. Orégano, poleo y cilantro, esas plantas se cogen y se...y paico. Se mezclan y se cocinan y se le da a la persona que tiene que tenga parásitos

Francy: Y se concina que cantidad?

David: La cantidad que usted vea necesario para eso

Francy: Y lo que se concina en el día, se toma en el día.

David: Si quiere la coloca para estar tomando durante tres días

Francy: Y si se agarra en menguante se puede agarrar en cualquier hora del día?

David: Se puede dejar, se puede hasta secar, se puede trasladar de un lugar a otro, no importa

Francy: No importa la hora

David: Si, pero el problema es la menguante, en la menguante esta todo fértil

Jesica: Y uno para ir a la selva?

David: Estamos en la selva, estamos en López del Micay, que es López del Micay, un municipio diga?, pero la cabecera del López del Micay, se llama san Miguel del Micay. Municipio de López del Micay y san miguel del Micay cabecera municipal del López del Micay es una península que está rodeada de agua por todos lados, menos por donde se une la península con el continente ya..López del Micay es un centro que lo rodea la selva , cerros pa todo lado, montaña , usted mira allá, tenemos el cerro de san pedro, acá tenemos san Gerónimo , acá tenemos frete de López del Micay , estamos en el centro de la selva, por eso el que llega aquí no se enferma, López del micay es un pueblo saludable, que da salud no enfermedades , aquí nos protege mucho el agua, como todo el ambiente, aquí se respira aire puro. El que viene aquí a López del Micay va y vuelve. Porque creo que no hay una parte más saludable que López del Micay , porque usted sabe que es meterse en medio de na selva, sabe? Que nace cantidades de misterios, cantidades de cosas, cura todas las malas energías, porque la montaña le absorbe todo eso. Si viene flaco se engorda, también aquí la alimentación es muy buena.

Francy: Tiene conocimiento sobre algún mito o alguna leyenda asociado a algunas plantas?

David: si, tiene su mito, por ejemplo, usted quiere ser curada más rápida, toma la planta y la sacude, le dice planta yo la necesito para curar mi enfermedad o cura la enfermedad de fulano de tal. No la corta, sino que como decir en una forma de poda le va arrancando bajito hasta dejar la planta que vuelva a nacer a desarrollarse, sin matarla. Entonces esa planta tiene una propiedad tiene un mito tiene una leyenda

Francy: Y porque no se debe cortar la planta?

David: Para que no se debilite, cuando nosotros cortamos debilitamos y lo mismo las plantas, las planta si no se cortan tiene aún más poder, que si se cortara

Francy: Estaríamos hablando que tendría un poder curativo mayor?

David: Mayor

Francy: que si yo cogiera toda la planta o donde ella se corte, saque las hojas y lo demás lo bote

David: Ahí ya no, porque estamos destruyendo hasta la misma planta, ya, entonces todo tiene sus dones, se dice que el espíritu que acompaña las plantas, es el espíritu de Dios, y hay plantas muy misteriosas. Tenemos un bejuco que se llama tilde, este es un bejuco que usaron los aborígenes y con ello se iban hasta las profundidades de la tierra, miraban la riqueza que había y así fácilmente las podían explotar, es más tiene una espiga

Francy: Diga usted reza alguna cosas cuando va curar con las plantas?

David: No apenas se les dice lo que va tomar con la planta para curar

Francy: Se le habla a la planta

David: Claro

Jesica: Con las plantas se cura también brujería, cosas así?

David: Las plantas sirven para todo, si usted está, como dicen esta brujeado, hechizado, hay planta que existen hasta para sacar espíritus

Francy: Cuales son esas?

David: ya le dije el escancer en su forma, una de las variedades del escancer , se toma para cura espantos , para sacar espíritus, en todo lo que hablamos nosotros todavía el ser humano a través de las diferentes religiones, casi no se conoce bien casi no se conoce en sí mismo , porque nosotros como seres? Decimos que somos seres humanos materiales, diga, y yo diría que somos seres humanos espirituales, como se llaman ustedes

Francy: Francy

Jesica : Jesica

David: Ustedes son mujeres espíritus

Francy: Por qué?

David: porque al nacer a todos nos ponen su nombre desee lo alto del todo poderoso, por eso somos seres espirituales, el único ser en la vida que puede comunicarse con todos es el hombre, mujer hombre, las mujeres tiene más poderes cuándo? Cuando les llega la menopausia, que se le acaba el periodo. la línea del saber espiritual sí, es la parte mejor de la mujer , es una cosa muy grande por eso se dice que la mujer a la edad de los cuarenta años, según espiritualmente entra a la segunda juventud.

Jesica: Pero que es lo que se rejuvenece, solo es el espíritu que se rejuvenece?

David: No y la mujer el cuerpo, la persona ya paso por una etapa de cantidades de experiencias, y ya sabe si lo hace, lo tiene lo que quiere, todo le es posible. Ahí la mujer empieza a descubrir cosa que no descubrió en tiempos de su juventud

Paltas frescas..

Francy: Las aromáticas

David: Bueno que colocamos las frescas o las aromática?

Jesica; Francy: la dos

Francy: Háblenos un poquito de cada una

David: Bueno la plantas frescas sirven para refrescar el cuerpo, cuando uno muchas veces esta acalorado por dentro, entonces se baña por fuera para que el cuerpo empiece a descansar a tener un ambiente mejor, tenemos la malva para bañarlo, tenemos también la malva rosa, tenemos la majaguito, tenemos la balsa, el peine mono, todas esa hiervas ...

Francy: Yo pensé que el peine mono era un tipo de madera

David: es un tipo de madera, pero se cogen las hojas se amasan, y eso da como una baba. Las aromáticas son como la menta, la hierba buena, tenemos la albaca del niño,

Francy: Cuantos tipos de albaca conoce usted?

David: Varias como unas siete u ocho..

Francy: Cuáles son?

David: Albaca menuda, albaca del niño, una que le dice duende, hay otra albaca crespita, la morada crespita, la de comer morada, la de comer la blanca, son aromáticas la hierba buena, la menta, son aromáticas.

Francy: Sobre botellas curadas que nos puede decir

David: Las botellas curadas son de las mismas plantas, de acuerdo como la vaya hacer

Francy: Que enfermedades se curan con la botellas curadas, porque botellas curadas y no de la forma que nos hablo ..

David: Bueno, las albaca para una botella curada para mujer, que no le dé a luz, que no le es fácil para tener familia, o si tiene mucho paspo cuando ya paren, que quedan lactando, que quedan medias malucas, entonces se le hace una botella curada, se le da el cilantro en grano, ahí se le agrega a la botella canela, clavo, anís, alucema, masanillan, altamisa, ajenjo, y la hierba de la mujer

Francy: Cuál es?

David: ahí está, porque no estamos en la montaña, la hierba de la mujer, osea la hierba de la matriz, ustedes tiene una planta y esa planta tiene todo lo de la mujer abajo, haga de cuenta usted ver una vulva, tomar una vulva y examinarla, tiene todo todo todo, esa hierba sirve, echarla en una botella con aguardiente para sacar el frio, la bascosidad de la matriz, y ahora si queda en estado de fertilidad cuando le venga la regla, ella misma da para la abundancia de la regla para que así el cuerpo de esa mujer quede fértil , a no ser que sea estéril porque si es así no quiere familia ni porque le echen lo que le echen

Francy: Entonces porque hablan de botellas que sirven para la fertilidad?

David: Por eso, esas son las botellas, pero hay unas mujeres que han venido a este mundo para ser esteril, por castigo.

Jesica: Como uno se da cuenta que es fértil por castico o que es poco fértil?

David: cuando es poco fértil si, Para eso son las botellas, porque si no le dan eso también se esteriliza, que dura es tener una mujer o haber una mujer que desea tener familia, y muchas veces la ciencia medita no alcanza lo que es la botánica, la botánica es más dura, es más neta

Jesica: Esa planta que usted dice de la mujer solo está en la montaña?

David: Por aquí uno sale y la hay, le monta casería y le sale.

Jesica: Mi mama me ha dicho que hay plantas que no todos las pueden ver que no todos las pueden coger porque son escurridizas en la montaña o en la selva.

David: Si por lo menos hay una ruda de montaña que esa no se anda viendo, el amargo Andrés es una planta como secreta, usted pasa así como tocándolo y pasa directo y no la ve, hay plantas que tiene su misterio. Esta montaña está muy llena de misterios de planta muy buenas. Póngale cuidado el yatevi, usted conoce el yatevi?

Francy: No , solo en la guías, que hablaban del yatevi, que uno cuando entra en la montaña asi no lo haya visto tiene que decir ya te vi, porque en caso que uno llegue a estar cerca del él se le tira a uno, lo agarra y le hace una herida..

David: Él tiene una cola, es como una cola de un animalito, es una cola así larga en el cogollo, y le pega y usted le dice ya te vi, y apenas lo quema y sino le dice ya te vi le hace una herida

Jesica: Es una herida muy dura?

David: Y se le va dañando el cuerpo por la herida

Francy: Que se cura con el “ya te vi”?

David: bueno, con el “ya te vi” se cura el mismo “ya te vi”, y el “ya te vi” tiene muchas propiedades también

Francy: Volviendo un poquito al tema de la cogida de las plantas , la mujer puede agarrar la plantas en estado de ..

David: en estado normal Si, ya le entiendo, toda planta medicinal o como la llamemos, no se puede coger, estando usted en relaciones con su marido, estando la noche, haciendo el amor, no son épocas de coger las plantas.

Francy: Y a los cuantos días después puede coger las plantas?

David: Si la quiere coger tiene q bañarse, si la necesita demasiadamente tiene que bañarse, todo cuerpo cuando se baña saca la impureza, la mujer cuando tiene la impureza menstrual tampoco puede coger las plantas, no puede utilizar las cosas, tiene que dejar que le pasa el periodo menstrual y ahora sí, más bien cuando usted hace el amor con su marido va y se baña y queda limpia, pero ya con el periodo no, incluso que le metemos tantas cosas , un hombre que tome una mujer con el periodo menstrual queda impuro, desde el amanecer hasta el oscurecer.

Francy: Que es quedar impuro?

David: Quedar impuro es quedar mal, inmundoo..

Jesica: Ósea solo para ir a coger la plantas o tiene otra connotación?

David: puro, tiene que estar limpio.

Francy: No sé qué otra cosa nos puede hablar sobre plantas

Jesica: La mujer se puede adentra en la selva al igual que el hombre o tiene también un límite.

David: La mujer puede entrar en la selva, hay mujeres que entran en la selva y tienen el periodo y víbora que la mire mal, víbora que se muere.

Jesica: pero no hay de pronto que una mujer tiene que entrar limpia a la selva

David: Hombres y mujeres

Jesica: Pero sino no ..

David: Se exponen, Puede haber una culebra lo puede morder

Jesica: Uno para entrar a la selva tiene que pedir algún permiso?

David: No, uno simplemente implora al señor, ora y entra, porque la selva tiene mucho misterio

Jesica: Y sale uno más limpio de allá?

David: Mamita, si usted no ha conseguido novio, como hombre que no consiguen mujeres, entran a las selvas del Micay y quedan...

Francy: Cuales son los espacios que usted identifica en la selva, desde el rio hasta... cuales son los espacios que usted identifica, por su topografía, por su vegetación, por el tipo de suelo, porque estos son blandos, porque estos son duros

David: es que en todos los espacios se consiguen las plantas, hay terrenos secos, hay terrenos húmedos y hay terrenos altos

Francy: Los secos y los húmedos, donde se localizan?

David: Siempre centraditos de los ríos, las partes de las vegas esta trabajados, están talados por la gente, y esos son bejucos son plantas que son desarrollados en el centro de la montaña. Bejucos o enredaderas están dentro de los árboles, eso ahí se buscan, pero ya no mismo, mirando los bejucos dice ese bejuco se llama tal, este sirve para este. Ya, y no solamente hay miedo en el hombre de la perdida de la impotencia, la frigidez esta también es horrenda, es triste, porque muchas veces cuando la mujer quiere tener apetencia sexual y no puede.

Francy: También hay botellas para eso?

David: Para eso estamos hablando de los bejucos de las cosas, de las enredaderas de ahí se saca, de los tubérculos debajo de la tierra, se llaman para huevos o para mujer o para hombre, y ahí se hacen las botellas. Entonces que pasa que la mujer llega a un estado de frigidez pero esta joven, como está pasando hoy casi con la mayor parte de la juventud, especialmente en los hombres, hay hombres muchachos entre 15 , 20 , 30 , 40 años , de 35 pa bajo se vuelen impotentes.

...Cuando una mujer pare, cuando una mujer da a luz, se coge la nacedera, la ortiga, y la hierba buenilla, y se hace cocimiento, se da de tomar y se pringa para que salga la sangre mala, esos dolores de intuerto que le da tan duro, se le da un bebedizo, se le agrega azufre, se le agrega alzama, mansanilla, cilantro en grano, boruá, altamisa, canela, clavo, anís, y se hace un bebedizo y se le da caliente con aguardiente, ..y miel de abeja ..y la mujer pare, y queda cuando se levanta de su dienta, como si no hubiera parido, jovencita, con los cacheticos rosados.

Jesica: Cuál es su concepción, su significado de rural?

David: la cabecera estamos rodeados de una selva, el municipio está dentro de la selva, póngale cuidado a los manglares, todo

Francy: Todo lo que hay que recorrerse, para llegar acá, es ahí que , donde uno está metido acá

David: Tenemos propiamente, nosotros tenemos propiamente un jardín botánico, fuera de un jardín botánico tenemos una selva, que nos evita.. este municipio es rico, uno de los

municipios más ricos del Cauca es este, porque este municipio nos baña lo que es las grandes montañas, por ejemplo la franja grandísima que tenemos en el mar, cantidad de manglares y de natales, usted que puede creer que produce el mangle

Francy: Tiene muchas especies asociadas de fauna al manglar, pero es una cantidad, tenemos todos los moluscos, tenemos el cangrejo, jaiba, las conchas, almejas, jaiba, tenemos por otro lado las aves, los manglares le sirven de anidación a las aves, una cantidad de aves que hasta el nombre se me escapa, otros animales que son terrestres de que son de cuatro patas llega ahí que también muchas personas lo que hacen es cazarlos porque ellos llegan en busca de alimentación, entonces uno se pone a ver toda esa gama de fauna que alberga el manglar y si nos ponemos a ver la flora, es muy grande, entonces ahí es donde los manglares se convierten en un eslabón de vida.

David: Es una vida en nuestro planeta...no la almeja, la almeja no la da el mangle

Francy: Ella no se pega en las raíces

David: La almeja es una pinguita diminuta, esa se cacha de la arena de los bajos, en la parte que llega..en las playas, cuando viene la ola usted coge un aparato, ósea un palo lo que sea, y entre mas le rape a la arena va saliendo una cantidad de almeja.

Francy: En donde ella tiene esas etapas larvarias, sus primeros días de vida?

David: en la arena..la etapa de vida para la piangua es en los manglares, y la piangua centra del mar afuera y pone los huevos allá en los raizales y parte se queda allá, entonces ahí sale la pianguita peludita de nuevamente al mar...formando manchones

Francy: Ahí es donde de pronto, lo que le hacia la pregunta sobre la almeja, que entonces que tal que la almeja tenga un proceso parecido como el que realiza la piangua.

David: no, donde la almeja usted la encuentra...si fuéramos yo le mostraba, vamos a las partes de los arenales, la playa, afuera, y cuando viene la ola algunas van blanqueando ahí, y usted le mete su canasto y va meneando, por eso es que la almeja es una variedad diferente de la piangua, se parecen. La chorga, la chorga si se produce de los manglares, de las hojas del mangle se forman como playones, entonces ya ellas se van pegando, una mazorca así de grande, entonces desde pequeña se va desarrollando, entonces llega a los bajos y la saca y va sacando hasta que son chorgones, y de la chorga se producen las perlas del mar...y el camarón y todas las clases de peces descienden de los manglares, porque en el medio de la orasteras depositan los huevos, menos el bagre, el pez de baba los cría aquí, en la boca, la hembra va poniendo y el macho va tragando y los va embolsando, hasta el tiempo que los va soltando, entonces ellos buscan los orasqueros y ahí se desarrollan...como usted mira López de Micay su municipio, desde abajo? Como le digo todo es selva!

Francy: Todo es selva en la medida que uno se va metiendo, va mirando diversidad de fauna, de una topografía diferente..

David: usted se mete en un manglar en el mar, y se va para dentro, cuando está bien a dentro del manglar y no sabe pa donde va, para allá es claro, para allá es claro, está claro y usted montándose por esas patas de los mangles hasta que se cansa, allá no solo está montada en las patas de los mangles, porque allá está el piacuí, están otros caracoles, caracol en concha ajena (ermitaño), está el cangrejo, el alacho, el tanquero...cantidad de cosas.

Francy: Y cada uno de ellos en qué lugar se ubica, allá na parte firme, un tipo de mangle

David: hay un mangle que se llama mangle caballero y hay otro mangle que se llama mangle concha caimán que se cría adentro en lo firme, el es casi sin pata,... el que se cría en las orillas de los esteros, tiene patas largas como uno, y eso ahí se alberga mucho caracol, muchas algas marinas, y esos musgos que son algas, sirven para el desarrollo de los peces.

...Mire yo por intermedio de la violencia caminamos mucho...cuando fue el 62, nos fuimos a Saija.

Audio numero: 0017

Continuação entrevista, David Ardila.

Francy: Que nos puede hablar sobre cultivo, cuales son los tipos de cultivos, cuales son los procesos que ha realizado desde sembrar una planta hasta que agarrar el fruto

David: platas medicinales?

Francy: Noo cultivos tradicionales, como el plátano, ñame, yuca. Cultivos.

David: Ahhh eso es fácil acá en López, es solo tirarlo y limpiar y ya , y cosechar. Estamos en una selva virgen, acá esto es virgen

Francy: Usted utiliza algún tipo de abono?

David: no, nada, las tierras mías dan platino grande, banano grande, yuca, ñame pa que le digo

Frutales, se siembra el guamo, guayaba, borojo...

Francy: El borojo lo tiene q sembrar?

David: el borojo es sembrado...la papaya

Francy: Cual es el proceso que usted le aplica a la papaya que pueda dar frutos

David: hacer almandigos, y después que se den los almandigos

Francy: Que son almandigos? Un semillero?

David: Almandigo son, es un nombre antiguo no se almasiga, se semilla, y luego se va llevando palito por palito

Francy: Y usted llega allá y lo siembra

David: Y hay q estar limpiando

Francy: Y que otro proceso le realiza para que él pueda dar frutos

David: No las tierras son fértiles.

Jesica: Tiene algunas rotaciones que hace...aquí ya sembré esto voy a dejar descansar el suelo tanto o no?

David: no ve que, para los lados de nosotros las tierras son totalmente buenas

Francy: cuáles son esas? Por aquí cerca

David: tendríamos que salir, acá san pedro hay fertilidad, acá al frente son estéril, son tierras de minería, muy diferente...acá no pega nada, en las lomas no pega nada, y para allá si

Francy: Esos terrenos que usted tiene aquí al frente casi al frente de mi casa son terrenos fértiles?

David: si pero la vega, la isla, pero ya para la montaña no.

Jesica: La montaña entonces son terrenos infértiles

Francy: Que sirven para hacer...

David: Que son estéril, solamente para minería, minería o ganadería también

Jesica: Pero son los que alberga plantas medicinales, ósea q no se pueden tocar

David: Si, la tierra estéril da muchas plantas medicinales ..

Francy: He escuchado que al papayo, hay que quitarle e cogoyo

David: pero algunos que no cargan, es una especie de poda, y árboles que no cargan también se les rama, para que empiecen a cargar

Francy: Como cuáles?

David: El guamo, el caimo

Francy: Que se les quita?

David: Las ramitas

Francy: Las de abajo las de arriba,

David: de abajo, de los lados

Francy: Todo con el objetivo de que surjan de que crezcan

David: De que carguen, de que carguen producto

Francy: Las fases lunares también se emplean para cultivar?

David: Si, porque el cipre que es un árbol, le dice castración o capar, tiene que hacerlo el día de luna llena(...)Si ósea podarlos .

Jesica: Y la luna de cosecha cuál es?

David: La menguante, pero la cogida la hace en cualquier tiempo, pero yo la haría en la menguante

Jesica: Y para sembrar?

David: Menguante

Francy: Cuales son los procesos que se le hace a un terreno para poder sembrar, si yo voy a un lugar y voy a decir, bueno aquí voy a sembrar, y eso está amontado, es decir que tiene un montón de monte

David: Hay que limpiarlo, hay que rosarlo..

Francy: Después?

David: Hay que mirar el suelo como esta, si el terreno tiene agua, se le hay que hacer drenaje o zanja.. se deja un tiempito que escurra y luego se empieza a sembrar..., porque el agua tampoco deja desarrollar las plantas y hay terrenos que no necesitan de eso, no tienen gastos como las montañas altas escurrida.

Francy: Nos puede dividir las zonas en que se cultiva, que se cultiva en esta parte que es más bajita, que se cultiva en eta que no es tan alta ni tan bajita, que se cultiva en la más alta, o si de pronto dependiendo del tipo de suelo que se siembra, si el suelo es arcilloso, es arenoso. Que se siembra?

David: generalmente en la vegas en las islas son arenosas, a esas se les siembra de todo

Francy: De todo cómo cuál?

David: Papa china, yuca, plátano, banano, caña etc

Francy: Otros tipo de suelos?

David: La parte alta se siembra chontaduro también, los terrenos arcillosos son como los terrenos arenosos está en la misma, sino que a la parte alta es menos costos y menos gastos, en las islas se va muchos gastos y mucho tiempo porque se sembró y cada tres meses hay que limpiar y en la parte alta a veces usted se va hasta los seis siete meses para limpiar

Audio numero: 0018

Continuação entrevista: David Ardila.

Jesica: Como usted explica, describe la zona rural en López de Micay?

David: la zona rural es fuera de aquí, esta es la parte urbana, lo rural ya son los corregimientos, las veredas...todo es lo mismo, la parte que es de Zaragoza para arriba son tierras ya buenas, son tierras saludables, de ahí para abajo da paludismo, da enfermedades, pero acá es bien, cero enfermedades

Jesica: El rural seria como las zonas saludables y las ..

David: Las zonas tropicales ..son las zonas enfermizas, se tiene que cuidar, tener buena toldilla, y a las cinco de la tarde no colgar las piernas hacia afuera.

Francy: Porque no?

David: Por hay mucho mosco y ahí le pica. Mira tú estás en una casa, no puedes salir hacia afuera, como hay casa altas. Colgar las piernas así porque muchas veces viene el sancudo el anofeles y le pica el mosquito y ahí lo enferma, mientras usted administra el agua bien, sus bombillas tiene que dar esto aquí en el centro, no tocar para acá no tocar para allá ..

Francy: De pronto Don David usted tiene una creencia que haya vivido, relacionada a una persona, es decir, a un niño recién nacido con una planta, lo que se llama ombligado

David: Pues si se ombligaba antes

Francy: Y ahora no?

David: Pues el que quiera, pues principalmente para qué? Para que usted tuviera fuerza, su hijo tuviera fuerza

Francy: Fuerza física?

David: Fuerza física, y todos se le ombliga, se le rompe el chipera, conoce el palo chipera?

Francy: si

David: se saca ese polvito y se le hecha en el ombligo

Francy: Y es que ellos son bien fuertes, vive en las playas y ellos no se van, crese el rio...tiene toda la razón Don David.

Jesica: Y eso es para que solo se a fuerte?

Francy: Fuerte, inteligente...

Jesica: Tiene para obligar con otras plantas?

David: también los ombligan con angila, se toma la babilla y también lo baña con la anguila, se la pasan por todo el cuerpo

Jesica: Y eso para qué?

David: se desarrolla en inteligencia, en sagacidad, cuando va pelear o va luchar eso es un Como merlusa,

Jesica: Como una baba

David: Como una baba.

Francy: Esa es la misma lisa, o la lisa es otra cosa?

David: Conoce la anguila?

Francy: La anguila si

David: Como es la anguila?

Francy: como una culebra babosa

David: Exacto , esa es ..

Si lo quiere para que sea minero, para que no se le vaya el oro

Francy: Que se hace para que le salga minero y no se le vaya el oro?

David: Ombligado con el oro, se le hecha el orito

Francy: Orito en polvo?

David: si

Entrevistado 4.

Audio numero: 0019

Fevereiro de 2014.

Entrevistado: Antonio Torres Riascos

Idade: 46.

Ocupação: Ecologo e líder comunitário.

Origem: Noanamito- Municipio de Lopez de Micay.

Entrevistadoras: Jesica Wendy Beltran; Francy Garcia Arboleda.

Francy: la parte del cultivo como tal, de la madera como lo manejan?

Antonio: aquí hay una zona de esteros donde se saca la madera, acá arriba se explota la madera por mangas, que son mangas, por ahí yo tengo una foto, y la manga , se roza, se tira unos palos como unos rieles y se va sacando la madera en mangas y se va corriendo así y la otra se saca por cuneta, por cuneta es cuando se hace una zanja onda, en un lugar por lo

menos , se hace una zanja que llega hasta donde está la madera, entonces se tira la madera y como es zona de marea , pues con la marea la gente la va sacando la va empujando y la va sacando por ahí por esa zanja larguísima, esa zanja que conduce hasta el bosque y por ahí eso se llama sacar la madera por cuneta.

Francy: Y la profundidad de la cuneta de cuánto es?

Antonio: Son unas cosas como de dos metros, entonces una troza tiene un volumen y así de grandes entonces caben ahí...esa es la manera como se explota la madera en la parte baja en la parte de montaña donde no hay marea que tiene que sacarla de la loma, se saca por manga , tiene una madera corta una madera larga, la gente las va amontonando, pero te toca rozar una gran parte y ahí se pierde una gran diversidad de bosque, pero digamos entre cuatro, tres, metros, entre cuatro cinco metros a los lados que no son nada, rozan ...aquí es un riel, por aquí hay un riel, por acá otro riel, y esta es la madera y la van sacando por aquí, la van rodando

Francy: Cuales son los tipos de especies de madera?

Antonio: Hay dos tipos, unas maderas blandas y unas maderas duras, pero acá hay unas especiales que la gente dice son maderas de montaña que es la madera que está en parte alta, en López en la parte alta, la especie maderable más importante son: el chachaco, el peine de mono, tenemos el laurel canelo...el peine de mono usted lo ve como una madera blanda, pero es la mejor madera para vaina de los cielos rasos , usted ve que la gente pone arriba el cielo raso , es una de las maderas que no les cae polilla, no la come nada (...) por lo general la gente comienza cortar en menguante para que la madera dure más eso es una tradición que tenemos , pero esa es una madera que tiene gran durabilidad porque no le cae polilla, por eso el peine de mono es un de las maderas especiales para la construcción de vivienda, no porque ahí depende del uso, maderas comerciales para lo que tiene que ver las fabricaciones de ebanistería, entonces sigo hablando de chachajo, el cedro, el laurel, el guabicho, sigue laurel, estamos hablando el nato, le estoy hablando de los más voluminosos que ya son a nivel de ebanistería, después siguen otras maderas que son de montaña pero la gente la utiliza para la ebanistería y también para la construcción de vivienda, tenemos el popa, tenemos el manchare, tenemos el chanur, ...no se puede cortar por lo menos el mangle y el nato, son especies vedadas, pero si las puede cortar para vivienda acá , porque la ley 70 permite , pero para explotación no , porque son especies importantes, el mangle y el nato.

Francy: Que tipo de mangle?

Antonio: Hay de todo tipo, tenemos el mangle rojo, el mangle ...después que sea mangle son especies vedadas, pero el mangle que más se utiliza es el mangle rojo (...) cuando se está formando una zona de manglar, lo primero que sale es el mangle rojo, entonces sale mangle rojo aquí y sigue creciendo para todos los lados, sigue la arena vedada , con el tiempo aquí salen otras asociaciones ... después del mangle rojo sigue mangle blanco...después viene el piñuelo, cuando vuelve a salir , sale mangle rojo

...En la parte alta hay una madera que se saca, no se utilizan las cunetas, se utilizan las quebraditas, las quebradas, hay unas quebradas que son naturales que están ahí digamos que este es el río y hay una afluyente, por acá hay una quebrada, por acá hay una quebrada, quebrada que cae aquí , entonces yo mi destino es caer en el río Micay, pero acá es un bosque , entonces yo que hago ..y cuando crece el río, la gente la va conduciendo al río

Audio numero: 0021

Continuação entrevista Antonio Torres Riascos.

Antonio: La gente ve como urbano, lo que debería ser rural para poder aumentar el recurso de la población en la parte de López de Micay que son como dos mil habitantes nomas, porque

López de Micay es eminentemente rural , en un 90 % un 93% es rural y un 7% urbano, yo había clasificado un 90% porque ya como entro cajagual, cambia esa cifra , nosotros manejamos esa cifra un 90 % rural y un 10 urbano pero por cajagual (...) entonces de ahí para allá es rural , dentro de la parte rural hay una zona que nosotros le decimos de centros poblados rurales, cuales son los centros poblados rurales, son donde están concentrados la mayoría de la gente , centro poblados rurales donde tenemos por ejemplo : San Antonio de Chuare sigue siendo un centro poblado rural, tenemos San Isidro es un centro poblado pequeño, inclusive aquí es donde la gente diferencia los corregimientos que es lo que como está dividido, corregimientos y veredas , lo corregimientos son los que tiene mayor número de habitantes y donde hay urnas de votación, donde hay escuelas inicialmente, donde está la escuela, la iglesia, básicamente, entonces en el municipio de López de Micay tenemos 36 corregimientos y 44 veredas eso es lo que hay en López de Micay.

Jesica: La veredas serían los centros poblados rurales?

Antonio: no, ahí es que vamos a buscar...eso es lo que hay esa es la clasificación los corregimientos y veredas, pero básicamente esos centros poblados rurales serían los corregimientos, aunque hay algunas veredas que las están alcanzando, que ha cambiado con el tiempo a centros poblados rurales, entonces la palabra de centros poblados rurales no se ubica más teniendo en cuenta esto de corregimientos y veredas, sino por el numero poblacional de la gente que está más aglutinado, pero entonces le voy a decir, pero si, nosotros vamos hacer una clasificación ...los centros poblados rurales: San Antonio de Chuare, San Isidro, como yo le dije, Ubiquemos ahora Isla de Gallo, aunque Isla de Gallo es vereda, no es corregimiento, el que es corregimiento es San Isidro porque es más pequeño pero es el más antiguo , Isla de Gallo se generó después , ahora, inclusive Isla de Gallo fue primero que Chuare, que era el que aglutinaba toda la...toda ..desde Zaragoza para arriba hasta San Isidro , eso lo que es , es una vaina histórica, entonces Chuare es un centro poblado rural ... de ahí sigue Zaragoza, ese es un corregimiento y fue cabecera municipal también, de ahí sigue Rotura es un centro poblado rural, pero Rotura tiene las dos características, centro poblado Rural y también tiene una población dispersa, en todas estas veredas, tiene una partecita, que es como la parte urbana , podemos decir como unos núcleos rurales donde está ahí lo más ...pero también hay casas dispersas como por acá...Rotura por ejemplo, usted ve que Rotura lo ubica a un lado del rio allá está el pueblito en esa loma, pero al lado de acá e Rotura y le damos la vuelta usted se mete y es una cantidad de casa más que las que hay en el pueblito, pero entonces eso es rotura, pero entonces hay unas. Dentro de los mismo centros poblados hay unas concentraciones de personas que viven mas unidas en una parte que es como la capital de ahí , pero existen casa dispersas en la ...bueno ya le dije Rotura, otro centro poblado que usted puede colocar Rio Viejo....de ahí sigue Noanamito, de ahí se va a el Trapiche, después acá abajo hay otro que se llama Boca Grande...acá hay otro que se llama Brazo de Coco, pero Brazo de Coco no entraría porque todas las casas están dispersas, entonces Noanamito también es corregimiento, Zaragosa también es corregimiento, Rotura es corregimiento, Rio Viejo no es corregimiento sino vereda, pero es un centro poblado rural, se clasifica desde las veredas pero tiene esa connotación de centro poblado rural ..

Jesica: es vereda para las instituciones y para ustedes centros poblados rurales

Antonio: Si. Sino que nosotros también lo tenemos como vereda y corregimientos, sino como nosotros como ya hemos clasificado los centros poblados rurales que ya le estoy diciendo, donde vivi gente donde hay como el pueblito, porque ahí está la iglesia, ahí está la escuela, ahí está el puesto de salud por lo general, entonces eso tiene una connotación conectada a todo ,por eso tiene eso de centro poblado rural, porque además de estar las casas unidas, ahí está la iglesia, está la escuela y en algunos caso el puesto de salud, pero por lo menos la escuela esta,

está la cancha de futbol, el parquecito, ..Por ejemplo en Isla de Gallo esta la canchita, está la escuela, está la capilla de la iglesia. Hay un centro poblado rural Santana, pero lo sacaron, Santana es un centro poblado rural, existe pero no...el otro centro poblado rural es en Chiguero, via Buenaventura.....ahorita hay un lugar, sitio que es una vereda que tiene unas casitas más o menos de un pueblito que es la Peñita, que es cuando usted viene subiendo que hay una casa bien bonitaLa Peñita es un centro poblado rural, no es una vereda, pero es una vereda con connotación de centro poblado rural ,de ahí para allá todas la comunidades son comunidades rurales dispersas, aunque en los centros poblados rurales hay personas que viven dispersamente, pero aquí solo estoy hablando sobre el Rio Micay, pero atravesado para el Rio Naya, ahí tenemos una situación muy importante, porque halla esta una gran población que pertenece al municipio de López de Micay, alrededor de 15 mil habitantes, porque si López de Micay tiene 28 , casi el 60 % de la población está sobre el Rio Micay, y el 40% 35% está en el Naya por una sola franja, porque en el Naya, en una sola vivienda viven 25 personas, lo que halla se habla, un concepto africano lo que se llama la familia ampliada, por ejemplo halla que pasa en el Naya familia ampliada, ...familia ampliada significa que en una sola vivienda hay tres o cuatro familias, porque ellos viven en el Naya, en ciudades

Aquí en ese margen del Rio Micay hay un poco de comunidades que son centros poblados, y entonces tenemos aquí Betania, ..esta la Sagrada Familia, es centro poblado rural pero del Rio Naya, le voy hablar de los más importantes que yo conozco, tenemos Dos Quebradas, es un centro poblado rural importante porque tiene escuela y todo, tenemos...tenemos la concha que se llama concepción, tenemos San Francisco adentro... y tenemos a Golondro, la parte más poblada del Rio Naya, donde hay más gente es la Concha, San Francisco adentro y Golondro, ahorita mínimo el censo de la Concha estará llegando a unas ochocientas a mil personas y en Golondro también por allá por ese lado , pero estoy hablando ahí sobre el Rio Naya, se me quedo

...este es el Micay , este es el Rio Micay, baje para Noanamito y baje acá , me olvide que acá queda el Rio Sigui, me olvide que acá queda el Rio Chuare, e halla hay otras poblaciones , y me olvide que aca queda otros centros poblados que es sobre el rio Joli, en Joli arribe de López tenemos un centro poblado rural que es importante que es el que se llama España Joly , sobre el rio Joly que está en la parte alta y tenemos otro que le podemos llamar Yucal y Yuyal que queda a la entrada y hablemos de Correntón que queda aquí arribita ...

Ahora sobre el Rio Sigui, ..Santa Cruz del Sigui, ese es un centro poblado rural grande, sobre el rio Sigui afluente del Micay, colóqueme el Charco largo y Cabezitas, y sobre el rio Chuare un centro poblado rural : Playa Grande y el otro es ..que hay una gente bastantica también, que se llama Nacional...estos Nacional, Playa Grande son centros poblados que están sobre el rio Chuare afluentes del Micay, Santa Cruz Cabezita,Charco largo están sobre el Rio Sigui afluente del Micay, y los otros están sobre el rio micay y los que le dije sobre el Naya

...la zona de montaña, hay una zona de casa, donde la gente se dedica a la cacería, pero la cacería la gente también la hace en esas zonas del manglar , en la quebrada, en la orilla de la quebrada la gente también caza, porque hay varios tipos de cacería, hay una cacería que es con perro, donde la gente busca los animales con perro y una cacería que es el aguaitar que la gente se va con linterna de noche, aguaita el animal y lo mata de noche con la escopeta, pero esa caceria se da con yamos , el yampo es cuando usted se mete a la selva la cerca, digamos aca una montaña, aca hay otra montaña, un filo de montaña, pero hay un lugar estrecho donde la gente se va estar pero pasan los animales y siempre va quedando como una huella como un camino, entonces la gente por ahí por ese camino lo deja, le pone una trampa, entonces el animal se tiene que meter obligatoriamente por ahí, eso se llama el yampo o el cercado y hay otra forma como le dije es el aguaitado, hay otra forma de cazar con un zapa que es una

escopeta armada , y hay otra forma de cazar que es con lazos, y en los lazos se caza tanto en esos sitios de acá como también en los sitios de montaña, por qué? , porque los animales buscan la época de cosecha de los alimentos, ahí van más, por ejemplo cuando hay naidi aumenta el tatabro en la parte baja, cuando hay maíz también aumenta, a veces también la gente bajan los tatabros porque querían comerse ese maíz que rosaron ahí, dependiendo de esas épocas de cosechas del año también está ligada la parte de la fauna ...la fauna es diversa sobre todo el territorio y que unas zonas de cacería específicas para cazar con perro, o cercar donde pasan los animales más retirados que están más en la selva, de esos animales que podríamos clasificar unos por lo menos que son migratorios en el territorio, como el caso del tatabro que esos andan por la selva pero que anda también en los sitios de llano porque están asociados a las épocas de siembra, y la gente siembra alrededor del río hasta allá alrededor del río se va, haciendo una claridad entre el venado y el tatabro para nosotros son especies emblemáticas, cuales son las especies emblemáticas, las que tiene un nivel alto de importancia, que le encuentra de emblemático a un tatabro?. Sucede que para nosotros son una especie emblemática porque son los únicos animales con los que se elaboran los instrumentos musicales el bombo y el conuno, donde la gente baila, canta, son con esos con el venado y con el tatabro , en un lado del bombo tiene que se de venado y en el otro lado de tatabro y el conuno se hace de venado, y el uno va de venado y el otro va de tatabro y se junta el macho y el hembra...y que pasaría si se acabaría el venado y el tatabro, no tenemos con que elaborara los instrumentos musicales y eso hace parte de la cultura porque si no hay música y bombo estamos perdiendo una parte cultural y por lo tanto son especies emblemáticas porque si nosotros matamos un venado, imagínese si matamos todos los venados y todos los tatabros no tendríamos como elaborar los instrumentos musicales y no tendríamos como escuchar ese sonar de ese bombo, ese sonar de conuno, es como la chira (es una planta) también es una especie importante para nosotros y de ahí sacamos el material para elaborar el guasa ,

Jesica: todas las actividades económicas se dan alrededor del río, y es pequeño en comparación a todo el territorio selvático, como sería esa diferenciación entre esas dos espacios?

Antonio: le digo que esas categorías. Rural y la selva, cual es el concepto, rural lo que está aquí en esta parte y la selva lo que está allá en la montaña, en las colinas bajas y las colinas altas ...nosotros lo que tenemos son los espacios de uso, es una clasificación que nosotros le damos y tiene una connotación importante, nosotros decimos bueno, si la gente caza , eso es una zona de cacería, si la gente recolecta ..en el caso que especies se recolectan acá? Se recolecta naidi, se recolecta ...es una zona de recolección como lo es la parte del manglar que el manglar que hay unas zonas donde las personas hacen aprovechamiento de recolección de especies no biológicas, cual es la clasificación ahí, nosotros tenemos una vaina que se llama, lo que está alrededor de la casa nosotros le damos nombre de patio, lo que está entre la casa y el monte allá, le llamamos bosque amansado (...) de la casa del río para dentro y del río para fuera eso se ..ósea de la casa hacia el río eso le damos el nombre de patio, eso es lo que queda al frente de la casa, de ahí hasta allá, le llamamos bosque amansado, que es el bosque que queda entre lo que la gente roza y la selva y lo que está más allá para llegar a la selva se le da el nombre de monte bravo..

Francy: Y lo que está más allá del monte bravo?

Antonio: Eso ya le llamamos la zona selvática, selva...entonces tenemos el patio (...) entre el río y la casa se llama pampa, y todo lo que está alrededor de la casa se llama patio y ahí más adentro yendo para el monte, eso se llama monte amansado.

ANEXO IV – Roteiro de oficinas de Cartografia Social.

Oficinas: Mapas do uso da terra de passado, presente e futuro do município de Lopez de Micay.

1. Mapa do uso da terra do passado no município de Lopez de Micay.

- **Objetivo:** desenhar um mapa com a o comunidade do município de Lopez de Micay do uso da terra do passado.

- **Perguntas orientadoras:**

Quais são os lugares mais importantes do município de López de Micay?

Que usos tinham estes lugares no passado?

Que características tinham estes lugares?

Você pode localizar estes lugares?

Que tipos de cultivos tinham?

Que indivíduos tinham presença nestes lugares?

Como vocês produziam? Forma convencional? Que usam para a produção?

Qual seria a idade do mapa? Que ano?

Como gostariam de produzir? Eram só cultivos de Subsistências?

Comercializaram essa produção? Onde com que outros municípios?

Eram só cultivos de Subsistências? .

Quais são as principais dificultades que vocês têm para cultivar? Financiamento?

Comercializar? O solo?

A mão de obra é familiar, de fora? Que fazem? Trabalham fora? Trabalham na propriedade?

Resservem assistência técnica de parte do Estado? Algum agrônomo?

Como vocês faziam com a rotação de culturas? Como se desenvolve seus a produção?

Tipo de sementes vocês usam?

2. Oficina: Mapa do uso da terra do presente no município de Lopez de Micay.

- **Objetivo:** desenhar um mapa com a comunidade do município de Lopez de Micay do uso da terra do presente.
- **Perguntas orientadoras:**

Quais são os lugares mais importantes hoje?

Quais são as características destes lugares?

Você pode localiza-los no mapa?

Que usos têm?

Que indivíduos da comunidade tem presença nestes lugares?

São lugares seguros? Ou inseguros?

Quais são considerados espaços urbanos quais rurais? Por quê?

Que característica tem? O que os faz diferentes? Que relações tem estas dois zonas?

O que significa o rural para vocês?

3. Oficina: Mapa do uso da terra do futuro no município de Lopez de Micay.

- **Objetivo:** desenhar um mapa com a comunidade do município de Lopez de Micay do uso da terra do futuro.

Participantes:

Nome	Idade	Estado civil	Nº de filhos	Nível de instrução	Ocupação	Onde trabalha?	Renda	Contato